

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**TRADIÇÃO E MODERNIDADE**  
**EM GOIÂNIA**

**ADRIANE ALVARO DAMASCENA**

**GOIÂNIA, 2000**

**ADRIANE ALVARO DAMASCENA**

**TRADIÇÃO E MODERNIDADE  
EM GOIÂNIA**

**Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em  
Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da  
Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para  
obtenção de título de Mestre, sob a orientação da Prof.  
Dr<sup>a</sup>. Anita Cristina A. Resende**

**GOIÂNIA, 2000**

**ADRIANE ALVARO DAMASCENA**

**TRADIÇÃO E MODERNIDADE  
EM GOIÂNIA**

**BANCA EXAMINADORA**

W. Boreiro

Luana de S. Cavalcanti

[Signature]

**GOIÂNIA, 2000**

## Agradecimentos

Muito do que pode ser encontrado neste trabalho foi sendo amadurecido no decorrer das disciplinas do Mestrado em Educação Brasileira - MEB-UFG - e das discussões com colegas e professores. Esses momentos foram muito ricos para a realização deste estudo.

Agradeço a Albertina Vicentini, Manuel F. Lima Filho e Cinthya M. C. Rodrigues pelos frutíferos diálogos que cada um proporcionou. A Rosângela, pela leitura e revisão do texto.

A Paulo Jobim, responsável pela minha vinda e permanência em Goiânia, o que permitiu um fecundo encontro composto de alteridade e estranhamento com a cidade, além de acompanhar e contribuir, tanto objetivamente como subjetivamente, em todas as fases deste trabalho, meu particular agradecimento.

Finalmente, agradeço à prof.<sup>a</sup> Anita C. A. Resende, pelo rigor e pela paciência que demonstrou no acompanhamento deste projeto permitiram-me chegar ao fim desta jornada e contribuíram para o que há de mais concreto na minha formação, ora por mostrar a complexibilidade que constitui a realidade, a sua "neblina"; ora por apresentar caminhos e procedimentos que permitiam "desanuviar" essa mesma realidade. "O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia." Seu papel nessa travessia foi fundamental.

“ É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeças que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa... As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem o outro bastam para sustentar suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.”

Italo Calvino (*As cidades invisíveis*)

## Resumo

O objetivo da presente dissertação é procurar compreender como se apresenta a tradição e a modernidade na cidade de Goiânia.

Por entender que a cidade é um espaço privilegiado de grandes mudanças e aceleradas transformações ela é, aqui, vista e apreendida no tempo e no espaço dimensionados pela modernidade. Ao se detectar rupturas e continuidades existentes na cidade de Goiânia, procura-se entender melhor como são as formas de socialização pertinentes ao momento histórico e ao espaço geográfico.

Busca-se verificar, portanto, a relação entre os elementos arcaicos e modernos presentes na realidade urbana, realidade esta que se mostra carregada de continuidade e rupturas e onde está depositada formas de tensão vividos na modernidade.

A cidade é vista pelos olhos do adolescente da rede pública estadual, do ensino Fundamental e Médio. Os dados desta pesquisa foram coletados através de questionário aplicados em escolas de diferentes áreas da cidade, na tentativa de ter uma visão mais ampla possível da população, sobretudo das classes populares onde as contradições presentes na sociedade parece ficar mais evidente.

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	07
1.1 - Caracterização do estudo: delineando a socialização	10
1.2 - Um objeto em construção: a socialização	13
1.3 - Questões metodológicas	19
1.4 - Estruturação do trabalho	22
<b>Capítulo 1 - O Espaço e a Cidade Moderna</b>	25
1.1- O espaço e a cidade: a constituição de uma categoria	25
1.2- A cidade moderna	37
<b>Capítulo 2 - Cultura : Tradição e Modernidade</b>	46
2.1- Espaço das temporalidades: a modernidade	49
2.2- Tradição na modernidade	52
<b>Capítulo 3 - A Cidade de Goiânia</b>	57
3.1 - A construção de uma promessa	58
3.2 - A configuração da cultura goianiense	61
<b>Capítulo 4 - Análise dos Dados</b>	70
4.1- Apresentação dos dados	70
4.2- Análise dos dados. Goiânia: a tradição na modernidade	76
4.3- A modernidade na tradição	86
4.4- A escola na cultura moderna	91
4.5- A família enquanto mediação	95
4.6- Socialização e cultura moderna	100
4.7- A indústria cultural	105
4.8- Cultura como tradição	109
4.9- O adolescente e cultura moderna	112
<b>Considerações Finais</b>	117
<b>Bibliografia</b>	119
<b>ANEXOS</b>	

## Introdução

O tema da modernidade pode ser pensado de diversas maneiras e sempre traz consigo constantes controvérsias, que giram muitas vezes em torno das questões filosóficas e epistemológicas que envolvem a crise dos princípios iluministas como projeto de civilização. Trata-se de uma temática fundamental porque diz respeito a projetos inaugurais da ciência, da razão, da sociedade, do indivíduo, enfim, da história, que irão impregnar o mundo em todas as suas esferas e dimensões.

Neste trabalho, a modernidade interessa como prática social e visão de mundo que caracterizam uma determinada época. E ao mesmo tempo, como momento de grandes e aceleradas transformações instituintes de uma racionalidade que se espalha por todas as esferas da sociedade, inclusive no espaço físico. Nessa perspectiva, a cidade poderá ser vista como emblema, como expressão mais visível da modernidade.

A cidade enquanto espaço urbano é o cenário onde se configura a modernidade, pela racionalidade e funcionalidade que contém, que institui e pelas quais é instituída. A cidade na sua versão urbano-industrial é uma invenção do mundo moderno. Nessa perspectiva, Goiânia pode ser vista como cidade moderna, espaço da modernidade e, ao mesmo tempo, espaço de contradições.

O mundo moderno e, em especial, a cidade moderna dispõem a todo instante de uma 'nova' promessa de uma 'nova' forma de vida, que espanta e encanta ao mesmo tempo. Entender a modernidade é entender a própria história, nas suas rupturas e nas suas continuidades. Entender a modernidade implica, portanto, a busca da articulação entre a tradição e a modernidade, entre o pretérito e o presente, entre o arcaico e o contemporâneo.

Frente às transformações pelas quais as cidades, de uma maneira geral, vêm passando, nada permanece o mesmo, "tudo que é sólido se desmancha", as relações entre os indivíduos se alteram, as experiências de tempo e espaço se modificam, pois:

Os ambientes e experiências modernos cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da



desunidade; ela nos atroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. (Harvey, 1992: 21)

Considerando a dinâmica inaugurada pelo mundo moderno, impregnado de contradições, é importante elucidar, como ponto de partida, o tipo e a forma de socialização que se efetivam no espaço urbano. Entendendo a socialização como ponto de inflexão permanente e insuperável entre o indivíduo e a sociedade, é possível encontrar na especificidade da cidade de Goiânia um momento extremamente fértil no que concerne à compreensão da convivência do arcaico e do moderno no espaço urbano.

De outra parte, a socialização será tomada aqui como experiência do adolescente, elemento tornado heurístico na sua crise e, justamente por isso, uma via fértil para a compreensão da realidade. Num sentido amplo, o adolescente enquanto sujeito em 'crise' é um elemento que mostrará, com seus olhos agudos, seus passos indefinidos e seus projetos, a cidade de Goiânia. A escolha do adolescente está no seu reconhecimento como um sujeito em busca de referências e identidades. Quase um *flâneur* benjaminiano, que mostra a cidade.

Pelas mãos dos adolescentes, buscar-se-á os arcaísmos presentes na cidade de Goiânia e pertinentes à sua modernidade, que não dissolveu todas as fronteiras com a sociedade tradicional da qual procedeu, permitindo uma convivência dinâmica que chama atenção na sua particularidade decorrente do modelo de racionalidade que faz funcionar.

O ar de pesar com que geralmente se trata a racionalidade dominante do sistema capitalista é decorrente dos seus efeitos sobre os homens, ou seja, sobre a sociedade, ao demonstrar que "o mal não deriva da racionalidade do nosso mundo mas da irracionalidade com que essa racionalização atua" (Adorno e Horkheimer, 1973:98). E é essa irracionalidade da qual a sociedade está impregnada,<sup>1</sup> e que não pode ser ignorada. Como elemento da sociabilidade,

---

<sup>1</sup> Para Giannotti, qualquer tipo de sociabilidade presente na sociedade capitalista é decorrente dos desdobramentos das formas de capital (mesmo os que lhe parecem contrários), seja como valor, sob a forma de dinheiro, de processo produtivo, de mercadoria, "todos desenhando a figura contínua e simultânea do capital social, este objeto social que se presentifica a si mesmo". Portanto, na sociedade capitalista, não faz sentido buscar um eixo de entendimento, mas o movimento dado pelo equilíbrio da

Homens e mulheres modernos precisam aprender a aspirar a mudança: não apenas estar aptos a mudanças em sua vida pessoal e social, mas ir efetivamente em busca das mudanças, procurá-las de maneira ativa, levando-as adiante. Precisam aprender a não lamentar com muita nostalgia as 'relações fixas, imobilizadas' de um passado real ou de fantasia, mas a se dedicar a mobilidade, a se empenhar na renovação, a olhar sempre na direção de futuros desenvolvimentos em suas condições de vida e em suas relações com outros seres humanos. (Berman, 1996:94)

Esse é o ritmo da socialização moderna. Entendê-la implica visualizar um ideal de bem-estar, que decorre dessa estratégia de sobrevivência.

A modernidade fascina na medida em que permite e contribui para a sociedade se apresentar em movimentos de sentidos opostos, como sinal de progresso. Isso é um fato que se confirma quando se vê que o progresso se fundamenta no progresso material, mas arrasta consigo o empobrecimento espiritual, de forma que o conhecimento científico não livrou da alienação as massas, ao contrário. Nenhum poder de encantamento, mesmo o mais arrojado, por mais sedutor que seja, conseguiu apagar nas sociedades a servidão humana que se perpetua até hoje.

A cultura da modernidade contribui de certa maneira para neblinar a base real das distinções econômicas, que produzem contradições cada vez maiores. A cultura ajuda nesse embaçamento, uma vez que toma proporções de uma segunda natureza, *fetichizando* as relações na própria sociedade. A cultura funciona como ponto fundante na articulação da reflexão acerca da sociabilidade, mas sem perder de vista que as relações econômicas nos moldes capitalistas é que fundam a sociedade moderna. O estudo da cultura leva a ver como a sociedade funciona nas suas peculiaridades mais arraigadas.

A relação entre a tradição e a modernidade pode ser relativizada à medida que tanto a tradição sofre os efeitos da modernização, quanto a modernização se constitui enquanto tal em face da tradição. Isso sinaliza muitas vezes para uma modernização conservadora.

---

mediações. " (...)a socialização que se tece a partir desse intercâmbio tem como fundamento uma violência originária. a apropriação dos meios de produção...Violência originária que não se confunde com o ato original. como se fosse um pecado instalado. para todos os tempos posteriores. uma forma de sociabilidade: pelo contrário. ele se presentifica a cada instante em que o trabalho retorna a se aliar com

A compreensão do que venha a ser a relação entre a tradição e a modernidade leva a entender como Goiânia, uma cidade moderna, ergueu-se numa área especificamente rural, como é Goiás. Está em causa que a relação 'contínuo e descontínuo' na sociedade que deve ser apreendida enquanto a dimensão das relações que se estabelecem entre os homens. Por isso, a importância de estudar as configurações da tradição e da modernidade na cidade de Goiânia, uma vez que é preciso não perder de vista que a sociedade brasileira - e, especificamente, a goiana, - é composta por uma diversidade complexa.

### **1.1 - Caracterização do estudo: delineando a socialização**

A socialização é uma forma de ressonância das configurações econômicas, sociais e culturais de determinada sociedade.

Quando se fala de socialização, deve-se buscar apreendê-la tanto no espaço - a cidade, o espaço urbano - como no tempo, a modernidade. O espaço urbano que interessa é a cidade de Goiânia, e a modernidade é compreendida, enquanto organização social, como estilo de vida, como um modo de ser advindo de um determinado tipo de racionalidade; racionalidade que se origina no modo de produção que se espalha por todas as esferas da sociedade, tanto no espaço como no tempo.

A socialização refere-se a uma relação que carrega uma tensão entre indivíduo e sociedade e implica tomar a compreensão do processo de constituição do ser social.

Nessa perspectiva, recorrer-se-á primeiro a Hegel (Resende, 1992), que permite compreender que a constituição do ser na sua inserção na realidade, passa por três movimentos básicos: a exteriorização, a objetivação e a interiorização. Não se pretende descrever cada um deles, mas apenas registrá-los como movimentos pelos quais o sujeito se enfrenta com a realidade. É através desses movimentos simultâneos, uma vez que não há uma sequência temporal entre eles, que o indivíduo "exterioriza seu próprio ser no

mundo social e interioriza este último como realidade objetiva” (Berger e Lukmann, 1999:198).

Na relação entre indivíduo e sociedade, o mundo social integra o processo de construção da subjetividade, e é nesse processo que se compreende a sociabilidade, comportando aqueles momentos já mencionados. A sociabilidade deve ser entendida de forma mais ampla. Em outras palavras, como constituição relacionada com as formas da sociabilidade, subjetividade é a formação histórica e o modo de pensar de determinada época. Portanto, ela interessa enquanto forma racional dessa época.

Assim, é preciso não perder de vista que a própria consciência se configura através da história, o que nega qualquer caráter essencialista que possa ser atribuído à socialização.

A consciência nunca encontrará pura e imediatamente a objetividade. A consciência, como subjetividade, ao se reportar ao objeto, captando-o na sua objetividade, já o encontrará sempre impregnado de outras consciências, que naquele objeto se depositaram. Esse encontro se dará sempre pela mediação que carrega conceitos produzidos historicamente: não há, portanto, nenhum estágio primordial no qual a objetividade se imponha como pureza absoluta. (Resende, 1992: 44)

No indivíduo, o contato com a realidade implica reconhecer que os acontecimentos fazem sentido a partir da relação com os outros. Portanto, não há anterioridade ao outro, ou seja, a socialização é condição fundamental da existência humana. É nessa relação que o homem vai constituindo uma subjetividade significativa, que diz respeito a ele e ao outro. Nesse sentido, pode-se dizer que a ‘interiorização’ constitui o movimento de entendimento do outro e da própria sociedade na qual se está inserido. O mundo é apreendido como realidade social impregnada de sentido.

A compreensão do mundo através da interiorização é o primeiro passo no processo de socialização, é a “introdução do indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela” (Berger e Lukmann, 1999:175).

A exteriorização do indivíduo é a própria sociedade. A atividade humana em sociedade, a relação com os outros, é exteriorização e, ao mesmo tempo, a forma de apropriação da vida humana. É como a história se constitui.

A exteriorização da consciência é campo de risco e possibilidade de emancipação: no encontro com outras consciências, a consciência se constitui e essa mediação com a realidade objetiva é o lugar onde, no limite do risco, ela se encontra e pode se perder. (Resende, 1992:46)

Socialização e sociedade se constituem simultaneamente, e a trama entre elas é tecida pelos homens, numa dependência mútua.

O caráter social é, pois, o caráter geral de todo o movimento; assim como é a própria sociedade que produz o homem enquanto homem, assim também ela é produzida por ele...A essência humana da natureza não existe senão para o homem social, pois apenas assim existe para ele como vínculo com o homem, como modo de existência sua para o outro e modo de existência do outro para ele, como elemento vital da efetividade humana; só assim existe como fundamento de seu próprio modo de existência humano. Só então se converte para ele seu modo de existência natural em seu modo de existência humano, e a natureza torna-se para ele o homem. (Marx, 1978: 09).

Historicamente, o trabalho é uma mediação fundamental no processo de socialização porque é, ao mesmo tempo, objetivação e alienação e determina formas de ser social bem específicas, correspondentes às condições de uma determinada época.

O trabalho permite uma compreensão da realidade e do homem na sua constituição e nas suas especificidades. Assim, é possível verificar a conotação da historicidade como resultado da produção do homem, numa junção da atividade humana e histórica, determinando o conjunto das relações sociais e da própria socialização.

Por fim, não se pode esquecer que os nexos que compõem a subjetividade são os mesmos nexos constitutivos da objetividade, da racionalidade e da inteligibilidade de uma determinada época histórica. Ao se buscar compreender a racionalidade que está presente na sociedade, encontrar-se-á os nexos que fundam suas formas de socialização, e vice-versa.

## 1. 2 - Um objeto em construção : A socialização

O homem, ser social e individual, passa por processos históricos pelos quais ele é constituído.

A primeira fase é conhecida como a infância, na qual ocorre a socialização primária. Na infância, o homem se introduz na sociedade, e é nessa fase que se fixa eixos importantes, que vão acompanhá-lo pelo resto da vida, ou por afinidade ou rejeição. A importância dessa fase é em decorrência de ela ser o ponto inicial no percurso da socialização, no qual o homem encontra os primeiros nexos que se encarregam dessa mesma socialização.

Na infância, é a família a primeira e a principal mediadora entre o homem e a sociedade, na qual ele adquire valores. Esses valores, introduzidos na infância respondem muitas vezes a atitudes posteriores. Os indivíduos que, desde a sua infância, tenham inserido no seu processo de socialização elementos como cooperação e respeito mútuo, como regra de convivência, têm maiores chances de se tornar adultos mais autônomos, na medida em que respeitam o outro e, dessa forma, compreende o mundo.

A idéia de infância, tal qual a compreendemos hoje, surge simultaneamente ao sentimento de família e ao desenvolvimento da educação escolar. Certamente não se trata de uma coincidência. Tais transformações resultam da organização das relações sociais de produção da sociedade industrial. (Miranda, 1993:126)

No entanto, na sociedade atual há um contínuo enfraquecimento da família, pois ela vem perdendo sua função social e sua importância como uma das primeiras mediações que possibilitam ao indivíduo um contato mais fortalecido no enfrentamento com a realidade - o que ameniza um pouco essa situação é a inserção da criança na vida escolar, que começa cada dia mais cedo.

Tal constatação refere-se às crianças que estão no perímetro urbano, ou seja, nas cidades. Ligadas desde muito cedo à atividade escolar, essas crianças têm na escola ao lado da família, uma das primeiras experiências de socialização.

Na escola, a criança vive um processo de socialização qualitativamente distinto, passando a internalizar novos conteúdos, padrões de comportamento, e valores sociais. Será submetida a novos processos de internalização da realidade social, pela mediação de novos veículos sociais. (Miranda, 1993:134)

Além da escola, existem os meios de comunicação, presentes no cotidiano das crianças desde muito cedo. O progresso dos meios eletrônicos de comunicação, como rádio e a televisão, contribuem para dissolver mediações como família e escola.

As sociedades contemporâneas apresentam redes de comunicação que, cada vez mais, põem em confronto grupos com diferentes normas, valores e convicções a respeito das técnicas adequadas para a socialização de crianças e dos valores que devem ser transmitidos. Esses são elementos que colaboram para minimizar o papel da família no processo de socialização já desde a infância.

Os valores apresentados às crianças pelos meios de comunicação nem sempre são compatíveis com os da família, o que alimenta desde cedo conflitos que, na adolescência, serão acirrados.

Muitas das alterações biológicas, dependendo da época em que ocorrem, são consideradas ou ignoradas em função de mudanças da sociedade e da história.<sup>2</sup> Por isso, pode-se dizer que o estudo da socialização é, na verdade, a compreensão dos efeitos, sobre os homens, da sociedade 'criada' por eles mesmos.

Eu sou tal como o rei de um chuvoso país.  
Rico, mas impotente, novo e já senil,  
Que, ignorando as mesuras dos seus preceptores,  
Se enfastia com os cães e os animais da corte.  
Nada pode alegrá-lo, nem falcões, nem caça.  
Nem o povo a morrer diante da sacada.

.....

O sábio que lhe faz o oiro nunca pôde

<sup>2</sup> Philippe Ariès, em seu livro: *História social da criança e da família* (p.156), mostra como o conceito e o sentimento de infância e família podem ser desnaturalizados, transformando-se de acordo com a própria história. "(...) na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento de infância não existia - o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas (...) O sentimento de infância não significa o mesmo que a afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a crianças do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia."

Extirpar do seu ser o elemento podre  
 E nos banhos de sangue, herdado dos romanos,  
 Que poderosos lembram com o passar dos anos,  
 Não soube reaquecer o cadáver inerte  
 Onde em lugar de sangue corre água do Letes.<sup>3</sup>

Esses versos do poema *Spleen*, de Baudelaire (1993:195), falam dos sentimentos de tédio e angústia presentes nas sociedades modernas, especificamente na vida urbana. Pode-se apontar o jovem (adolescente) como o rei dessa sociedade (que tanto valoriza o tempo presente) pelo que apresenta de vigor e fragilidade. A imediatez e a radicalidade nas quais ele está imerso o fazem mais facilmente sucumbir diante do desenraizamento promovido pelo esquecimento, nesse cenário urbano que tanto cria necessidades para esses adolescentes e os fazem esquecer o que de fato se faz necessário para sua própria constituição.

O perigo da supervalorização do jovem e do destaque que se dá à juventude é a ética e a estética de uma minoridade permanente, que vai contra a possibilidade da maioria. Não há porque crescer, é bom ser 'eternamente jovem', o prolongamento da adolescência evita, um possível enfrentamento com os problemas da realidade. Para Rouanet (1993:62), existe uma dupla função na sociedade atual: exorcizar uma autonomia que ameaça a sua manutenção e constituir uma fonte de lucros, uma vez que, para essa faixa etária há uma série de produtos comerciais como roupas, refrigerantes, perfumes, que os faz existir sobretudo como consumidores.

Independentemente das possíveis manipulações do mercado com relação à adolescência, nessa fase do amadurecimento humano ocorrem mudanças bastante significativas, tanto em nível externo como em nível interno. Três são os pontos básicos que configuram a adolescência, segundo a maioria dos autores, que, apesar de divergirem acerca de como se manifesta cada um deles concordam que a adolescência implica mudanças fisiológicas da puberdade, acompanhada pelo desenvolvimento intelectual e ainda pela ampliação das relações sociais. Sem dúvida, essas mudanças são, de certa maneira, qualitativas, uma vez que o amadurecimento é tanto mental como afetivo. Por isso, elas constituem, reconhecidamente, uma das fases mais conturbadas da vida.

<sup>3</sup> Letes \_ Um dos rios do inferno. cujas águas calmas propiciavam aos mortos o esquecimento.



É nessa fase que o indivíduo

desenvolve os pré-requisitos de crescimento fisiológico, maturidade mental e responsabilidade social que o preparam para experimentar e ultrapassar a crise de identidade(...) a formação da identidade entalha um conjunto bastante complexo de relação entre os diversos estágios do desenvolvimento humano, e a adolescência está assentada no meio do caminho. (Gallatin, 1986: 211)

É na adolescência que o homem estabelece laços próprios de socialização, quando aparecem os amigos, que, pouco a pouco, vão tomando o espaço antes pertencente aos pais.

(...) ampliado seu círculo de contatos sociais, o adolescente pode se tornar consciente do fato de que há uma série de objetivos diferentes em choque, aos quais este deve se submeter. O estado, sua namorada, seu patrão, seus pais e seus amigos, todos têm um impacto próprio sobre ele e, como resultado, ele pode começar a experimentar um sentido de 'confusão de autoridade'. Para resolver esta confusão, ele deve comparar estes valores divergentes com os seus e formular uma crença pessoal (Gallatin, 1986: 219)

O afastar-se dos pais ocorre porque o adolescente procura uma identidade própria. Mesmo que nem sempre tenha resultados qualitativos de ordem prática, é fundamental que faça esse percurso para que se sinta mais maduro e autônomo.

Diante desse crescimento em vários níveis, pode-se ver que as mudanças entre a infância e a adolescência são bastantes significativas.

Essa nova forma de encarar o mundo quase sempre se contrapõe à visão de mundo anteriormente apreendida, uma vez que a adolescência é a fase da "integração" do indivíduo em formação com o universo dos adultos em vários aspectos - essa inserção é construída passo a passo através da vivência e do amadurecimento.<sup>4</sup> É nesse

<sup>4</sup> Muitas são as teorias acerca dessa fase, e do fato de ela implicar uma crise ou não, muito embora a passagem da adolescência para a fase adulta varie de sociedade para sociedade. Mas ela sempre significa a passagem para a fase adulta, portanto o momento em que se fixam os valores socialmente elaborados. A maior crítica acerca da tese de que a crise é algo específico da adolescência é por que ela parte do princípio de que as outras fases da vida humana sejam tranquilas, o que é um engano, uma vez que a tensão faz parte da vida do homem. Nunca vai haver esse momento de completude, uma vez que a própria sociedade é repleta de contradições. "A palavra socialização é freqüentemente usada para referir à aprendizagem em pré-adultos, mas, como processo que ela descreve, continua em vários contextos no decorrer da vida dos indivíduos que vivem numa sociedade complexa, torna-se artificial e desnecessária a

amadurecimento que se dá a descoberta de que o mundo apresentado pelos pais não é o único mundo existente, que existem outros possíveis.

Tanto na adolescência (e mesmo na infância), como fase de afirmação própria da idade, quanto na sociedade urbana de uma maneira geral, há um enfraquecimento "A família, que é inicialmente a única relação social; torna-se em seguida uma relação subalterna, quando as necessidades acrescidas geram novas relações sociais e o aumento da população gera novas necessidades" (Marx, 1989:24). Assim, a família, como mediação na fase da adolescência, na sociedade moderna, tem seu papel reduzido em função das novas formas de ver o mundo a ser apreendidas pelos adolescentes, com a ajuda de uma série de necessidades postas pela sociedade.

As informações e os valores apresentados ao indivíduo nessa fase são muitas vezes apreendidos, diante da abstração que agora lhe é possível e da quantidade de informações que ele pode ter acesso e pode compreender. Isso faz com que esses novos valores não tenham a mesma adesão que os apreendidos na infância.

Essa relação entre indivíduo e sociedade é uma via de mão dupla, um constituindo o outro. Claro que os adolescentes não podem construir a realidade de acordo com a sua vontade, mas conforme as condições postas pelo momento histórico. Portanto, essa é uma relação fluida, na qual é preciso ficar atento para que não haja inclinação mais para um lado que para o outro.

A adolescência é uma fase transitória pela qual passa todo ser humano, e que é fundamental na própria formação do indivíduo. Por ser a idade do conflito e ao mesmo tempo da integração, o adolescente busca outros referenciais fora da família, o que vai levar à formação da identidade. Também pode se deparar com muitos desencontros, considerando que uma racionalidade se espalha como a única possibilidade, exercendo um poder de dominação que é difícil ao adulto resistir, e que o adolescente tem de estar preparado para encarar. Uma sociedade bastante conflituosa, que impõe um ritmo irresistível.

---

distinção entre socialização do pré-adulto e do adulto." Robert D. Hess. *Influências da classe social e étnicas na socialização*. In: *Psicologia da criança*. São Paulo: Edusp. 1973. 337.

Por isso, considera-se o adolescente como o sujeito ideal para apresentar a dinâmica da sociedade goianiense atual. Segundo os teóricos, a adolescência é a fase de constituição formada através de estruturas morais universais, que levam à etapa adulta. Portanto, a adolescência é importante, pois oferece ao homem adulto os elementos necessários para que ele se torne apto cognitivamente para chegar à maioridade. Muito embora na sociedade atual esses elementos, apesar de presentes, estejam neblinados e difíceis de ser apreendidos, o adolescente passa pelo momento de reconhecimento e escolha, quer pela via de adesão, quer pela da negação, o que permite que a maioridade seja possível.

O que significa que todos os adultos têm a capacidade, pelo menos potencial, de relacionar-se como o mundo normativo de um modo autônomo, sem submissão cega às autoridades, e com plena consciência de que as regras são transformáveis, desde que as modificações se façam por acordo entre as partes interessadas, e levando em conta os pontos de vista de todos. (Rouanet, 1993: 83)

Por outro lado, sabe-se que a autonomia individual só se realiza através de dispositivos sociais que a assegurem, e esses dispositivos só se reforçam com a ação do indivíduo autônomo.

Através do adolescente, pretende-se ver como o homem da sociedade moderna enfrenta as condições postas por ela, e quais as implicações desse enfrentamento ou da adesão, vistas na perspectiva de quem está se formando, numa constituição mútua.

O homem \_ por mais que seja um indivíduo particular, e justamente é sua particularidade que faz dele um indivíduo e um ser social individual efetivo \_ é, na mesma medida, a totalidade, a totalidade ideal, o modo de existência subjetivo da sociedade pensada e sentida para si, do mesmo modo que também na efetividade ele existe tanto como intuição como gozo efetivo do modo de existência social, quanto como uma totalidade da exteriorização de vida humana. (Marx, 1978: 10)

### 1.3- Questões metodológicas

A par de que esse não seja um estudo sobre adolescência, é interessante observar que as possibilidades em termos de estudo com adolescentes são amplas. E que este trabalho é centrado apenas nos adolescentes das classes populares, tendo em vista que essa parcela da população é bastante significativa na cidade de Goiânia e, assim, representativa dela. Ao mesmo tempo, elementos das contradições sociais estão mais visíveis nesse segmento. A diferença de classes presente na sociedade apresenta particularidades em cada uma delas que não podem ser ignoradas. No que se refere às classes populares, elas estão sempre em estado de mutação, sempre inquietas, seja na busca de melhores condições de vida social ou na direção de uma ascensão pessoal. É o ponto em que as contradições são mais latentes e, certamente, de mais fértil apreensão.

Como, ainda assim, tal recorte é muito amplo, afinou-se ainda mais esse universo. A forma encontrada foi considerar apenas os adolescentes matriculados em escolas públicas. Verificou-se, assim, a possibilidade de este estudo ser feito tanto na rede pública estadual como na municipal. Mas o contato com os dados empíricos afastou essa possibilidade, pois o ensino oferecido pelo município limita-se especificamente ao primeiro grau.

Desse modo, o fato de a rede de ensino municipal priorizar apenas o primeiro grau eliminou a possibilidade de pesquisar essa esfera da rede pública, já que ela não abarca em sua totalidade, o segmento da população objeto deste trabalho, os adolescentes, mas apenas uma parcela dele. Ao eliminar essa fonte de dados em função da inadequação do sujeito como um todo, a coleta de dados foi direcionada à rede pública estadual. Portanto os adolescentes da rede pública estadual de ensino foram tomados como sujeitos desta pesquisa, e a rede estadual, o campo de pesquisa.

A partir daí, o trabalho concentrou-se apenas nas escolas que ofereciam tanto o ensino fundamental como o médio, ou seja, um total de 76 estabelecimentos de ensino (ver a relação delas no Anexo 1), dentro de um quadro geral de 158 escolas. Diante desses números, chegou-se à possibilidade de viabilizar a pesquisa em 20% dessas 76 escolas o que é representativo das instituições públicas estaduais de ensino e, sobretudo,

dos adolescentes goianienses que nelas estudam. Portanto, o número total de escolas pesquisadas foram 15 .

Como forma de ter a cidade de Goiânia e os seus adolescentes de fato representados, as escolas foram sorteadas por todas as regiões da cidade. Essa divisão foi feita com base no mapa da cidade e também na classificação utilizada pela prefeitura de Goiânia, particularmente a Secretaria Municipal de Educação.<sup>5</sup>

Assim, a amostragem foi feita por estratificação e, dentro dos estratos, randomicamente.

Delimitado o campo de pesquisa e o objeto abordado, resta apresentar o instrumento utilizado para a coleta de dados: um questionário com o qual pretendeu-se captar a dimensão da inserção da relação entre o arcaico e moderno na cidade de Goiânia, na vida dos adolescentes e, sobretudo, como essa relação pode interferir e apresentar-se na socialização dos próprios adolescentes.

Para melhor definir o conteúdo do questionário, foram feitas, antes da sua aplicação, entrevistas com alunos de duas escolas da rede pública estadual que não estavam entre as sorteadas. Foram verificadas a linguagem adequada e os indicativos que levariam ao entendimento pelos adolescentes, das questões sobre tradição e modernidade.

Também antes da sua aplicação, o questionário passou pela avaliação de professores do quadro do mestrado da área de educação (Mestrado em educação brasileira - MEB/ UFG), para verificação da sua validade como instrumento de pesquisa. Em seguida foi realizado um pré-teste para avaliar se de fato o questionário atendeu às expectativas da pesquisa e se houve fluência entre este e quem o respondeu. O pré-teste foi aplicado em três das escolas sorteadas, com cinco adolescentes de cada uma delas, de diversas turmas, somando um total de 15 questionários. Concluído este procedimento com os devidos ajustes, passou-se para a aplicação definitiva da pesquisa.

O questionário, com 52 questões, apresentou perguntas fechadas e apenas uma aberta.

---

<sup>5</sup> Utilizou-se a divisão feita pela prefeitura, uma vez que a Secretaria Estadual de Educação não divide as escolas por bairro e regiões da cidade, mas por nível ou categoria, ou seja, por tamanho ou tipo de atendimento e número de alunos, estabelecimentos grandes ou pequenos, que oferecem segundo grau ou não. Essa classificação recebe o nome de divisão por "realidade" das escolas.

A aplicação dos questionários foi feita em uma turma de cada uma das séries (partindo da 6ª série do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio) das 15 escolas já mencionadas. Tendo como amostragem dois alunos de cada série, teria-se um total de 180 questionários distribuídos a adolescentes que estão cursando o ensino fundamental ou o ensino médio, espalhados nos mais diversos bairros da cidade (ver Anexo 4).

No entanto, o número de questionários aplicados foi reduzido em razão de que nem todas as escolas sorteadas ofereciam todas as séries. Oscilando de acordo com uma série de implicações da escola e da demanda, o número baixou, assim, para 142 questionários aplicados. Conforme o quadro abaixo.

Quadro 1 :Escolas sorteadas e o número de questionários aplicados

Região	Bairro	Escola	Número de Questionários
Central	Universitário	C.E. Pres. Costa e Silva	6
	Vila Nova	IEG	8
	Central	Liceu de Goiânia	6
		C.E. Rui Barbosa	6
		Jd. Goiás	C.E. Hugo de Carvalho Ramos
Leste	Jd. Novo Mundo	C.E. St. Palmito	13
Oeste	Vera Cruz II	C.E. Solon Amaral	10
	Cidade Jardim	C.E. cultura e Corporativismo	10
Noroeste	Finsocial	C.E. Ary R. Valadão	11
Sul	Pedro Ludovico	C.E. Pedro X. Teixeira	12
	Pq. das Laranjeiras	CAIC Luiz A. Vilela	8
Sudoeste	Jd. América	C.E. Jd. América	10
Norte	Jd. Guanabara	C.E. Jd. Guanabara	12
Medanha	Capuava	C.E. Prof. Joaquim C. Ferreira	12
Vale do Mé	Criméia Oeste	C.E. Criméia Oeste	12

O turno em que o questionário foi aplicado restringiu-se apenas ao matutino, uma vez que o ensino fundamental e médio se concentram nesse horário. No período noturno,

também existem muitas turmas, tanto do ensino fundamental como do ensino médio. No entanto, muitas delas têm apenas adultos, desviando-se do interesse.

Apesar da previsão inicial de aplicação dos questionários ser de 15 dias (um dia para cada escola), isto não ocorreu em virtude de imprevistos que impediram a distribuição dos questionários nos dias previamente marcados, como reuniões, turmas que saíam mais cedo, festas nas escolas, apresentação de peças de teatro. Algumas escolas só permitiram a aplicação do questionário com presença da direção, embora a sua distribuição aos alunos já tivessem sido combinada com antecedência.

Uma vez que o questionário não era aplicado na escola prevista, a possibilidade de aplicá-lo em outra escola, dentro da amostra, era remota, já que a maioria delas ficava em bairros distantes e de difícil acesso.

Os questionários foram distribuídos nos horários de aula, mas fora da sala, uma vez que eram respondido por apenas dois alunos. O local onde esses estudantes ficavam geralmente era a biblioteca da escola, caso não houvesse esse espaço, o trabalho era feito em qualquer outro local que possibilitasse a concentração deles para responder as perguntas. O tempo gasto para responder o questionário era em torno de 20 a 30 minutos. Na maioria das vezes, o questionário foi respondido com presteza pelos alunos, sem maiores problemas, uma vez que, inicialmente, era explicada a natureza do trabalho.

#### **1. 4 - Estruturação do trabalho**

Para a exposição dos dados levantados nessa pesquisa, o presente trabalho é estruturado em quatro capítulos :

No primeiro, são apresentadas as categorias de espaço, espaço urbano e cidade moderna, para depois chegar à cidade de Goiânia. Essas inserções são importantes pois servem para nos localizar dentro do espaço urbano e verificar como ele se constitui enquanto categoria, uma vez que a cidade é o campo privilegiado de visibilidade deste trabalho. Nesse sentido, o espaço permite compreender a construção da própria

sociedade, já que ele é resultado da ação humana, sofrendo, portanto, a influência da racionalidade que advém da sociedade capitalista, na sua instrumentalidade.

A cidade, nessa perspectiva, aparece como espaço racionalizado, representando um determinado momento histórico, que, ao mesmo tempo, concentra os homens e os minimiza, seguindo um modelo econômico hegemônico do qual Goiânia não escapou.

No segundo capítulo, são apresentadas as categorias de tradição e de modernidade, como constituintes uma da outra e como diferentes temporalidades, que convivem nas forma de contínuo e descontínuo.

Essas temporalidades, contudo, estão contidas na cultura, ora se apresentando como espaço de conservação e memória, ora como condição de integração, na sua perspectiva mais moderna. A cultura, na perspectiva moderna, permite relações superficiais e sentimentos de indiferença, que alimentam um homem que não consegue se distanciar do objeto pela perda da razão crítica. Ou seja, as pessoas que estão expostas a esses sentimentos são aquelas que vivem nas cidades e que, portanto, estão afeitas às muitas relações entrecortantes ali presentes, engendradas pela indústria cultural.

No terceiro capítulo, visita-se a cidade de Goiânia que, na sua arquitetura e na sua dinâmica, produz e reproduz os elementos da modernidade. Boa parte das categorias vistas nesse capítulo seguem o eixo teórico da geografia crítica, que vê o espaço numa perspectiva crítica e dinâmica. Após ter-se delimitado o entendimento da cultura de forma conceitual, no capítulo 2, procurou-se ver como ela se apresenta em Goiânia, nas suas particularidades, no que se refere à continuidade e a suas rupturas (a cidade moderna, capital de um Estado rural). Dentro da história de Goiás, a construção de Goiânia como uma realização da marcha para o Oeste é bastante significativa enquanto inserção de uma nova racionalidade espacial e temporal, como campo de luta entre a tradição e a modernidade.

O quarto capítulo é destinado à apresentação e análise mais detalhada dos dados obtidos no questionário. O resultado foi obtido através da circularidade do adolescente no espaço urbano, verificando o que ele 'faz' e quais são as atividades por ele desempenhadas, por quais caminhos ele traça sua socialização. Foi também através de suas opiniões e valores que foi possível ver 'o que' a cidade expressa e como o faz. A



dinâmica de Goiânia explicita alguns de seus aspectos quando percorrida pelos passos e vista pelos olhos do adolescente que circula nos espaços da cidade. A rigor, os dados obtidos estão fertilizando os capítulos iniciais que foram construídos na interlocução com a empiria. Contudo, nesse capítulo final é possível revisitar Goiânia tomados pela mão dos adolescentes: esse sujeito tornado heurístico em sua crise.

## Capítulo 1 - O Espaço e a Cidade Moderna

“Esta é uma época de paradoxos, uma época de visibilidade difícil, cuja definição é intrincada, o que desafia nossa capacidade de entendimento e de conceituação.” (Milton Santos, 1994).

A modernidade implica uma organização social determinada, uma forma de produção e reprodução próprias situada num tempo e num espaço social específicos. Essa trama na sociedade moderna segue uma racionalidade que se impregna em todas as esferas do mundo social e garante seu funcionamento .

Um espaço privilegiado da modernidade é a cidade. A cidade não chega a ser um tema novo, considerando que ela já faz parte da história da humanidade há bastante tempo; no entanto, a noção que se tem dela, no que se refere sobretudo ao conteúdo e à forma, vem se modificando na medida em que a própria sociedade também se modifica.

A abordagem da temática do espaço de maneira mais ampla é necessária para buscarmos fundamentos que permitam compreendê-la. O espaço especificamente urbano, ou o espaço da cidade dentro dos parâmetros de uma sociedade capitalista<sup>1</sup>.

Para a análise do objeto desse estudo, a tradição e a modernidade em Goiânia, a categoria de *espaço* é fundamental porque é um dos pilares sobre os quais se funda a compreensão de cidade.

### 1.1- O espaço e a cidade : a constituição de uma categoria

*Espaço* é uma categoria bastante ampla e pode ser estudada das mais diferentes maneiras, em diversas áreas do conhecimento. Contudo, o ‘espaço’ em questão aqui é o geográfico, sempre compreendido enquanto histórico , criado, organizado e relacionado com as demais estruturas sociais, respondendo ao modo de produzir e reproduzir de determinada sociedade, ou seja, um espaço constituído e constituinte da história. Para

---

<sup>1</sup> Mas sempre atentos para o que nos diz Soja (1993:88) : “encarar o urbanismo como um ‘estilo de vida’ singular era uma cortina de fumaça ideológica que obscurecia problemas sociais maiores, que expressam nas cidades mas não se restringiam, epistemológica e politicamente, ao contexto urbano.”

tanto, é necessário a inserção no campo da contribuição que a geografia oferece acerca do espaço.

A noção de espaço é importante para a compreensão da construção da sociedade, uma vez que se relaciona com condições e problemáticas históricas que vêm se apresentando na sociedade atual<sup>2</sup> e que requerem um entendimento dinâmico das transformações que o homem vem produzindo e sofrendo ao mesmo tempo, sobretudo nas áreas urbanas.

A experiência social que se concentra e se exacerba sobretudo nas áreas urbanas transforma e dá sentido ao espaço que nos interessa. Com isso, estabelecendo uma ação mútua entre espaço e sociedade, sua construção só é relevante em relação com as demais estruturas da formação social.

Na temática do espaço, houve um avanço significativo na perspectiva de apontar sua centralidade num campo em que essa temática foi esquecida ou pouco considerada nos estudos cujo objetivo era a compreensão da realidade social. Tal perspectiva possibilitou emergir um entendimento da espacialidade em equilíbrio com o tempo, considerando que um constitui o outro. Como podemos ver em Soja (1993:19),

novas possibilidades estão sendo geradas a partir desse entrelaçamento criativo, possibilidades de um materialismo simultaneamente histórico e geográfico; de uma dialética triplíce de espaço, tempo e ser social; e de uma re teorização transformadora das relações entre história, geografia e a modernidade.

O autor aponta para a necessidade de uma interpretação e de uma nova abordagem teórica para o espaço, buscando, dessa maneira, um entendimento da realidade no tocante à teoria crítica, em que mais uma vez se aponta para a ligação imprescindível entre espaço e tempo, necessária para uma explicação da própria sobrevivência do capitalismo e de como hoje a realidade se mostra.

---

<sup>2</sup> Para melhor verificação dessa compreensão de espaço, nos fundamentaremos numa vertente da geografia, a *geografia crítica*, na qual encontramos nomes como H. Lefévre, D. Harvey, E. Soja, M. Santos. Guardando as devidas diferenças entre eles, todos apontam para a impossibilidade da compreensão da realidade sem a categoria espaço.

Foi Henry Lefébvre (in Soja, 1993:102) quem primeiro chamou a atenção para essa possibilidade de entendimento do espaço, já sinalizando no sentido de desnaturalizá-lo e de mostrar que ele não é neutro nem estático.

O espaço não é um objeto científico afastado da ideologia e da política; sempre foi político e estratégico. Se o espaço tem uma aparência de neutralidade e indiferença em relação a seus conteúdos e, desse modo, parece ser 'puramente' formal, a epítome da abstração racional, é precisamente por ter sido ocupado, e por já ter sido o foco de processos passados cujos vestígios nem sempre são evidentes na paisagem. O espaço foi formado e moldado a partir de elementos históricos e naturais, mas esse foi o processo político.

Na mesma direção, o autor indica que o espaço não é apenas um reflexo da sociedade, mas é a própria sociedade, na medida em que é produzido tanto com os "objetos como pela ação do homem". É expressão do que é vivido e também do que é reação, ou seja, possibilidade de transformação. É, ao mesmo tempo, reprodução e produção das relações sociais.

O espaço, e sobretudo o espaço urbano, acompanha a espacialização pensada dentro da funcionalidade do desenvolvimento capitalista, basicamente instrumental. Isso é perceptível quando verifica-se a relação que existe entre o espaço e os outros elementos (cultura, trabalho, educação, classe social, etc) presentes na sociedade, pois é só aí que a concretude do espaço pode ser apreendida, na relação que esses pontos mantêm entre si.

Portanto, é preciso ficar atento a um ponto fundamental no estudo do espaço: a sua estreita relação com o trabalho<sup>3</sup>, que lhe dá a configuração técnica, constituindo uma geografia do trabalho e revelando a materialização da ação do homem através da técnica. Nessa perspectiva, afirma-se a importância da geografia do trabalho para dimensionar uma nova apreensão do espaço.

<sup>3</sup> Uma vez que para a geografia, "a organização espacial é segunda natureza, ou seja, a natureza primitiva transformada pelo trabalho social" (Correia, 19987:54) a compreensão de espaço está estritamente ligada ao trabalho, pois "O desafio de entender o movimento do homem na modificação da natureza através do trabalho, construindo uma natureza social pela artificialização, faz com que o objeto científico e sua epistemologia sejam definidos segundo a idéia de totalidade" ( Gertel, 1996: 82) Só assim, é possível compreender que mudanças históricas alteram a forma de se pensar o espaço.

toda técnica é história embutida. Através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e no da sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas) que permitiram a chegada desses objetos e presidiram a sua operação. A técnica é tempo congelado e revela sua história. (Santos, 1997:40)

Dessa maneira, a técnica indica uma imbricação entre tempo e espaço, enquanto formas complexas que devem ser apreendidas como nexos que se constituem reciprocamente mediados pelo trabalho. “É por intermédio da técnica que o homem, no seu trabalho, realiza essa união entre espaço e tempo.” (Santos, 1997:44)

Milton Santos observa ainda, quando relaciona espaço e técnica:

As técnicas participam na produção da percepção do espaço, e também da percepção do tempo, tanto por sua existência física, que marca as sensações diante da velocidade, como pelo seu imaginário. Esse imaginário tem uma forte base empírica. O espaço se impõe através das condições que ele oferece para produção, para circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício da política, para o exercício das crenças, para o lazer e como condição de “viver bem”. Como meio operacional, presta-se a uma avaliação objetiva e como meio percebido está subordinado a uma avaliação subjetiva. Mas o mesmo espaço pode ser visto como terreno das operações individuais e coletivas, ou como realidade percebida. Na realidade, o que há são invasões recíprocas entre o operacional e o percebido. Ambos têm a técnica como origem e por essa via nossa avaliação acaba por ser uma síntese entre o objetivo e o subjetivo. (Santos, 1997:45)

O espaço não pode ser pensado isoladamente ou de forma estática, pois é um elemento imprescindível para uma visão mais precisa do que venha a ser uma sociedade e suas especificidades. Através dessa visão de espaço, a idéia de inércia precisa ser eliminada, ou repensada como inércia relativa ou só aparente.

o espaço organizado é também uma forma, um resultado objetivo da interação de múltiplas variáveis através da história. sua inércia. pode-se dizer, é dinâmica. Por inércia dinâmica queremos significar que as formas são tanto um resultado. como uma condição para os processos. A estrutura espacial não é passiva mas ativa. embora sua autonomia seja relativa. como acontece às demais estruturas sociais. (Santos. 1978: 148)

A relação do espaço com a técnica e a produção apresenta algumas nuances, e uma delas refere-se ao fato de que é possível, dentro de áreas específicas, a presença de níveis técnicos diferenciados provenientes de determinações diferenciadas vindas da própria sociedade. Essas diferenças tanto podem funcionar como obstáculo quanto como possibilidade de adesão. À essa permanência de formas remanescentes de outros períodos é dado o nome de 'rugosidade'.

O que, na paisagem atual, representa um tempo passado, nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao conhecimento. Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de trabalho já passados (todas as escalas de divisão de trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho. (Santos, 1997:113)

Mesmo esse aspecto tendo sido pensado como elemento presente nos espaço de uma maneira mais ampla, pode ser encontrado sobretudo nas áreas urbanas, ou seja, nas cidades. É nelas que aparecem como elementos do passado, que permanecem na paisagem e que, de alguma forma, interagem com o presente, dando 'movimento' ao espaço, uma vez que o passado permanece presente mesmo que resignificado. No espaço urbano, a rugosidade é possível de ser verificada sobretudo nas formas. No entanto, nas cidades planejadas, onde pressupõe-se a ausência da rugosidade nas formas, ela se apresenta e se recria dentro da própria sociedade desigual, na sua heterogeneidade e contraditoriedade.

O espaço é uma junção entre sistemas de objetos e ação humana. Essa definição pode ser entendida através dos elementos já mencionados. Tanto o trabalho quanto a técnica são resultados da ação humana, produzidos a partir de determinada realidade, e caracterizados por um tipo de sociedade. Nessa sociedade, é possível verificar formas específicas de viver e de entender o mundo, que produzem e são produzidas por um tipo determinado de racionalidade.

Considerando que a racionalidade está referida não apenas a uma forma de pensar mas, sobretudo, à organização histórica de determinada sociedade, pode-se compreender que ela penetra e se mostra também no espaço geográfico. A racionalidade é resultado das condições materiais e subjetivas encontradas na realidade; “o desenvolvimento das forças produtivas revoluciona o modo de produção e determina um processo de racionalização dos padrões sociais de existência, a ideologia da justa troca, significando modernidade e racionalização.” (Matos, 1995:92). A realidade confirma o caráter instrumental da racionalidade, que é a forma na qual se estabelece a própria modernidade na sociedade capitalista<sup>4</sup>.

O espaço geográfico não é exceção a essa racionalidade e funciona como “um campo de ação instrumental”.

O espaço geográfico é um desses campos de ação racional. Isso lhe vem da técnica, presente nas coisas e ações - o que, ao mesmo tempo, caracteriza o espaço geográfico em nossos dias e lhe atribui a condição de ser um espaço da racionalidade. (Santos, 1997:234)

A instrumentalização do espaço está na possibilidade, dentre outras coisas, da sua manipulação, na qual a racionalidade exercita o controle desse espaço já coisificado, onde o que interessa é a sua eficácia para os fins por ela previstos, ou seja, a “natureza a serviço da produção apoiada pela tecnologia”. Portanto, até mesmo a rugosidade antes mencionada é prevista dentro da racionalidade assim evidenciada.

Certos espaços da produção, da circulação e do consumo são áreas de exercício dos atores ‘racionais’, enquanto os demais atores se contentam com as frações urbanas menos equipadas. A ação humana é desse modo compartimentada, segundo níveis de racionalização da matéria. (Santos, 1997:244)

Apesar da previsibilidade dessas rugosidades, são esses desníveis que permitem a possibilidade de reação. “No campo e nas cidades, o aprendizado e a crítica da racionalidade hegemônica se fazem do uso da técnica e da experiência da escassez” (Santos, 1997:244).

---

<sup>4</sup> Esta problemática da racionalidade instrumental pode ser encontrada de forma mais precisa nos textos

Nessa perspectiva, o estudo da cidade pode priorizar o espaço urbano, mas sem nunca perder de vista que o elemento integrador dessa realidade é a racionalidade que provém da maneira pela qual a realidade se produz e se reproduz.

A urbanização era uma metáfora resumida da espacialização da modernidade e do 'planejamento' estratégico da vida cotidiana, que haviam permitido ao capitalismo sobreviver, reproduzir com êxito suas relações essenciais de produção. (Soja, 1995:65)

Nesse sentido, a cidade se projeta como espaço:

a própria sobrevivência do capitalismo, afirmou Lefebvre, estava baseada na criação de uma espacialidade cada vez mais abrangente, instrumental, e também socialmente mistificada, escondida da visão crítica sob véus espessos de ilusão e ideologia. (Soja, 1995:65)

Pensar a cidade é colocá-la dentro de uma problemática mais ampla e materializada dentro de uma configuração territorial. Essa proposição implica a possibilidade de verificar uma interação entre formas espaciais e processos sociais. Mesmo sentindo o peso da estrutura, é preciso não esquecer que esse campo é repleto de grandes contradições, possibilitando perspectivas para o futuro.<sup>5</sup>

A forma é o aspecto visível do espaço: uma casa, uma cidade, uma rede urbana são algumas das formas espaciais, que se diferenciam pela escala. Portanto, esse aspecto isolado não nos diz nada "ao considerarmos isoladamente a forma espacial aprenderíamos apenas a aparência, abandonando a essência e as relações entre esta e a aparência." (Corrêa 1995:29). A forma requer uma atividade à qual só podemos remeter a noção de função, e a noção de função estaria mais próxima ao papel ou à tarefa de "vivenciar o cotidiano em suas múltiplas dimensões - trabalho, compras, lazer etc. São algumas funções associadas à casa, ao bairro, cidade e à rede urbana" (Corrêa 1995:29). Essas duas categorias estão inseridas dentro de uma terceira, a estrutura, na qual se encontram e se inter-relacionam as partes que levam ao todo, e sem a qual

---

de Adorno e Horkheimer.

<sup>5</sup> O espaço, segundo Milton Santos, apresenta alguns elementos de análise que possibilitam um melhor entendimento sobre ele. Esses elementos são: estrutura, função, forma e processo.



não captaremos a natureza histórica do espaço. A estrutura diz respeito a natureza social e econômica de uma sociedade em um dado tempo: é a matriz social onde as formas e funções são criadas e justificadas (Corrêia 1995:29).

Já quanto ao processo, pode-se qualificá-lo como a estrutura em movimento de continuidade ou de transformação,

uma ação que se realiza, via de regra, de modo contínuo, implicando tempo e mudança... Os processos ocorrem no âmbito de uma estrutura social e econômica e resultam das contradições internas das mesmas. (Corrêia 1995:29).

Os elementos que compõem o espaço ajudam a compreendê-lo, assim como à maneira como ele opera na sociedade e como ela está impregnada dele. Dessa forma pode-se dizer que as leis que regulam o espaço são as mesmas presentes na sociedade.

A cidade se apresenta como forma, mas só a sua forma não diz o que ela é de fato. É necessário apreendê-la na sua complexidade multifacetada.

Expostos os elementos importantes da categoria espaço e já a tomando em interseção com o espaço urbano (cidade), pode parecer adequado buscar uma conceituação do que venha a ser especificamente uma cidade. No entanto, esse provavelmente não é o caminho mais fértil para o seu entendimento, em função da sua dinâmica.

O espaço, na forma de cidade, carrega em si a idéia de progresso e de modernidade, o que aponta para sua funcionalidade. Assim no Brasil como na

América latina, o desenvolvimento, o progresso, é sempre visto como um projeto futuro, algo a ser ainda realizado. Neste sentido a idéia de modernidade reveste-se de um valor antológico: ela é sempre vista como "boa", "pura". Acriticamente inventamos um mundo sem contradições e conflitos, cenário no qual seriam sepultadas as agruras que conhecíamos no passado e que se prolongariam até o presente. A eficácia da técnica e da organização racional é vista assim como uma espécie de reino idílico que nos libertaria do atraso continental. (Ortiz. 1994: 23)

A afirmativa acima nos mostra que, de fato, a modernidade atrai para si um certo fascínio que não se dissocia da idéia de cidade, também muito bem vista, ao menos no nível ideal. Afinal, é a cidade o espaço apropriado e pensado como a melhor tradução da modernidade.

No entanto, no Brasil, a realidade demonstra que, mais do que metrópoles completas, "organismo urbano onde existe um complexidade de funções, capazes de atender a todas as formas de necessidades da população urbana e nacional ou regional" (Santos, 1982: 36), nos deparamos com a chamada metrópole incompleta.

São os grandes organismos em que a maioria de serviços essenciais está presente, mas onde fatores econômicos específicos impedem que se fabriquem bens ou serviços, reclamados por uma parcela da população, parcela que está em crescimento. A ausência de indústrias de base é uma dessas carências. (Santos, 1982: 37)

Tal categorização permite apreender realidades muito próximas, mesmo no que diz respeito ao modo de se apresentar, que apontam para esse tipo de cidade que ainda não é grande o suficiente para ser vista como uma metrópole, sendo mais apropriado as classificar como metrópoles incompletas, que se caracterizam pelas

áreas de culturas comerciais, dando causa a redes urbanas menos densa e metrópoles incompletas onde as distâncias sociais entre os bairros são nítidas, um e outro dados sendo relativos a maior ou menor expressão das classes médias gerada pela agricultura comercial. A presença de indústrias nessas cidades é, inicialmente, fruto dos reclamos das populações, estando em correlação com a maior ou menor integração de território. (Santos, 1982: 35)

Esse tipo de configuração de cidade cabe também no que se pode chamar de "lugares globais simples", onde a modernidade chega, mas convive com o arcaísmo e confirma a idéia de metrópole incompleta.

Essa, ao que parece, não está reservada como o lugar de transformação, no sentido de propor uma nova forma de pensar sua funcionalidade, ou seja, na perspectiva de uma nova racionalidade, uma vez que seu único interesse e objetivo é se tornar uma metrópole.

A categoria “metrópole incompleta” se confirma também no paradoxo que permeia muitas cidades repletas de presenças ‘arcaicas’.

A natureza da urbanização contemporânea nos atravessa, mas somos atravessados também por traços arcaicos de nossa cultura, não superados pela urbanização, que se expressam diariamente no nosso comportamento social. O novo Brasil, urbanizado, é um país paradoxal, simultaneamente moderno e arcaico para os dias de hoje. Estes traços de nossa modernidade confirmam o rosto de nossa urbanização. (Gonçalves. 1994: 202).

Nas metrópoles incompletas, paradoxos são tomados como algo a ser solucionado com a conquista de mecanismos econômicos e tecnológicos, que permitam a ascensão ao estágio de metrópole, ápice da modernização e quiçá o antídoto para o arcaísmo.

Sabemos que, nas grandes áreas urbanas, ou seja, nas metrópoles, traços particulares da cultura local são bombardeados pela rotatividade de novos modelos impostos pela sociedade moderna, como forma de apagar não só o que estava há mais tempo, como a própria sugestão há pouco apresentada. Em nome do avanço e da promessa de progresso, vale toda e qualquer mudança.

É possível dizer essa “busca” que impregna a cidade e seus habitantes também reflete-se no campo. As metrópoles incompletas seguem um mecanismo de desenvolvimento que objetiva uma forma de integração com o modelo hegemônico de economia, de política e também de cultura, rumo à atividade social presente nas grandes metrópoles.

A integração implica apagar o que é diferença para ir em direção à adesão, numa tentativa de superar, seja de fato ou apenas como tendência, esses traços que a aproximam mais do passado e que “impedem” o chamado do desenvolvimento.

A aceitação como igual requer traços que se estendam nas esferas socioeconômica, sociopolítica e, ainda, sócio-cultural.

Essa última decorre da propagação da educação pelo país afora, com todos os problemas pertinentes à área, assessorada pelo crescimento da indústria cultural com novas formas de difusão de informação e de bem culturais.

Isso possibilitou o acesso territorialmente mais generalizado da população a um capital cultural até então disponível exclusivamente ou concentradamente na metrópole, ocasionando mudanças de hábitos e de comportamentos e criando condições para estabelecerem-se novas formas de relações sócio culturais. (Gonçalves, 1994: 205).

Há uma idéia de que, quanto maior a cidade, mais o homem nela se perde, ou seja, é mais difícil manter-se inteiro, porém é possível reconhecer que há um recanto, o do pobre na cidade, onde o mais fraco aparece como um redentor, sendo talvez a única possibilidade para o futuro.

A presença dos pobres aumenta e enriquece a diversidade socioespacial, que tanto se manifesta pela produção da materialidade em bairros e sítios tão contrastante, quanto pelas formas de trabalho e de vida. Com isso, aliás, tanto ampliam a necessidade e as formas de divisão de trabalho, como as possibilidades e as vias da intersubjetividade e da interação. É por aí que a cidade encontra o seu caminho para o futuro. (Santos, 1997: 259)

Isso, de certa forma, vem reforçar a idéia de que, quanto mais reificada for a experiência, maiores são as possibilidades de se deslumbrarem outras perspectivas, escapando assim do "totalitarismo da racionalidade". Sob esse mesmo entendimento, é possível ver a cidade dentro de uma dualidade entre luminoso e opaco.

Na cidade 'luminosa', moderna, hoje, a 'naturalidade do objeto técnico cria uma mecânica rotineira, um sistema de gestos sem surpresa. Essa historicização da metafísica crava no organismo urbano áreas constituídas ao sabor da modernidade e que se justapõem e superpõem e contrapõem ao resto da cidade onde vivem os pobres, nas zonas urbanas 'opacas'. Estas são os espaços do aproximativo e da criatividade, opostos às zonas luminosas, espaços de exatidão. Os espaços inorgânicos é que são abertos, e os espaços regulares são fechados, racionalizados e racionalizadores. (Santos, 1997: 261)

A cidade pode parecer, assim, possível, sendo as classes populares a única via de transformação. Isso ocorre nesse modelo capitalista de cidade. Diante das diferenças de classes, a tendência é que os direitos dos 'cidadãos' sejam reconhecidos como privilégio de uma determinada classe social, no caso das classes populares, aparecem quase como uma concessão. O que é público é terra de ninguém, o que é coletividade é visto como inviável pela própria condição de ser coletivo, e representa espaço aberto para o descaso.

O espaço urbano, dessa maneira é terreno fértil para alimentar o desejo de mudança e apresenta-se como campo de luta para a criação de novas e melhores possibilidades de vida. "(...)as cidades tem um grande papel na criação dos fermentos que conduzem a ampliar o grau de consciência. Por isso são espaços de revelação (...)" (Santos, 1987:63).

Até mesmo nas metrópoles incompletas, que têm como objetivo tornar-se metrópole, é possível identificar e verificar, nos locais mais desprovidos, os espaços de 'pensar' a transformação das suas atuais formas de vida.

Para os migrantes como para os pobres de um modo geral, o espaço "inorgânico" é um aliado da ação, a começar pela ação de pensar, enquanto a classe média e os ricos são envolvidos pelas teias de uma racionalidade invasora de todos os arcanos da vida, essas regulamentações, esses caminhos marcados que empobreceram e eliminam a orientação do futuro. Por isso, os "espaços luminosos" da metrópole, espaços da racionalidade é que são, de fato, os espaços opacos! (Santos 1994 :85)

Mesmo sendo essa parte da população da cidade possíveis bastiões de um tempo novo, também sofrem a avalanche de desejos produzidos e sentidos que permitem e apontam a inserção da racionalidade dominante. Até em Ítalo Calvino, falando de cada uma de suas cidades invisíveis, é possível reconhecer elementos que se apresentam na cidade que nos interessa e que também é composta de diversas 'cidades' ou particularidades 'invisíveis,' porém presentes.

A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte, e , uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer. Anastácia, cidade enganosa, tem um poder, que às vezes se diz benigno e outras vezes maligno; se você trabalha oito horas por dia como minerador de ágatas ônix crisóprasos, a fadiga que dá forma aos seus desejos toma dos desejos sua forma, e você acha que está se servindo em Anastácia quando não passa de seu escravo. (Calvino, 1991: 16)

A satisfação dos desejos que a cidade oferece aos seus habitantes e que fazem parte da cultura urbana é interiorizada de diferentes maneiras, através da sedução que resulta no consentimento da 'dominação'. É pela satisfação desses desejos e necessidades

que a sociedade moderna se confirma e se mantém; e contraditoriamente, o que pode ser a possibilidade de sua superação.

A cidade é o local onde se cria a moda (...) moda é essencialmente a expressão dos impulsos sexuais e do desejo. Mas há também a moda hierárquica, o sinal que o classifica assim num escalão social invejável, o sinal que o faz com que o distingam das outras pessoas. (Laborit, 1997:189)

A cidade é o espaço da mercadoria, onde tudo se compra e tudo se vende, sob a égide da instrumentalidade. Essa é uma das formas de manutenção de arcaísmos advindos de uma sociedade hierárquica, que se perpetua dentre outras maneiras através de bens adquiridos, na medida em que o ser se reafirma no ter, reproduzindo a opressão e a exclusão, elementos arcaicos numa versão moderna.

A cidade moderna é palco de contradições e promessas as mais sedutoras possíveis e, ao mesmo tempo, é o local da possibilidade de reação ou de revelação, como diria Milton Santos. Portanto, a cidade só pode ser entendida com os nexos que a compõem e constituem a modernidade, que impregnam o homem que nela habita e a que faz ser como é.

## 1.2 - A cidade moderna

Para conhecer a cidade em sua complexidade categorial, lógica e histórica, é necessário recorrer ao campo que muito tem contribuído para essa discussão, a geografia. Nessa área destaca-se a geografia crítica,<sup>6</sup> por considerar elementos históricos e determinações sociais no entendimento da cidade, abandonando, assim, uma abordagem apenas descritiva, para considerar a cidade como um

locus dinâmico da atividades, exercidas por pessoas, de acordo com as suas necessidades sociais, vinculadas diretamente ao processo de reprodução do capital, cuja tendência é a concentração, em

<sup>6</sup> Sem, com isso, perder de vista possibilidades de diálogos com outras áreas do conhecimento, no intuito de uma melhor inserção no tema cidade.

determinados pontos do território nacional, da acumulação assegurada por uma rede de circulação que agilize a realização do ciclo do capital, tendo, na metrópole, sua expressão máxima. (Carlos, 1994: 51)

Após a Revolução Industrial, há uma aceleração rítmica advinda das relações de produção extensivas ao próprio espaço urbano. As transformações na sociedade moderna ocorrem de forma descontínua e decorrem da aceleração produtiva, provocando um descompasso que se estende a todos os níveis da sociedade. A cidade é o centro de tal aceleração da produção. É também o palco de tais descompassos.

Na sociedade moderna capitalista, ou seja, pós Revolução Industrial, se estabelece uma relação estreita entre a idéia de civilização e a de técnica. Tal ligação se enraíza nas sociedades urbanas na forma de uma racionalidade instrumental, que visa, a um progresso como desenvolvimento e constitui a cidade como pólo de crescimento econômico e de progresso. Esse objetivo de desenvolvimento propagado em toda a sociedade moderna inevitavelmente ressoa também na cultura.

O automóvel redimensiona o uso do tempo pelas pessoas, que podem agora se deslocar a uma velocidade maior sem mais ter de fazer uso dos fiacres ou transportes como trens ou diligências. A eletricidade propicia um padrão de conforto (elevadores, iluminação das casas) desconhecido até então. Dentro desse contexto, a própria sociabilidade dos indivíduos é reorganizada. Um exemplo é a difusão do telefone (...). Ao colocar em contato as pessoas, ele modifica as noções de proximidade e distância. (Ortiz, 1991:28)

Tanto a noção de espaço como a noção de tempo são redimensionadas pela modernidade, na medida que não podem ser pensadas separadas do substrato material ali encontradas e produzidas. Dessa maneira, pode-se dizer que a técnica é, um elemento fundamental no entendimento e na vida das pessoas na sociedade moderna e especificamente, nas cidades.

Contraditoriamente, a técnica que se apresenta como tendo sido criada para facilitar a vida das pessoas (diminuir o tempo gasto, nas diversas atividades e deslocamentos, aproximar e reduzir as distâncias), na verdade, estabelece na sociedade capitalista atual a distância entre as pessoas, excluindo-as de diferenciando-as, uma vez que seus benefícios não favorecem toda população. A modernidade que propaga a

universalidade através da igualdade entre os homens, na realidade, aumenta as desigualdades entre eles, e os transforma em mercadoria, 'a mais miserável de todas elas'. A tecnologia não é supra-social, nem neutra e está diretamente ligada à sociedade como um todo.

Nessa perspectiva, a técnica impregna a cidade, instrumentaliza-a e constitui o caráter urbano como uma dimensão da história.

(...) a idéia de urbano que transcende aquela de mera concentração do processo produtivo *stricto sensu*; ele é um produto do processo de produção num determinado momento histórico, não só no que se refere à determinação econômica do processo (produção, distribuição, circulação e troca) mas também às determinações sociais, políticas, ideológicas, jurídicas, que se articulam na totalidade da formação econômica e social. Desta forma, o urbano é mais do que um modo de produzir, é também um modo de consumir, pensar, sentir, enfim é um modo de vida." (Carlos, 1994: 26)

O urbano é a forma em movimento; é forma e conteúdo.

Só a morfologia da cidade não responde o que de fato é preciso conhecer dela. É necessário vê-la como campo de luta e de contradições, moldada e organizada dentro dos parâmetros da modernidade.

A compreensão de cidade revela-a como local de confronto entre capital e trabalho. A partir dessa contradição, fundamenta-se todo o diagnóstico da situação atual da cidade hoje<sup>7</sup>, no que se refere não só à forma mas também ao seu conteúdo. Contudo, mesmo em fase de suas mudanças constantes, a cidade não supera essa contradição.

A cidade enquanto espaço geográfico não é apenas um "lugar"; é, sobretudo, um espaço humano constituído e constituinte do homem. A cidade

É um produto das relações concretas que o homem cria na sociedade através dela, ao longo de seu processo de hominização; processo este que se cria como atividade prática dos homens (em suas relações materiais) que reproduz o processo de desenvolvimento da humanidade. (Carlos, 1994: 35)

<sup>7</sup> Contradição essa, que está presente na própria origem do modelo capitalista de produção e que, apesar de todo o desenvolvimento tecnológico, não foi superada.



Essas realizações concretas são feitas através do trabalho, mediação fundamental entre a sociedade e o espaço. Tal ligação (sociedade/espaço) se sustenta no fato de que o homem vive e produz sua realidade e sua história.

O trabalho é uma atividade histórica, constitutiva do ser humano, que, na sua relação com a natureza, altera e transforma a si próprio e à realidade. É através do trabalho que ocorre o movimento de humanização da natureza e do próprio homem, construindo, assim, sua especificidade e universalidade.<sup>8</sup>

Entender a cidade na perspectiva do trabalho alienado, dimensiona a dinâmica encerrada no trabalho materializado. A cidade é

“materialidade, produto do processo de trabalho, de sua divisão técnica, mas também da divisão social. É materialização de relações da história dos homens, normatizada por ideologia; é forma de pensar, sentir, consumir, é modo de vida, de um vida contraditória.” (Carlos, 1994: 26)

A dinâmica da cidade impõe um ritmo que atinge diretamente as relações sociais, porque toda área de atividade, até mesmo o lazer, está vinculada à área de produção, tanto pela rapidez das transformações e mudanças, como também pela brevidade do tempo diante da compartimentalização imposta pela vida corrida. Toda essa urgência induz à aparência e ao superficial e à coisificação das relações.

Ao mesmo tempo que se cria um novo homem, esse se alimenta das lembranças do tempo em que se imaginava inteiro:

o capitalismo criou não só um novo modo de produção, mas um novo homem - seus gostos, suas idéias, seus desejos, suas necessidades, seu modo de pensar - cada vez menos identificado com o espaço que seu trabalho (direta ou indiretamente) criou. Na maioria aparece a idéia de algo exterior, que não lhe pertence, e a constante necessidade de lembrar ou viver os velhos tempos. (Carlos, 1994: 59-60)

<sup>8</sup> O trabalho não tem apenas uma concepção positiva e ontológica, mas também é determinado pelas mediações históricas que na realidade vão constituindo a própria existência humana. Ao considerarmos as condições históricas da sociedade capitalista, vemos o caráter negativo do trabalho, em que ele é ao mesmo tempo produção e alienação. Conceito de trabalho retirado dos manuscritos econômico-filóficos de Karl Marx. In: *Textos filosóficos*. Lisboa: ed. 70. 1990. Essa análise é também exposta “Fetichismo e subjetividade” (mimeo) Anita Resende. Puc. São Paulo. 1992.

Até mesmo essa lembrança é fetichizada, “os resquícios de um tempo passado podem também ser objeto de lucro; basta fingir que as coisas não mudaram,” (Abreu, 1994:272) <sup>9</sup> ou que existiam sem conflito, de forma idílica, como é moldada pela memória e reafirmada hoje como mercadoria.<sup>10</sup> O sujeito que emerge daí segue, ora num movimento de continuidade, ora num movimento de aparente ruptura, uma racionalidade que o cerca de velhas novidades, novas lembranças e novos passados que se inventam.

No Brasil, num crescimento que sempre esteve vinculado à economia, havia um esforço dos governos no sentido de deixar as cidades mais aptas a um melhor aproveitamento das necessidades urbanas que vinham crescendo, acompanhando o desenvolvimento do capitalismo. Nesse ritmo, muitas cidades foram crescendo, outras foram desaparecendo e algumas foram planejadas e construídas em nome do progresso e do desenvolvimento. Essas cidades, construídas dentro de especificações modernas, são heurísticas \_ exemplos delas são, Belo Horizonte, Brasília e Goiânia.

No caso de cidades planejadas, é possível verificar que todas sucumbiram aos problemas de qualquer outra cidade que não tenha sido objeto de um planejamento anterior: violência, fome, falta de habitação e uma série de outros mais, que moldam um quadro perverso. Cidades planejadas não são imunes à lógica que as projeta, e o desenvolvimento histórico trata de demonstrar que nenhum projeto humanista evita que uma metrópole se transforme em um

artifício coletivo para fazer funcionar esse sistema irracional e para dar àqueles que são, na realidade, suas vítimas a ilusão de poder, riquezas e felicidade, de se encontrarem no próprio pináculo do desenvolvimento humano. Mas na realidade, suas vidas acham-se constantemente em perigo, sua riqueza é insípida e efêmera (...) sua patética felicidade maculada com constantes e justificadas antecipações de violência e morte súbita. Cada vez mais, verificam ser ‘estranhos e receosos’, num mundo que não foi feito por eles: um mundo que responde cada vez menos ao comando do homem direto, cada vez mais vazio de significado humano. (Munford, 1998: 589)

<sup>9</sup> Essa constatação pode ser ilustrada por aquelas manifestações que pretendem recortar o passado e a cultura, cristalizá-los como se fosse possível apreendê-los ou revivê-los isoladamente e sem tensão com o resto do movimento que ocorre na sociedade.

<sup>10</sup> Em Goiânia, geralmente se tem saudade da ‘fazenda’ do interior e, ao mesmo tempo, há uma rejeição ou um não-reconhecimento dos pobres que chegam diariamente nas cidades vindos do interior. A lembrança é sempre idílica.

Contudo, por mais caótica que possa parecer, a dinâmica da cidade não pode ser configurada como irracional. A cidade tem uma lógica que pode ser reconhecida nas suas diferentes expressões : a lógica da acumulação do capital,

a aparente desordem que caracteriza grande partes das formas espaciais urbanas e dos processos sociais que se dão na cidade é apenas (...) uma ordem que exige uma leitura atenta (...) E essa ordem seria a ordem do possível a cada momento, seria a maneira pela qual aqueles que produzem a cidade se inserem nas suas diversas estruturas de poder (econômico, político etc.) para exigir (pela prática ou pela força) o seu direito, também, à cidade. (Abreu, 1994:265)

O limite da lógica da cidade é posto pela própria racionalidade que a constitui. A própria racionalidade triunfante faz da cidade campo de contradição e de luta. Na cidade, os problemas emergem no dia-a-dia, impelindo o homem a uma determinada prática (instrumental), e diariamente requerem do sujeito um exercício de força para poder não ser absorvido totalmente por essa racionalidade dominante. A cidade, que se apresenta imediatamente como o espaço da liberdade, da possibilidade, do progresso e do presente, é, essencialmente, espaço de dominação, exclusão, desigualdade e recriação do passado. A racionalidade da cidade é autolimitada e aí reside a possibilidade de reação.

Avançando sobre a natureza da cidade, é importante analisar especificamente os aspectos da cidade moderna, que a vêm revelando impregnada de desigualdade e arcaísmos, dos quais não escapam nem mesmo as cidades planejadas. Essas rapidamente aderem às práticas que as remetem a estruturas arcaicas.

Parece (...) que os brasileiros gostam de dar as costas à sua história e a seu passado, como se estes não tivessem sido capazes de realizar os seus sonhos e anseios. Lançam o olhar para o futuro, abandonam suas antigas cidades e constroem novas, mais modernas e futuristas, paralelas àquelas. Pensam, com isso, deixar também atrás de si o modelo de sociedade hierarquizada e injusta que se originou no período colonial português. Mas exatamente esses projetos urbanísticos racionais e projetados para o futuro passam a revelar, em sua estrutura urbana, a continuidade com a história passada. É no espaço urbano criado no 'deserto' que os pecados do passado (a hierarquia de classe, a injustiça social, elitismo, autoritarismo, etc.) da sociedade se tornam mais visíveis e transparentes. E são nesses espaços urbanos novos que

as estruturas antigas da sociedade de classes encontram suas novas formas de expressão. (Freitag, 1994:39)

Bárbara Freitag dá uma importante contribuição acerca da análise do que se passa nas cidades tidas como planejadas e das implicações da busca pelo progresso. Na relação entre arcaico e moderno, está em causa uma racionalidade exclusiva que impede<sup>11</sup> que outros tipos de racionalidade se manifestem em seu interior. Essas cidades não poderiam ser diferentes do que são hoje pois só o que muda nelas é a forma. O conteúdo é o mesmo presente em todas as outras cidade coetâneas, uma vez que o que se universaliza são os padrões postos por uma racionalidade instrumental presente e potente nas cidades como um todo.<sup>12</sup>

Essa racionalização nos remete a Adorno, quando ele se refere à negação contida na própria idéia de progresso.

(...) a adaptação ao poder do progresso envolve o progresso do poder, levando sempre de novo àquelas formações regressivas que mostram que não é o malogro do progresso, mas exatamente o progresso bem-sucedido que é culpado de seu próprio oposto. A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão. (Adorno & Horkheimer, 1996: 46)

Isso se confirma mediante a racionalidade instrumental, que possibilite e carrega \_ e também serve a ela \_ a manutenção dessa dinâmica, encontrada nas formas históricas concretas, espalhadas por todas as áreas da sociedade, e instituições. O componente regressivo está presente em todos os espaços e pode traçar o rumo da própria sociedade até em forma de esclarecimento.

<sup>11</sup> No sentido de que dificultam ao máximo qualquer outra racionalidade, com os mais sofisticados métodos de convencimento e de persuasão.

<sup>12</sup> Bárbara Freitag fundamenta alguns de seus comentários sob os relatos de Claude L. Strauss, na sua passagem por Goiânia, (1937). Sendo essa a cidade que particularmente nos interessa, recorremos ao livro *Triste Trópicos* (1986.p. 119) para a verificação dessa observação. Levis Strauss, diante das poucas construções encontradas no que chamava de Goiânia, descreve :“(...) de boa vontade lhe chamaríamos de ‘bastião da civilização’ expressão, utilizada já não num sentido figurativo mas directo que adquiria assim um valor singularmente irônico. Pois nada poderia ser tão bárbaro, tão desumano, como essa iniciativa no deserto...não havia história, duração ou hábito que lhe saturasse o seu vazio ou adoçasse a sua rigidez”. O autor faz ainda uma analogia do que viu de Goiânia com o mito grego de Cadmo, o civilizador, que construiu sua cidade com os dentes de um dragão morto.(ver sobre o mito: Schwab,1995. P.43). Essa analogia é ainda mais surpreendente num ponto quando nesta mesma lenda quem dá o sinal a Cadmo

Ainda segundo Freitag, é possível verificar como essa racionalidade se espalha nas práticas sociais, independentemente da forma imposta pela cidade. São os arcaísmos que se encontram presentes na modernidade, como parte integrante dela.

(...) à medida que o espaço urbano omite ou reprime o passado em seus traçados e prédios, esse passado vai se impondo na vida cotidiana de seus habitantes que com a maior naturalidade, o prolongam na maneira de relacionar-se uns, como os outros (...) Com a maior naturalidade, a segregação de classe é conscientizada e traduzida em comportamento social, encaminhando tranquilamente os subalternos e as elites a ocuparem o seu lugar social histórico nos espaços urbanos atuais. (Freitag, 1994: 54-55)

Esse é o caso de Brasília, que teve um arrojado projeto de urbanização. Apesar de ser uma cidade jovem, nem assim escapou da adesão à racionalidade instrumental, que se objetiva cotidianamente na sua história, advinda de um determinado modo de produção social. Em Goiânia, não é diferente e os efeitos que atingiram Brasília chegaram aqui com muito mais força. Afinal, Goiânia é um projeto de menor impacto em função da experiência anterior de Belo Horizonte.<sup>13</sup> A cidade também está inserida numa região de forte tradição agrária, que apresenta elementos que contribuem para a manutenção de arcaísmos, mesmo num aglomerado urbano de pretensões modernas.<sup>14</sup>

---

para a localização de onde a cidade deverá ser construída é uma vaca. Ora, a sustentação de boa parte da economia em Goiás, assim também como em Goiânia, advém da pecuária.

<sup>13</sup> A duas cidades, Goiânia e Belo Horizonte, seguem o mesmo modelo arquitetônico, que é o de cidade-jardim. Segundo Philip Gunn (1997) as cidades-jardim que surgiram na Inglaterra, no final do século passado, geralmente são instaladas fora dos grandes centros e têm como princípio a ocupação do solo com fins residenciais oferecendo ampla disponibilidade de parques coletivos e jardins individuais junto as moradias. Esse modelo espacial se adequa a baixas densidades demográficas e visava uma integração "com a natureza domesticada, configurada na inovação do pitoresco rural para encobrir uma funcionalidade de arruamento e saneamento aproveitando o revelo e as curvas naturais do terreno".

Com esse tipo de projeto urbano pretende-se unir de forma compatível ruralidade e vida urbana. "poder-se-iam unir os benefícios da cidade \_ a vida de relacionamentos, os serviços públicos \_ com os benefícios do campo, o verde, a tranquilidade, a salubridade, etc....deve-se fundar-se num equilíbrio harmônico entre indústria e agricultura". Leonardo Benevolo. *Hist. da arquitetura moderna*. Perspectiva. 1976. P. 356.

Esse projeto urbano de cidades-jardim responde de certa maneira a uma necessidade funcional do capitalismo no final do século, como alternativa às cidades industriais.

<sup>14</sup> Segundo Cristina Sá (1991, p.28-29), o modelo arquitetônico empregado no Brasil se encaixa no que é determinado como decorrente do urbanismo progressista, no qual as idéias-chave são a racionalidade, a modernidade e a eficácia. Há forte preocupação tecno-funcional nos projetos de novas cidades. Desenvolve-se no Brasil0 "um urbanismo que, tendo nascido como herança direta de do urbanismo progressista europeu ou, melhor dizendo, francês, marcado pelo alheamento das questões sociais, continua a seguir esta tendência sem analisar sua inadaptação a uma realidade diferente(...)" o urbanismo brasileiro

As mudanças pretendidas pela modernidade em forma da cidade são superficiais, na medida em que a estrutura de produção é um elo de continuidade indisfarçável e, mais, o moderno hoje se enquadra sobretudo no poder de consumo, carregando todo o tipo de contradição e conflito que isso pode lhe custar.

---

não é crítico, é especializado, e não questiona a cidade como progresso social (...) não existe assumida e explícita uma atitude de análise dos aspectos das cidades brasileiras e este fato transparece nas propostas de novas capitais como Belo Horizonte e Goiânia.”

## Capítulo 2 - Cultura : Tradição e Modernidade

Pensar a modernidade remete, inevitavelmente, a pensar a cultura, uma vez que essa é uma circunstância fundamental à condição humana, assim como à própria socialização.

A cultura é um tema bastante vasto, além do que é estudada por diferentes áreas das mais diversas maneiras. Uma questão importante na discussão da cultura é a sua relação, distintiva ou não, com a civilização. Também sobre esse aspecto não existe um consenso. Qualquer uma das duas posições atrai muitos autores em sua defesa, o que mostra a riqueza e a complexidade do tema.<sup>1</sup>

Dentre os autores que apontam na direção de que não faz sentido nem é possível a separação entre cultura e civilização, destaca-se Freud, que defende uma civilização humana, com todas as implicações e mal-estar que ela possa trazer ao homem.

A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais \_ e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização \_ apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens com os outros e, especialmente, a distribuição de riqueza disponível.(Freud,1997:10)

---

1 Segundo Marcuse, há uma separação entre os dois conceitos. A cultura está vinculada a algo mais elevado que tem como finalidade a realização humana, enquanto a civilização estaria relacionada ao reino da necessidade e seria intimamente responsável pelo progresso. Essa divisão/visão, aponta uma tensão entre civilização e cultura, tensão esta, que a sociedade industrial burguesa reprime e camufla. O nivelamento e a integração (que é aparente) entre as duas, fazem a cultura assumir um caráter afirmativo, trazendo conseqüências graves: "com essa integração da cultura na sociedade, a sociedade tende tornar-se ela própria totalitária, mesmo onde conservava formas e instituições democráticas". A cultura afirmativa dificulta a percepção das diferenças ou tensões que tornavam cultura (transcendência) e civilização (tecnologia) antagônicas. A definição do que venha ser cultura, para Marcuse, remete à idéia da própria humanização porque ver "Cultura como um processo de humanização (humanisierung) caracterizado pelo esforço coletivo para conservar a vida humana. para pacificar a luta pela existência ou mantê-la dentro de limites controláveis, para desenvolver as capacidades intelectuais dos homens e para diminuir e sublimar a agressão e a violência e a miséria". Marcuse, Herbert *Cultura e sociedade*. 1998.Paz e Terra. São Paulo. p. 154.

Partindo de tal conceito, baseado nesses dois aspectos fundamentais e constitutivos um do outro, Freud verifica que, ao mesmo tempo, a realização desses princípios é bastante difícil. Para ele, não há conciliação possível entre o homem e civilização, na medida em que o homem (natureza) está sempre em luta com a sociedade (civilização), e é nessa mesma luta que eles se constituem, ou seja, a condição humana só se faz no enfrentamento com a sociedade.

A tensão necessária, que Marcuse apontava estar entre a civilização e a cultura, para Freud está presente na relação homem e civilização. Mas, no entanto, não há um sem o outro. O fato de o homem romper com sua identidade inicial com a natureza, na formação da sua própria constituição na relação com cultura, ainda assim, faz com que permaneça nele a sensação de mal-estar, ou seja, de culpa. É desse rompimento e dessa constituição que se estabelece a tensão, permanente entre o homem e a sociedade.

Freud, com a psicanálise, foi importantíssimo para o entendimento da cultura também como interiorização da objetividade. A cultura como interiorização abarca os elementos do que se chama de subjetivação do indivíduo, confirmando, dessa maneira, que a cultura não é só aquilo que vemos, não é só aparência, é também a forma como se compreende e vive a realidade.

Para, de fato, compreender melhor o conceito de cultura que aponta para a formação do homem, ou seja, do indivíduo, é recomendável recorrer à Teoria Crítica, representada ora por Adorno, ora por Horkheimer<sup>2</sup> ou os dois simultaneamente. Esses autores, assim como Freud e outros, acreditam que a separação entre cultura e civilização é improcedente.

Só uma consciência cultural que, já não tendo esperança de dar à humanidade a forma de liberdade e consciência a entende (...) como algo de análogo ao florescer e murchar dos vegetais, pode chegar a esta separação rigorosa entre Cultura, como produto e forma da alma, e Civilização, como exterioridade, absolutizando a primeira e pondo-a contra a segunda, e abrindo, com freqüência, as portas ao verdadeiro inimigo \_ a barbárie. (Adorno e Horkheimer, 1973:96)

<sup>2</sup> Esses autores assim como Marcuse, fazem parte de uma vertente dentro do freudo-marxismo conhecida como a escola de Frankfurt. Apesar de todas as diferenças e divergências existentes entre seus elementos, o ponto que os aproximam é a compreensão da realidade baseada na leitura da obra de Freud e de Marx, sem apresentar com isso uma síntese e, sim, verificar as diferenças que levam a um entendimento mais preciso da realidade considerando a parte e o todo.



Na sociedade moderna não cabe mais essa separação até mesmo porque a própria cultura não mantém mais o ar de superioridade, da mesma maneira que não é procedente afirmar que o mal está na técnica, mas no uso que a humanidade tem feito dela.

Cultura e homem se constituem mutuamente. O homem torna-se homem através da cultura e a cultura se mantém e se reproduz pelo homem. Nessa relação e desse movimento que o homem toma como sua a cultura, e a cultura permanece e transparece no processo de socialização vivido pelo homem.

A cultura se afirma através de mediações, tais como família, escola, arte, trabalho e nas próprias relações sociais. Todas essas mediações aparecem como processo de socialização, que implica, ao mesmo tempo, envolvimento direto com as ações. Dessa maneira as mediações (re) apresentam, muitas vezes, mecanismos sutis para a confirmação de uma racionalidade hegemônica.

O homem que emerge dessa racionalidade se depara constantemente com situações de ruptura e de continuidade. E, nessa perspectiva, homem e sociedade possibilitam que alguns elementos da cultura desapareçam, enquanto outros se recriam.

O movimento da sociedade não prescinde da relação entre tempo e espaço que o permite e o compõe, que se constituem sem que um se transforme no outro. A cultura também supõe essa relação de movimento envolvendo espaço e tempo, que produz o contínuo e o descontínuo.

O tempo da cultura pode ser de continuidade, diretamente ligado à tradição ou aos arcaísmos de determinada sociedade, e também de ruptura, expresso nas transformações aceleradas da sociedade. Essa dinâmica da cultura, enquanto movimento histórico, dá-se simultaneamente e contraditoriamente, o que faz com que muitas sociedades sejam, ao mesmo tempo, tradicionais e modernas.

A cidade também produz movimentos que permitem essas diferenças culturais, sobretudo em virtude da rotatividade de pessoas e de atividades desempenhadas. Desse modo ela funciona como um campo de fluxo de inúmeras diversidades.

## 2.1 - Espaço das temporalidades: a modernidade

A sociabilidade na época moderna é representada sobretudo pela cidade, onde há o maior aglomerado humano e o espaço e o tempo são racionalizados. Essa racionalização alcança todos os níveis das relações sociais e define o papel da sociedade:

As concepções do tempo e do espaço são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social. Os índios das planícies ou dos neures africanos objetivam qualidades de tempo e de espaço tão distintas entre si quanto distantes das arraigadas num modo capitalista de produção. A objetividade do tempo e do espaço advém, em ambos os casos, de práticas materiais de reprodução social; e, na medida em que estas podem variar geográfica e historicamente, verifica-se que o tempo social e o espaço social são construídos diferentemente. Em suma, cada modo distinto de produção ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço. (Harvey, 1992:189)

Relativamente à cultura, a idéia de ruptura está presente principalmente numa situação de transformação para uma nova articulação da racionalidade, na qual, ainda que seja possível encontrar elementos opostos coexistindo, está em causa uma nova realidade que se interpreta como progresso.

O que importa é o momento da ruptura, a partir do qual se estabelece outro tipo de relação do passado com o presente e o futuro. A obrigação de ir em frente exclui qualquer retorno, mas a dificuldade de se estar tomado pelo instante vivido requer um total conhecimento do presente e, portanto, das reapropriações de passado que ela efetua, com as que exprimem as reações e recusas das camadas sociais sacrificadas pela modernização ou que com ela não se reconciliam. Todos os problemas se reduzem a um imperativo que a atualidade tornou evidente: dominar (conduzir) a modernidade. (Balandier, 1997a:168)

Mesmo dentro dessa racionalização temporal e espacial hegemônicas, há 'espaços' para a resistência e a diferença. Essas diferenças permanecem vivas, sobretudo porque não é fácil superar estruturas de vida, e essa passagem, na verdade, configura-se lentamente, porque os mecanismos intrínsecos da sociedade, que ocorrem em diferentes esferas, modificam-se muito mais lentamente. Nesse descompasso, pode parecer que a reprodução não acompanha a velocidade da produção. No entanto, a permanência de

antigos modos de vida 'não impedem' a atuação do novo, mas recriam uma forma típica e particular para essa ação. Contudo, quando se trata de

continuidades de velhas formas sociais, o papel principal não é desempenhado pelas interações, mas pelos modos humanos de reação que se consolidaram em ação recíproca com um sistema de instituições culturais na base do processo de cada sociedade. (Horkheimer, 1990:190)

Hoje, na maioria das cidades, o espaço e o tempo, seguem o ritmo acelerado da produção. Porém, essas rápidas transformações fazem com que elementos modernos e arcaicos convivam, uma vez que as mudanças, de tão aceleradas, são muitas vezes superficiais; daí a permanência da convivência com o arcaico. Essa sobrevivência demonstra, de alguma forma, que são as ordenações de tempo e de espaço que dão uma continuidade mais profunda às práticas sociais.

Por outro lado, essa mesma sociedade constantemente vem apresentando um ideal (a ser seguido e buscado) modernizado, que, contraditoriamente utiliza-se do arcaico e, ao mesmo tempo, tenta tirar o sujeito do arcaísmo, recorrendo muitas vezes ao império do consumo. Esse, por sua vez garante a reposição do mesmo sempre apresentado como novo: a mercadoria.

Nas práticas espaciais e temporais de toda sociedade são abundantes as sutilezas e complexidades. Como elas estão estreitamente implicadas em processos de reprodução e de transformação das relações sociais, é preciso encontrar alguma maneira de descrevê-las e de fazer uma generalização sobre seu uso. A história da mudança social é em parte apreendida pela história das concepções de espaço, bem como dos usos ideológicos que podem ser dados a essas concepções. Além disso, todo projeto de transformação da sociedade deve apreender a complexa estrutura da transformação das concepções e práticas espaciais e temporais. (Harvey, 1992:201)

Uma das maneiras de melhor apreender a modernidade é verificar o que há de ruptura e continuidade nesse contexto histórico, buscando as diferentes temporalidades que ela encerra.<sup>3</sup>

O tempo pode ser abordado de várias maneiras e em diversas perspectivas. Isso já faz parte da história, dessa categoria.<sup>4</sup>

A cultura comporta tempos diferenciados. Essa constituição não ocorre de forma tranqüila e está carregada de uma tensão entre a negação e a afirmação do passado no presente. É nesse embate que se pode verificar o diálogo construído entre o passado e o presente e como, de fato, a sociedade o enfrenta. O passado presente, ou que se recria no presente, oferece um nexó imprescindível para o entendimento da realidade atual.

A preocupação de salvar o passado no presente graças à percepção de uma semelhança que os transforma os dois: transforma o passado porque este assume uma forma nova, que poderia ter desaparecido no esquecimento; transforma o presente porque este se revela como sendo a realização possível dessa forma anterior, que poderia ter-se perdido se não a descobrirmos inscritas nas linhas do atual. (Benjamin, 1985:16)

O tempo dá o movimento da história, pontuando o que a sociedade é hoje e norteando as possibilidades de mediações diversas com as quais ela se depara. "O tempo contém os fios que tecem a história e, nesse sentido, está a indicar, tanto aquilo no que a sociedade se transformou, tanto aquilo no que a sociedade poderá se transformar."<sup>5</sup> O tempo da sociedade é múltiplo e impregnado de simultaneidades e contradições e se expressa tanto como continuidade quanto como ruptura.

---

<sup>3</sup> A compreensão das temporalidades, que hoje estão presentes na sociedade, pode nos levar a um entendimento mais preciso da própria cultura objeto deste trabalho : a cultura goianiense, ou seja, a possibilidade da emergência de uma cultura urbana.

<sup>4</sup> Já fizemos uma inserção na natureza do espaço. Agora, para entender o que se passa hoje na sociedade em geral e na sociedade goianiense, faz-se necessário recorrer à noção de tempo no que se refere às temporalidades, já que são imprescindíveis para uma compreensão de como uma determinada sociedade se constitui. O ponto que nos interessa é o da perspectiva da ruptura, assim como o da continuidade.

<sup>5</sup> Anita Resende. *Tempo do tempo*. Dissertação de mestrado. Pág... Puc/SP, 1987

## 2.2 - A tradição na modernidade

“A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente (... )A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir.” Italo Calvino

A cidade, na sua dinâmica de ‘rupturas,’ convive com a tradição, na medida em que, por mais avassaladoras e promissoras que sejam as mudanças propostas pela modernidade, não há como romper definitivamente com o passado. Essa relação se dá, no mínimo, como alteridade, mas o passado permanece como continuidade, mesmo que o presente só cante o hino à ruptura e ao novo.

Para falar de continuidade, é imprescindível falar de tradição:

A tradição gera continuidade; exprime a difícil relação com o passado, impõe uma conformidade resultante de um código do sentido, e portanto de valores que regem as condutas individuais e coletivas, transmitidos de geração em geração. A tradição é uma herança que define e mantém uma ordem ao apagar uma ação transformadora do tempo, só retendo os momentos fundadores dos quais tira sua legitimidade e sua força. Ordena em todos os sentidos da palavra, como enfatizou Marx quando a considerou uma “obsessão” que pesa sobre o cérebro dos homens. (Balandier, 1997b:37)

Somos constituídos por uma tradição, mas ela própria sofre os efeitos do tempo, ou seja, da história, e esses efeitos fazem com que o sentido do que se entende por tradição venha a se modificar. Portanto, “se tornou impossível a abordagem do conceito de tradição independente do de seu corolário que é a ruptura” (Bornheim, 1997:29). Eles se entrelaçam reciprocamente e, diante desse contato, a própria idéia daquilo que se reconhece como sendo a tradição vai ser alterada. Por isso, ainda segundo Gerd Bornheim (1997:29), “a experiência da ruptura tornou-se o espaço ‘natural’ em que se move o homem contemporâneo”.

A tradição não é só continuísmo no sentido estrito da palavra nem é mera reprodução do que ocorreu no passado. A tradição permanece fortalecida enquanto movimento de vida, ou seja, tem fôlego dentro da dinamicidade do presente, que lhe ‘permite’ adaptar-se e, para sobreviver, muitas vezes se utiliza de potencialidades alternativas postas no presente, que exercem uma constante ação sobre ela. Essa não-

uniformidade do tempo, a qual se chama temporalidade, é resultado dos movimentos<sup>6</sup> internos da sociedade, que se conjugam e se opõem.

O passado, ao mesmo tempo, nega e reforça o presente. Nega quando se faz presente como outra temporalidade diferente do agora e, portanto, portadora de uma racionalidade diversa e imprime, dentre outras, uma diferente forma de se movimentar e compreender a realidade, implicando outra velocidade em conflito com o "tempo" presente e urbano.

Contraditoriamente, o passado reforça o presente na medida em que dá continuidade não apenas a elementos bucólicos de um tempo 'melhor', mas também a elementos arcaicos no que se refere a preconceitos, nas formas ditas de 'regressão'. Esses elementos de uma sociedade desigual, na qual os ranços hierárquicos permanecem, revelam-se nas práticas e através dos discursos que confirmam o caráter arcaico e que escapam da memória e da tradição que se carrega.<sup>7</sup>

O passado e a tradição não podem ser ignorados, porque sinalizam e auxiliam na análise de muitas das mudanças do hoje.

Parece que a novidade ou mesmo a inovação constante é aceita mais prontamente na medida em que se refira ao controle humano sobre a natureza não humana, por exemplo, à ciência e a tecnologia, já que grande parte desse controle é obviamente vantajoso mesmo para os mais tradicionalistas (...) A mudança rápida e constante na tecnologia material pode ser saldada pelas mesmas pessoas que se contrariam profundamente com a experiência de mudança rápida nas relações humanas (sexuais familiares, por exemplo), e que poderiam, na verdade, achar difícil conceber mudança constante em tais relações. (Hobsbawm, 1997:29)

É necessário considerar que há 'rupturas' que ocorrem em nome do continuísmo em sociedades que vêm mostrando historicamente um perfil conservador. São as inovações úteis, mas que mantêm a situação social. Essa segurança faz com que tais

<sup>6</sup> Movimentos resultantes de processos mentais, sociais e econômicos que podem demonstrar temporalidades diferentes, mesmo estando inseridos numa sociedade produtora de uma racionalidade instrumental, dominante.

<sup>7</sup> A angústia que se produz no indivíduo impregnado por um passado que lhe comove e ao qual ele se identifica muitas vezes sorrateiramente, alimenta uma luta de vida (o hoje) e de morte (o passado) dentro dele, como que reafirmando que o passado foi mais promissor do que o presente, o qual não oferece muito o que comemorar.

mudanças sejam aceitas mais facilmente numa sociedade tradicional, uma vez que as modificações que necessitem de legitimação são mais difíceis de ser implantadas. A maior parte das mudanças ocorre superficialmente, enquanto intrinsecamente na sociedade permanece um silencioso contínuo, perpetuado no dia-a-dia.

Uma das formas de verificar a continuidade, além do conservadorismo de valores, é através das festas populares. É muito comum, quando se trata de cultura no sentido de tradição, pensar nos eventos especiais, que funcionam como exegese desses dois conceitos, ocorridos durante o ano em uma determinada comunidade (festas religiosas, profanas e comemorações diversas). É clara a importância desses eventos para a cultura local. No entanto, o que chama a atenção é o que alimenta essa tradição, mantida guardada e adormecida, até que se manifeste quando necessário.

A tradição pode ser pensada como usos e costumes, mais direcionada à conservação, deles; como manifestação folclórica, ou ainda como reminiscências de um imaginário rural. Essas diferentes maneiras de compreender a tradição são coetâneas. Portanto, apesar de mais comumente se tomar a tradição enquanto usos e costumes, não é possível deixar de percebê-la e relacioná-la com outras perspectivas, sempre em movimento, tecendo o modo de viver de um povo.

A relação entre cultura e tradição coloca em questão a memória, que funciona como veículo de sustentação de valores, na qual a história pulsa viva.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva (...) A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. (Le Goff, 1992:476/477)

Memória pode se apresentar como lembrança do que ocorreu, no caso dos velhos, e como herança, para os mais jovens, uma experiência que não foi vivida e sim herdada dos pais ou do grupo social a qual se pertence. A memória que subsiste na família é importante porque também faz parte da própria memória coletiva. O importante é não sucumbir ao esquecimento, pois o resultado disso pode ser desastroso:

o esquecimento nos prende ao peso de um presente sem dimensões, quando é causado pela violência dos sentidos e pelo agrilhoamento da

consciência. Ai daqueles que esquecem! As sociedades que esqueceram do seu passado, mesmo do seu passado recente, vagarão, errarão estupidamente sem encontrar a porta da saída que é a reflexão sobre o passado. (Bosi, 1997:53/54)

### A memória é fundamental para a reflexão do passado.

A memória conta realmente \_ para os indivíduos, as coletividades, as civilizações \_ só se mantiver junto a marca do passado e o projeto do futuro, se permitir fazer sem esquecer aquilo que se pretendia fazer, tornar-se sem deixar de ser, ser sem deixar de tornar-se. (Calvino, 1993:18)

A memória é a reorganização do passado em relação ao presente, não que o passado possa de fato ser 'preservado', pois ele é constantemente reconstruído, tendo como referência o próprio presente. Essa reconstrução através da memória não é só individual, mas também social e coletiva.<sup>8</sup>

Mas é preciso usar de astúcia, e ficar sempre atento ao elo com o passado, para que ele não sirva como uma forma de reter nostalgicamente o homem no seu saudosismo, e sim, como reconhecimento para levá-lo adiante e realizar suas esperanças. Dessa forma, se faz necessário "libertar o instante do presente do poder do passado, desterrando-o para trás do limite absoluto do irrecuperável e colocando-o à disposição do agora como saber praticável" (Adorno, 1985: 44).

Contudo, a realidade do presente e as condições hoje postas na sociedade, determinadas por um tipo de racionalidade, impõem outro tipo de postura com relação ao passado e "tudo que é sólido se desmancha no ar". Assim, aquilo que afirma o homem e sua própria história é questionável; a relatividade torna o que antes era certeza em dúvida ou ainda em algo obsoleto. A relação possível muitas vezes é de negação ou de recriação do passado, da forma mais adequada ao presente.

<sup>8</sup> A memória permanece presente ativa e reativamente mesmo em locais, cidades, que se preocupem sobretudo com o presente e o futuro. Porque "Essa memória da sociedade é múltipla, e nenhum regime, mesmo só radicalmente revolucionários, pode destruí-la; tal memória constitui-se em formas materiais, visíveis (passagens, espaços moldados por sucessivas gerações, obras duráveis, maneiras de fazer) e em formas menos imediatamente aparentes (dispositivos mentais, modelos, disposições simbólicas e imagens que regem inconscientemente as opções e os comportamentos)." Balamdier. George *O contorno*. 1997. Bertrand Brasil, RJ. p. 176



São muitos os efeitos que a modernização pode desencadear numa sociedade, mas o tempo da modernidade, apesar de globalizado, sempre se depara com o 'passado,' o tempo local que permanece presente em muitas das esferas da sociedade.

Em termos estruturais, a velocidade com que nos modernizamos leva à coexistência, em planos dissociados, dos antigos e dos novos ideais e identidades. Como vem sendo assinalado, o 'arcaico' apenas aparentemente desaparece dando lugar ao 'moderno': o arcaico continua presente, de modo invisível, mais ou menos inconsciente, mas certamente eficaz na sua oposição estrutural ao moderno, que é o mais recente e é o núcleo daquilo que desejaríamos ser. (Figueira, 1991:153)

Dentro de um perfil de sociedade capitalista que traz em sua forma e no seu conteúdo planos de desigualdades, as diferenças se fazem presente. São nessas diferenças que se constata tanto as rupturas como as continuidades.

### Capítulo 3 - A cidade de Goiânia

O espaço urbano, e especificamente a cidade, constitui-se historicamente, e sua funcionalidade e cultura são condições da modernidade.

Goiânia é uma das poucas cidades do Brasil planejadas nos moldes modernos, vislumbrada como cenário da eficiência do desenvolvimento econômico. Goiânia pode ser vista como elucidação do caminho do progresso e do moderno em Goiás. Esse compromisso com a modernidade traz para a cidade soluções que não seriam possíveis na antiga capital, mas também a leva ao enfrentamento de problemas próprios de uma cidade moderna.

O projeto da construção da cidade de Goiânia não era de todo inovador. Afinal, estava baseado no modelo de cidade-jardim ou cidade-parque e inspirou-se na experiência de Belo Horizonte. O fato de esse projeto já ter sido inaugurado em outra cidade no Brasil, serviu de elemento para o convencimento da sua viabilidade para Goiânia.

Com efeito, Belo Horizonte, não obstante haver surgido em pleno sertão, atraiu vultosos capitais, inúmeras indústrias e é hoje um grande centro comercial e de cultura, sendo de notar que antiga capital mineira Ouro Preto, continua a viver como outrora, tendo mesmo se expandido, não havendo regredido como se supunha. Letchwork na Inglaterra e Gary nos Estados Unidos, com menos de trinta anos, não obstante ficarem relativamente afastadas de grandes centros, são hoje campo de uma considerável atividade industrial para haverem sido convenientemente projetadas. (Apud Mello, 1996:34)

Este trecho é parte do relatório de Armando Godoy, um dos engenheiros responsáveis pela idealização e pela construção de Goiânia, e mostra que havia uma preocupação na legitimação desse projeto de construção, por meio do discurso de que ele não visava à destruição e sim ao crescimento do Estado, no contexto do crescimento do país.

Com o aval da implantação de Belo Horizonte, vê-se que a construção de Goiânia não é um fato isolado. Trata-se de um movimento de desenvolvimento planejado para o Brasil como um todo que chega em Goiás. Mas, apesar de Goiânia correr no encalço de

Belo Horizonte, ela tem vida própria, afinal, nascia com a missão de ser uma metrópole do Oeste.

Goiânia não surgiu, foi plantada. Sua construção pode ser considerada como o primeiro marco desenvolvimentista do Estado, gerado nos anos 10 nos trilhos da estrada de ferro, no trabalho agrícola nas frentes migrantes e imigrantes e favorecido pelas condicionantes históricas. A pedra fundamental da cidade foi lançada em 24 de outubro de 1933. Mais que uma pedra foi um novo eixo. (Mello, 1996:34)

### 3. 1 - A construção de uma promessa

A cidade de Goiânia traz no seu nascedouro o compromisso e a promessa com o desenvolvimento e com o progresso: esse é seu projeto revelado. Mas isso não se faz de um dia para o outro, apesar do entusiasmo do povo para com as promessas de transformação e melhoramento decantada pelos seus idealizadores. Na verdade, a cidade traria a forma ideal para o fluxo de desenvolvimento idealizado pelo Estado. Seria o espaço ideal, que permitiria novos investimentos, centro econômico, político e com condições adequadas de vida.

o local oferece fácil acesso ao progresso e às condições higiênicas indispensáveis a um centro de população moderno, fatores com os quais não contava a cidade (...) (de Goiás) antiga capital". (Castro Costa, 1985: 52)

Se em Goiás (antiga capital), não havia espaço adequado para possibilitar o desempenho do desenvolvimento, Goiânia surge para ser o local ideal aos novos empreendimentos. O novo espaço exige um novo tempo social, que serve para ir em direção ao progresso.

A cidade sempre teve como objetivo a melhoria de vida de quem nela mora. No entanto, no caso de Goiânia, o que vem dar sustentação a esse ideal é a expectativa da marcha para o Oeste, que promete o desenvolvimento advindo da interiorização nacionalista que visava levar a civilização aos espaços 'vazios'.

Uma cidade que surge do projeto de integração nacional, divulgado por Getúlio Vargas, tende a dissolver-se, preço pago geralmente pela integração. Mas, ao que parece essa identificação é uma das preocupações vitais de Goiânia e que a acompanha em sua busca do desenvolvimento e da sua funcionalidade até nos dias de hoje. Desse modo, pode-se dizer que o local (o regional) que se delineia, de uma maneira geral, e, particularmente, em Goiânia, é em direção à unificação

(...) manifestam uma agressividade e autoconfiança de setores que conseguiram, no interior e apesar da prolongada crise que patina a economia nacional, encontrar seu lugar na nova economia nacional intencionalmente unificada. Ao invés de remeter ao agrarismo tradicional, elas constroem circunscrições urbanas, mesmo quando sua base econômica é a pecuária ou a agroindústria. Ao invés de contraporem seus interesses e pautas regionais ao Estado central, adotam um liberalismo realista e pragmático: total liberdade para o capital, total controle sobre a fluxo da força de trabalho (Vainer, 1995: 175).

Goiânia, a cidade moderna 'plantada' no sertão, já traz no seu gene a contradição. A cidade quando considerada como centro moderno (capitalista industrial) em contraste com o 'arcaico'(rural), pode apreender, reproduzir e criar novas formas de moderno e de arcaico no seu interior, como equivalentes de uma mesma dinâmica. Ou seja, vai constituindo um e outro. Assim, cada local configura 'seu' arcaico e 'seu' moderno, tendo como base sua história e sua cultura em contraponto à modernidade, numa relação de mútua influência. Muito desse movimento da sociedade, é exacerbado em Goiânia tanto no que diz respeito ao que é moderno (sua própria condição de projeto) como também ao rural, seu alimento (econômico e político) primordial.

A forma da cidade e o desenho urbano são fundamentais para a funcionalidade de uma racionalidade que sinaliza em direção ao 'progresso' material, intimamente ligado ao perfil de sociedade que se desenha dentro das perspectivas de um projeto liberal. No entanto, o conceito de trabalho que acompanha esse projeto é fonte de um desenvolvimento desigual.

A cidade de Goiânia se consideradas as diversas explicações para sua construção, nos leva a um exemplo concreto de que o espaço não é neutro, \_ ele é político, estratégico

e principalmente histórico. Por conseguinte, ele apresenta, ao mesmo tempo, elementos históricos e geográficos.

O aspecto regional em Goiás, apesar de economicamente ir em direção à unificação, está intimamente ligado à compreensão de sertão. Quanto ao regional, no que se refere ao geográfico, Goiás se encontra inserido no cerrado e o representa, e Goiânia não escapa desse ambiente que a cerca e a envolve por todos os lados. Mas o regional não é só espaço, é também tempo e história. É dessa forma que se pode compreender o que é regional em Goiás, são os nexos que convergem para a formação cultural dessa região.

A reivindicação regionalista, por muito longínqua que pareça deste nacionalismo sem território, é também uma resposta à estigmatização que produz o território de que, aparentemente ela é produto. E, de fato, se a região não existisse como espaço estigmatizado, como 'provincia' definida pela distância econômica e social (e não geográfica) em relação ao 'centro', quer dizer, pela privação do capital (material e simbólico) que a capital concentra, não teria que reivindicar a existência. (Bourdieu, 1994:126).

A grande extensão de terras 'disponíveis' ou lugares vazios permitia que se abrissem na região até mesmo novas perspectivas urbanas e arquitetônicas.

(...) à região centro oeste, justamente por ter sido a grande carente de núcleos urbanos de importância, reservou o destino a tarefa singular de ser o espaço de maior efervescência urbano-arquitetural de todo o Brasil atual, criando problemas e oferecendo soluções. Até agora não vislumbrados, de cujo acerto só o futuro se encarregará de confirmar ou negar (Élis, 1985:45).

Mesmo existindo elementos na cidade que traduzam a harmonia (Monumento das Três Raças), a conquista (Praça do Bandeirante, Avenida Anhangüera) ou o caráter particular da região ( Av. Goiás, Av. Tocantins), não é certo que sejam apreendidos pela população com o significado histórico e geográfico ao qual remetem, mas que pode ser resignificado pela funcionalidade e dinâmica nas quais eles estão, a cidade. Mas uma coisa é certa: a preservação do passado não é preocupação da cidade enquanto espaço urbano em constante mutação.

Goiânia foi criada dentro do espírito desenvolvimentista, e esse espírito tem olhos constantemente voltados para o futuro. O olhar sobre o passado não faz parte do seu roteiro. Eis aí a essência da contradição que faz com que as obras geradas com doses de sacrifícios sejam destruídas e repostas, sem que haja tempo suficiente para que lhes sejam constatados os valores artísticos e históricos. O fluxo desenvolvimentista é nesse sentido, autofágico. Não percebe a história que se construiu e sem o menor pudor destrói e reconstrói cenários, conforme seus novos interesses e metas. (Mello, 1996:211)

A cidade de Goiânia segue o ritmo imposto pela promessa do progresso, não apenas na autofagia, mas na própria forma como ela constitui o homem através da socialização que lhe imprime. A socialização possível em Goiânia é impregnada, determinada e configurada pelo momento histórico atual, mas é também constituída sobre o passado e a história de seu povo. Assim, para que ela seja compreendida, é preciso delinear a própria cultura goianiense.

### 3.2. A configuração da cultura goianiense

O passado nós sabemos de onde veio  
 ele veio do limite estabelecido para a  
 mudança, a mudança do velho para o novo.  
 (Cora Coralina)

Uma vez que a sociedade se compõe desse movimento de ruptura e continuidade, Goiânia não poderia escapar desse movimento, que é inerente ao desenvolvimento histórico e à cultura. Ela sofre a ação tanto da tradição como da modernidade. Nessa relação a cidade contextualiza sua própria condição.

---

<sup>1</sup>A cidade nas suas formas e monumentos vai nos dizendo o que ela é, e é a partir dessa exposição que se pode ver a permanência de um passado que ficou. O passado aparece/permanece tanto na estrutura como no sujeito, que constantemente vai recriando e reelaborando o passado que não passou, ou seja o passado que ficou. O Monumento das Três Raças, raças essas construtoras e constituintes da cidade, representa dessa maneira a união, a harmonia entre elas. Assim, a conciliação é vista de forma cristalizada, evidenciando a ausência de conflito, o elemento conciliador se encontra presente como cultura na sociedade goianiense. A questão dos monumentos e patrimônio históricos em Goiás pode ser encontrados na tese de doutorado de Manoel F. Lima Filho. *Os pioneiros da marcha para o Oeste*. Brasília: Unb. 1998.

Po isso, é necessário verificar como essa condição pela qual a sociedade de uma maneira geral vem passando é vivida particularmente em Goiânia.

O aspecto particular de cada sociedade é composto pelo conjunto de diferenças dado pelo próprio capitalismo, na medida em que não é possível pensar a cultura isoladamente. Por outro lado, é preciso considerar também os elementos fornecidos pela história local que vem se formando na sociedade e que contempla as diferenças na relação entre os Estados vizinhos, formada com e no próprio processo de imigração. É a composição desses elementos que vai configurando a cultura local, o ser goiano extensivo também ao goianiense.<sup>2</sup>

A história, em seus diversos momentos, vai constituindo aspectos específicos de determinado local, os quais apontam para a confirmação de sua identidade. Dentre os elementos que compõem a história de Goiás, a construção de Goiânia, assim como a marcha para o Oeste, são bastante significativos para a compreensão desse aspecto particular da cultura goiana e, posteriormente, da goianiense. Com a construção de Goiânia, o povo goiano, marcado pelo ritmo interiorano e formado por uma cultura tipicamente provinciana carregada de lembranças hierárquicas, tenta, ao mesmo tempo, formar e conquistar a nova capital, que nasce cheia de promessas e perspectivas de mudanças. O goiano, nesse instante, depara-se com uma nova racionalidade, tanto espacial como temporal, e é nessa relação que a tradição desse povo deve, de alguma forma, se adaptar ou sucumbir, porque

a construção da modernidade em Goiás, nos anos 30, será também a reconstrução do 'sertão', a necessidade de integrá-lo nacionalmente, de pôr um fim à 'decadência' e ao 'atraso'. Erguer a 'cidade' (Goiânia), dentro do campo (Goiás) é a tarefa dessa década. (Chaul, 1995: 32)<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Sempre que fizermos referência ao goiano, estamos na verdade tentando visualizar o goianiense, já que nosso interesse é particularmente a cidade da Goiânia.

<sup>3</sup> A cidade é o passaporte para a integração de Goiás ao plano de desenvolvimento nacionalista posto por Vargas. A mudança da capital traz a possibilidade de transformação, mas a carga do passado sem muita glória, preso à ideia de Estado periférico e colonizado, vai permeando o próprio presente, dentro de uma modernidade periférica.

A história da construção de Goiânia vem no vácuo da idéia de projetar o Estado de Goiás numa política de integração nacional, que tiraria o sertão do atraso e o integraria definitivamente ao quadro nacional. Esse plano baseava-se na formação de uma idéia de nação potente e integradora numa tentativa organizacional de criar uma identidade nacional, através da marcha para o Oeste.

No entanto, muito antes da marcha para o Oeste, a política de integração no Estado de Goiás com o governo federal foi uma constante desde o início do século XX. A integração tão esperada, sobretudo pelos governantes, viria através dos trilhos da modernização.

Considerando esse anseio de integração, a implantação da estrada de ferro em Goiás veio para viabilizá-la.

(...) no começo do século, uma das condições imprescindíveis para o capital expandir sua frente pioneira rumo ao Centro-Oeste seria a implantação de uma infra-estrutura de transporte que possibilitasse a ligação desta região ao Centro-Sul. Uma vez que a ocupação e a incorporação de novas áreas que se encontravam fora da economia de mercado fazem parte da própria estrutura do capitalismo como fator essencial do processo de reprodução, o próprio capital se encarregou de construir, a partir da segunda metade do século, a primeira via de transporte moderno para o Centro-Oeste: a estrada de ferro de Goiás. (Borges, 1990:55)

É possível afirmar que essa função de integração pôde ser exercida pela estrada de ferro ao se considerar que ela foi o primeiro transporte e meio de comunicação moderno dentro do Estado de Goiás, estabelecendo uma linha de comunicação entre a economia regional e a economia nacional (capitalista em expansão). Esse agente modernizador, que foi a estrada no Estado, estabelece enfim uma via que permite a realização da expansão capitalista.

A implantação da estrada de ferro desempenhou uma aceleração nas mudanças em vários aspectos da sociedade, decorrentes da proximidade com as relações e inovações capitalistas.<sup>4</sup> Ela foi o ponto da partida para a política de integração que permanece

<sup>4</sup> Segundo Barsanufu G. Borges, com a chegada da estrada de ferro novos núcleos foram surgindo e rapidamente já adquiriram características de centros urbanos, em decorrência da presença do telefone, da energia elétrica, do cinema, e outros.



presente até hoje e que assume as facetas pertinentes a cada momento da economia capitalista.<sup>5</sup>

Na década de 30, com a expansão capitalista tomando uma forma mais agressiva, Goiás era visto como uma boa possibilidade de mercado consumidor, favorecendo um novo tipo de acumulação que visava ao crescimento do mercado interno. Esse projeto necessitava de um centro dinamizador, um pólo urbano que abarcasse tal movimento, daí uma via de compreensão para a construção da cidade de Goiânia, que serviria de base para o plano de expansão.

Esse plano de expansão implicava o avanço em direção ao interior do país, a busca de totalidade nacional, apontando um movimento na história nacional na escalada de sua própria constituição: “ a construção da ‘Marcha’ atina para a imagem da nação em movimento à procura de si mesma, de sua integração e acabamento.” (Lenharo, 1989: 15)

A história de Goiânia está diretamente ligada ao pensamento de construção de uma nação, articulado ao projeto político desenvolvimentista de Vargas e amalgamado aos interesses políticos e econômicos locais. Uma via de mão dupla é fortalecida entre o poder local e o poder nacional.

Goiânia pode ser considerada um fruto do Estado Novo, uma vez que sua realização depende basicamente do regime instalado em 30 e que culminou na ordem imposta por Vargas em 1937. Para o Estado Novo, o inverso é também verdadeiro. Goiânia era a representação maior do ‘nacionalismo’; do ‘bandeirantismo’, da ‘sagacidade’ da brasileiro, tão decantados pelos ideólogos do Estado Novo. (Lenharo: 1989: 15)

Uma forma de Goiás entrar nesse movimento de avanço nacional é por meio da construção de uma nova sede política, na tentativa de romper com todo o arcaísmo que a antiga capital representava. Para isso, é preciso esquecer o passado para construir o futuro; a condição para abraçar o nacional era esquecer o local. Essa intensa tentativa de transformar o interior do país, implementada pela marcha para o Oeste, tem como finalidade

<sup>5</sup> Mais recentemente, temos as novas indústrias nacionais e multinacionais, cobertas por benefícios fiscais, que vêm sendo implantadas em Goiás, também seguindo o modelo de integração à economia nacional.

de um só fôlego, mudar costumes, mentalidade e modo de vida dos sertanejos e domesticar a aspereza da terra bruta e deserta. Há em tudo um propósito de disciplinar, pelo uso econômico e pela dependência governamental, a terra e a gente desse lugar um dia selvagem, retardatário e insurgente. (Souza, 1997:117)

Não se pode perder de vista que Goiás era ponto de apoio, ponto de passagem ou ainda de vanguarda para uma expansão muito maior, rumo à formação da nação que tinha como objetivo chegar à Amazônia.

a ocupação do Centro-Oeste visava também ser uma etapa preliminar da ocupação da Amazônia, área com grandes potenciais e até então praticamente inexplorada. Sendo muito difícil alcançar a Região Amazônica pelo litoral, pensava-se alcançá-la através do Centro-Oeste, numa política progressiva de interiorização do país. (Silva, 1982:180)

Dentro dessa mesma perspectiva de integração, há um aspecto importante que não pode ser esquecido: o papel da escola nessa investida. A escola, de fato, tem uma parcela a contribuir para o desempenho da marcha para o Oeste, através da defesa da educação rural.<sup>6</sup>

Dentro dos propósitos de desencadear a marcha para o Oeste, o ensino na área rural passou a ser amplamente defendido e difundido, associado à necessidade de orientar os alunos para o trabalho e como antídoto no combate ao êxodo rural (...). A educação rural era defendida como forma de fazer do homem unidade produtiva e sempre romper com o atraso tecnológico da produção agrícola. Goiás, como um estado agrícola que deveria inserir-se na lógica da expansão capitalista, deveria ser, por excelência, o locus de implantação do ensino rural. (Canezin e Loureiro, 1994: 83)

Dessa maneira, pode-se dizer que ao pensar Goiânia, brotou desse pensamento um campo de luta entre o passado e o projeto modernizador. O passado chega através de seu povo e, sobretudo, de seus governantes, que proclamam a ruptura com o arcaísmo, mas que, na verdade, perpetuam-no em seu exercício do poder, decorrente de lutas históricas entre oligarquias que ocasionalmente se alternam no comando do Estado.

<sup>6</sup> Na década de 30, o presidente Getúlio Vargas já havia implantado uma política de benefícios trabalhistas que só dizia respeito à área urbana, por isso, havia o perigo de uma corrida aos grandes centros urbanos. A educação rural funcionava no sentido de fixar esse homem no campo, o que, ao mesmo tempo, possibilitaria a implementação da expansão capitalista nos moldes da época.

Nessa dinâmica de projeto modernizador sustentado pelo discurso oficial e juntando a isso a vontade de se integrar à modernidade, assim como ao resto do país em pé de igualdade, o povo ao mesmo tempo que se depara com o 'novo', traz consigo elementos inerentes de sua própria cultura agrária de Estado periférico, presentes no dia-a-dia e que vão configurando o que fica do mundo rural no meio urbano.

A cultura urbana goianiense se constitui nessa interface da tradição e da modernidade. Mesmo quando se busca entender a cultura presente na cidade, deve-se levar em conta toda a dinâmica atual, assim como os elementos históricos e culturais presentes nesse contexto que dão a ela o seu aspecto particular e apontam os elementos inerentes de sua constituição social.

O cruzamento da tradição e da modernidade vem do movimento presente na própria sociedade. Não há uma cultura goianiense que se possa pinçar isoladamente e dizer qual é o seu elemento primordial. Essa postura traria uma carga essencialista, na qual a cultura apareceria como algo dado, natural, e não construído e constituinte do movimento social. A 'autêntica' e pura cultura goiana não existe.

Porém, o que dá autenticidade a ela é, sobretudo, o conflito presente na sociedade, ou seja, o que brota do conflito é que é autêntico, o que dá a particularidade de Goiânia são os elementos que compõem esse conflito, como já havíamos dito, e que advêm do seu lugar no contexto global e da sua própria história.<sup>7</sup>

Como esse conflito é vivido em Goiânia, e suas implicações, pode ser verificado, dentre outras formas, através da perspectiva apresentada pelos adolescentes que vivem na cidade. Procura-se, com isso, compreender como se dá a relação entre cultura urbana e socialização, vivida e produzida pelo adolescente.

A luta de forças tradicionais e modernas em Goiânia, data de fundação, da cidade e permanece viva até hoje. Trata-se de um sinal que pode ser interpretado como não havendo conciliação possível entre essas duas temporalidades, apesar de que não se compreende Goiânia sem tal presença dualista. Assim sendo, essa luta se faz nos diversos locais da cidade.

---

<sup>7</sup> A afirmativa desse parágrafo é decorrente do texto que trata do regionalismo literário em Goiás. *O regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos*. De Albertina Vicentini. Goiânia : UFG . 1997.

Talvez o emblema dessa condição, que acalenta um sonho conciliador de quem vive esse embate, é a festa da exposição agropecuária de Goiânia, quando a modernidade se faz presente através da tecnologia na suas mais diferentes representações. Contudo, esse evento se objetiva também fundado numa expressão da tradição cultural, na sua face mais massificada.

Em geral, a exposição é espaço para demonstração do processo tecnológico e científico dos setores agrícola e pecuário da economia nacional e o que se premia são a produtividade e a rentabilidade do grande capital investido nas áreas financeira, industrial, agroindustrial e de serviços (...) as exposições agropecuárias são importantes apenas na medida em que ajudam a manter o 'espírito country' como aspecto visível da reinvenção da categoria sertão. Vários dos signos valorizados na festa do peão aí estão presentes, como a demarcar uma espécie de continuidade entre as duas modalidades de eventos, quais sejam; a música, o chapéu na modelo western, as botas de salto, as calças jeans, e os cintos largos com fivelas grandes prateadas, as camionetes nacionais importadas etc. (Pimentel, 1997: 71)

Mas é preciso lembrar que essa forma de expressar uma reinvenção não diz de fato o que é o universo ao qual se quer representar, tendo em vista que ele (nessa reinvenção) aparece pronto, pasteurizado, sem mostrar as lutas e diferenças nele presentes. Portanto, "A possibilidade de adesão a um modelo de festas que privilegiam precisamente a idéia de bom sertão, a qual, ao lado deste núcleo semântico reposto, traz também a idéia de modernidade" (Pimentel, 1997: 71). Isso nos diz mais da modernidade, fragmentada e ao mesmo tempo global, do que do local.

O que constrói a cultura goianiense é bem mais do que um evento. A formação cultural do adolescente morador da zona urbana é carregada de bombardeios vindos de vários lados de um mundo globalizado e também do universo local. São muitos os 'lugares' que contribuem para construir o perfil cultural goianiense, advindo, sobretudo, das mediações que constituem o que vem a ser cultura.

Voltando à questão estrutural da cidade, o modelo de cidade-jardim como opção para a construção da cidade de Goiânia a enquadraria como alternativa à metrópole. Portanto, até hoje, apesar do crescimento desmedido que ocorre no município, ela ainda guarda muitos dos traços de cidade-jardim. Mas dentro da perspectiva da geografia

crítica, constata-se que tal modelo se enquadra e a realidade a confirma como uma metrópole incompleta. Isso a faz estar sempre no ritmo de aspirar e abraçar o progresso, para que ele se espalhe pelos seus espaços.

Após a Segunda Guerra Mundial, Goiânia passa por um fluxo desenvolvimentista, em razão de a vários fatores que o influenciaram, dentre os quais destacam-se a inauguração da Represa Rochedo, ampliando o potencial elétrico da cidade; a construção de Brasília, e a política desenvolvimentista do presidente Juscelino Kubitschek, que impulsionou a pavimentação de várias rodovias, facilitando a circulação e a comunicação com outros Estados e aumentando o fluxo populacional da cidade. O crescimento de Goiânia se deu, assim, muito em função da construção de Brasília, \_ é a partir da década de 60 que há o aumento significativo da população e da infra-estrutura do Estado através da construção das rodovias. O que facilitava o acesso às novas cidades (Goiânia e Brasília), com novas oportunidades o que para muitos, era uma promessa.

Contudo, o progresso se espalha de forma contraditória pois, o projeto da cidade, previa uma população de, no máximo, 50.000 habitantes.

Goiânia foi planejada na década de trinta para abrigar uma população de, no máximo, 50 mil habitantes. O planejamento da cidade pautou-se pela ousadia, vez que a cidade de Goiás, antiga capital, possuía uma população de apenas 8 mil habitantes. Desde sua fundação Goiânia sofreu um processo de crescimento \_ na década de 50 foi de 10.34%, de 60 -10.96%, 80 - 6.54% e para a década de noventa está estimada em 5.28%. Em 1980, a capital contava com 717 mil habitantes, prevendo-se para 1990 ultrapassar um milhão de habitantes. (Campos e Bernardes, 1991:17)

Esse dado acima comprova que, apesar de Goiânia ter sido planejada, não está imune ao processo de crescimento desordenado, pelo qual as cidades de uma maneira geral vêm passando e que é próprio do modelo capitalista. A racionalidade que a produziu é a mesma que a desintegra, enquanto projeto arquitetônico de bem-estar, e se mostra como realidade de uma promessa não cumprida.

O mesmo artigo de Bernardes e Campos demonstra que o crescimento desordenado de Goiânia produz grandes áreas de periferia. Essas por sua vez, apresentam formas específicas de socialização, variando de acordo com o tipo de vida e de localidade.

A cidade de Goiânia, de acordo com dados do Iplan contava, no início dos anos 90, com 248 bairros ou setores. Esse número é bastante elevado, sobretudo se considerar o projeto inicial da cidade. Assim, boa parte desses bairros está situada periferia. “Até a década de 50 o desenho da cidade se manteve inalterado. Mas a lei 176 liberou o loteador da responsabilidade de criar infra-estrutura básica. Foi o início do processo de horizontalização e verticalização, a explosão urbana acelerada nos anos 60 e 70” (*O Popular*, 1999:09). Com o crescimento da cidade, sobretudo nas periferias, é como se houvesse uma cidade engolindo a outra, a real e a planejada.

A periferia em Goiânia, constitui-se de uma grande área de locais ‘opacos’, nos quais Milton Santos vislumbra a fertilidade para mudanças. No entanto, o que motiva a mudança tanto pode ser no sentido da ruptura com a racionalidade hegemônica, o que é mais difícil, ou a uma mudança que o tire da opacidade e o leve ao espaço ‘luminoso’ da cidade, este último pouco provável devido ao modelo de exclusão que a sociedade propaga.<sup>8</sup>

Diante da trajetória e desenvolvimento da cidade de Goiânia, como pode ser visto, é possível encontrar elementos da modernidade, que implicam ora ruptura e ora continuidade que são próprios do momento histórico e da condição histórica da cidade, delineados pela cultura e pelo espaço urbano. Algumas destas particularidades que serão acompanhadas com maior atenção no decorrer da análise dos dados.

---

<sup>8</sup> A cidade de Goiânia enquanto espaço urbano, o que ele produz e sua configuração atual acerca de muitas das questões até aqui levantadas, são perseguidas na análise dos dados, e podem ser acompanhadas no capítulo seguinte.

## Capítulo 4 - Análise dos Dados

### 4.1 - Apresentação dos dados

Os dados, coletados através de questionário (anexo 6), aplicado em adolescentes da rede pública estadual, em 15 escolas (cerca de 20% do total daquelas que ofereciam o ensino fundamental e médio) espalhadas por diversas regiões da cidade. Ao todo foram distribuídos 142 questionários entre os alunos da 6ª série do ensino fundamental ao 3º. ano do ensino médio, sempre no período matutino, conforme já explicado na introdução.

A tabela abaixo apresenta a lista das escolas sorteadas, com a porcentagem de questionários que foram aplicados em cada uma delas. Através da tabela é possível ver que foi aplicado um maior número de questionários em colégios da periferia, onde há uma concentração maior de turmas de diferentes séries, enquanto nas escolas do centro há uma maior oferta apenas de turmas do ensino médio, uma vez que a região central conta com um maior número de estabelecimentos de ensino público.<sup>1</sup>

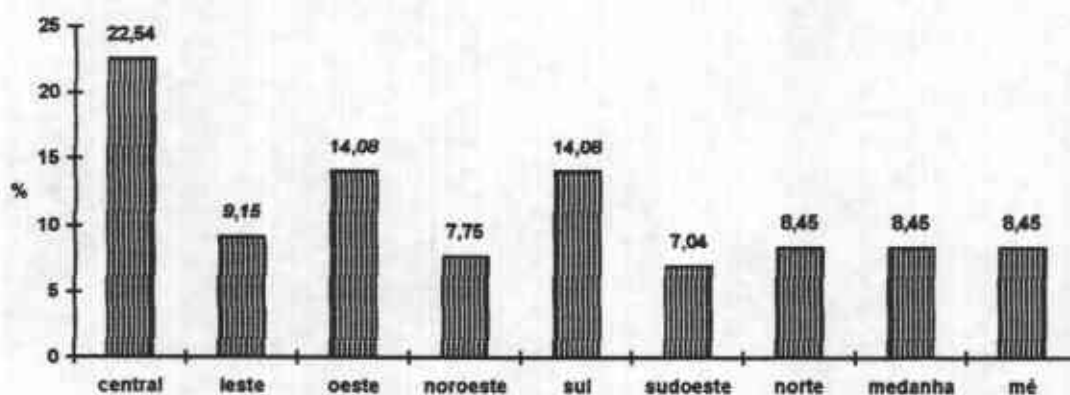
Escolas nas quais foram aplicados questionários	%
Colégio Estadual Presidente Castelo Branco (Colu)	4,23
Instituto de Educação de Goiás (IEG)	5,63
Colégio Lyceu de Goiânia	4,23
Colégio Estadual Rui Barbosa	4,23
Colégio Estadual Hugo de Carvalho Ramos	4,23
Colégio Estadual Setor Palmito	9,15
Colégio Estadual Solon Amaral	7,04
Colégio Estadual Cultura e Cooperativismo	7,04
Colégio Estadual Ari Valadão	7,75
Colégio Estadual Pedro X. Teixeira	8,45
Colégio Estadual Luiz Alberto Vilela	5,63
Colégio Estadual do Jardim América	7,04
Escola Estadual Jardim Guanabara	8,45
Colégio Estadual Joaquim Carvalho Teixeira	8,45
Colégio Estadual Crimeia Oeste	8,45

<sup>1</sup> A lista com todas as escolas da rede estadual que oferecem ensino fundamental e médio pode ser encontrada no anexo 3. Especificamente, as escolas que foram sorteadas, com sua respectiva localização, estão no anexo 4 e, no anexo 5, estão graficamente expostas as escolas por região.

O número de questionários aplicados por região deu-se da seguinte maneira: na região central, foram aplicados 32 questionários (22,54%), na região leste 13 questionários (9,15%); nas regiões sul e oeste, 20 questionários (14,08%), em cada uma; na região noroeste, 11 questionários (7,75%); na região sudoeste 10 questionários (7,04%), e nas regiões norte, Medanha e Vale do Mé, em cada uma delas, 12 questionários (8,45%). Essa distribuição fica clara no gráfico abaixo.

É importante ver a distribuição das escolas por região, uma vez que a pesquisa objetiva abarcar toda a cidade, nas suas mais diversas configurações, dentro do perfil previamente traçado, objetivando abordar a clientela desejada: adolescentes das classes populares, que se encontram nas mais diversas áreas do município.

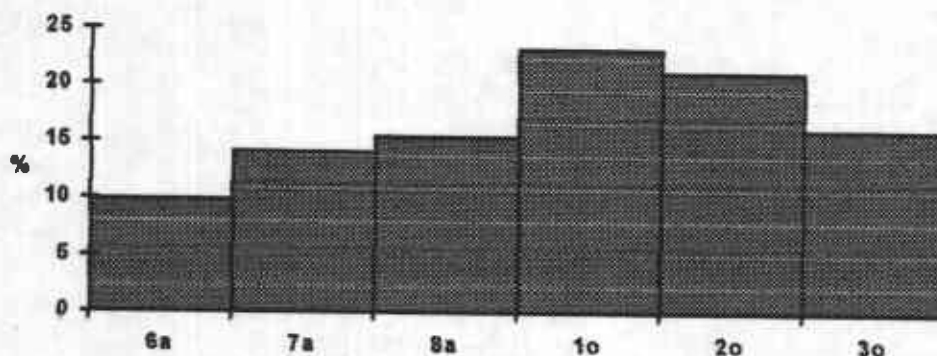
Questionários por região



Os dados indicam a seguinte distribuição: dos 142 adolescentes pesquisados 14 (16,20%) cursavam a 6ª. série; a 7ª. série, 20 (14,08%) e na 8ª. série 22 (15,49%). Também responderam ao questionário do 1º. ano do ensino médio 33 (23,24%), no 2º. ano do ensino médio 30 adolescentes (21,13%), e, por fim, do 3º. ano do ensino médio 23 (16,20%). Conforme o quadro abaixo.

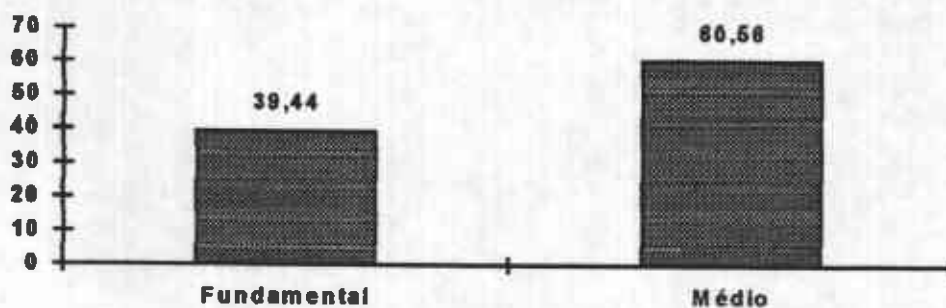


Distribuição de questionários por série



Assim, no ensino fundamental, o número de questionários soma um total de 56 (39%), enquanto, no ensino médio, chega a 86(61%).<sup>2</sup>

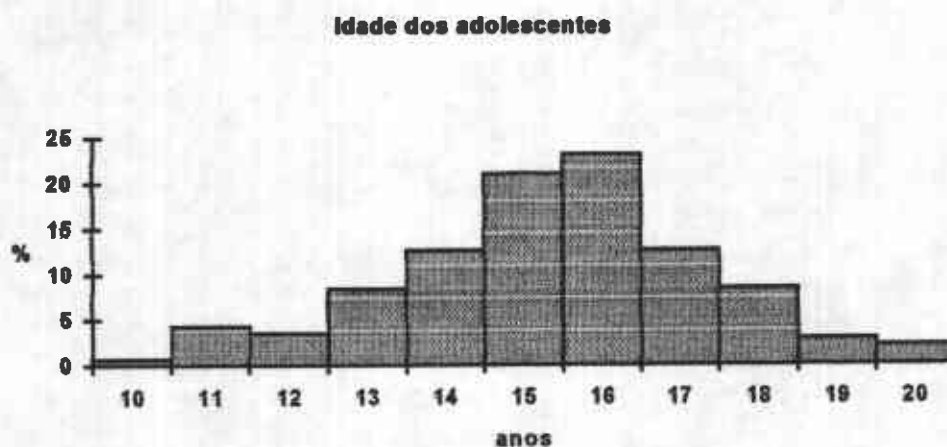
Representação por grau de escolaridade que o sujeito está cursando no momento da pesquisa



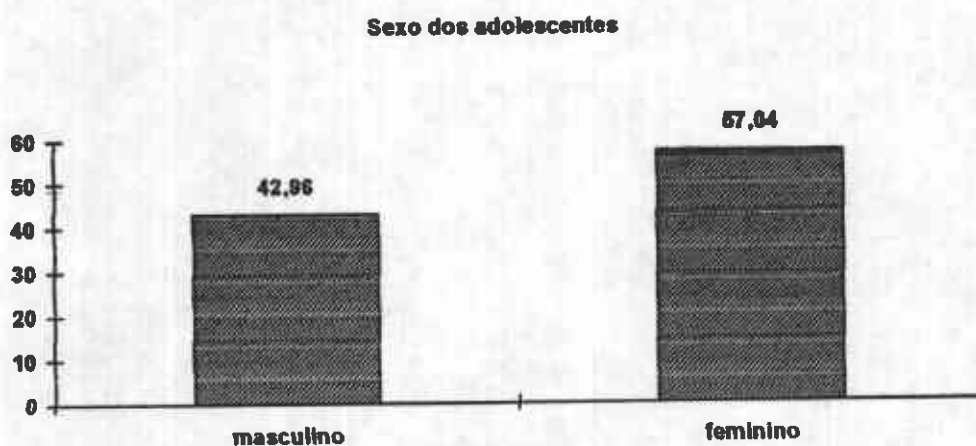
O número maior de questionários aplicados no ensino médio deve-se ao fato de as escolas do centro concentrarem, no período da manhã horário em que foram distribuídos, os questionários, sobretudo o ensino médio. Tal fato reflete na idade dos alunos pesquisados.

<sup>2</sup> O critério de seleção dos alunos para participar da pesquisa, respondendo ao questionário, foi aleatório. Ficava a critério da coordenadora ou professora, que convidava o aluno que estivesse em sala naquele momento. Das turmas (séries) que estavam dentro do universo da pesquisa, a diferença entre o ensino fundamental e médio diz respeito à concentração maior de turmas do último nas escolas pesquisadas.

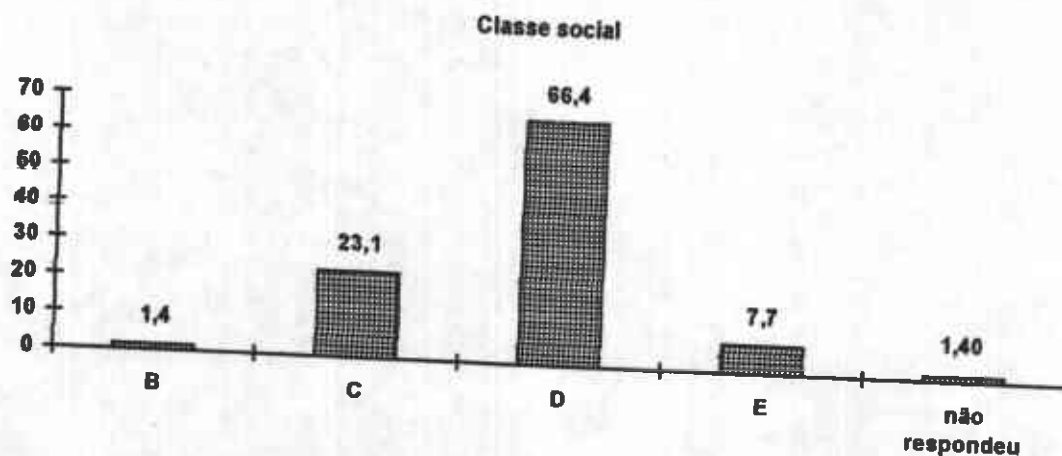
A idade dos alunos variou de 10 a 20 anos, sendo que a maioria concentrou-se na faixa de 15 (21,13%) e 16 (23,24%) anos, conforme pode ser visto no gráfico abaixo.



Os dados da pesquisa apresentam uma predominância de adolescentes do sexo feminino. Dessa forma, esse foi o perfil quanto ao gênero: 61 estudantes pesquisados (42,96%) pertencem ao sexo masculino e 81 (57,04%), ao feminino.



O resultado da pesquisa confirma que a clientela que frequenta a rede pública estadual, é formada basicamente pela camada de baixa renda da população, bastante extensa nos setores urbanos e, portanto, significativa para este trabalho.



Para chegarmos a esse resultado, recorremos a uma tabela de classificação sócioeconômica, adaptada da tabela da Abpeme<sup>3</sup>. Tal instrumento é importante para a verificação da classe social, que, por sua vez, é um elemento importante na compreensão da configuração da socialização na cidade de Goiânia, ora por adesão ora por reação ao que se faz. Isso poderá ser verificado no decorrer da análise.

**TABELA DE CLASSIFICAÇÃO SÓCIOECONÔMICA.**

ITENS	0	1	2	3	4	5	6
Rádio/ aparelho de som							
Banheiros	0	5	5	5	5	5	5
Chuveiro elétrico	0	2	2	2	2	2	2
Televisão	0	2	2	2	2	2	2
Empregada mensalista	0	5	12	18	29	24	24
Automóvel	0	4	8	12	16	16	16

Adaptada : ABPEME

Nas tabelas abaixo, pode-se ver que a maior parte dos adolescentes pesquisados vive com os pais, obviamente por causa da idade, e que o sustento é dividido entre o pai e/ou a mãe, um resultado que aponta a participação da mãe no sustento da família. Ao cruzarmos com a escolaridade dos que sustentam a família, percebe-se que ela é relativamente baixa, o que pode levar a crer que a renda familiar acompanha a

<sup>3</sup> Alguns ajustes foram feitos na tabela uma vez que, com o Plano Real, houve um aumento de compra de eletrodomésticos pela população de baixa renda o que não implica necessariamente aumento do poder aquisitivo, mas maior facilidade nas formas de pagamento, e essas aquisições poderiam apresentar um falso padrão, caso a tabela fosse utilizada sem tais ajustes.

escolaridade, ou seja, também é baixa. Isso confirma os dados obtidos pela tabela de classe social.

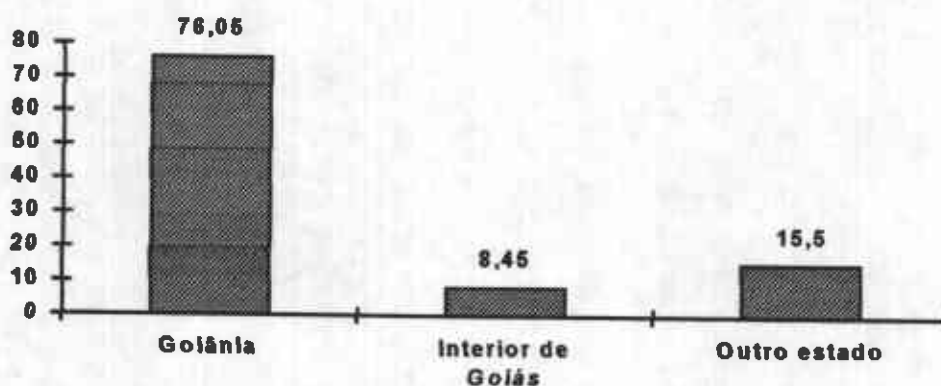
<b>Principal responsável pelo sustento da família</b>	<b>%</b>
pai	38,73
mãe	19,01
pais	33,1
eu	0,7
eu e meu esposo (a)	1,41
eu e meus irmãos	0,7
meus irmãos	2,11
outra pessoa fora da família	2,82
não sei	1,4

<b>Escolaridade da pessoa que sustenta a família</b>	<b>%</b>
não sabe ler nem escrever	2,82
4a série do 1o grau	19,01
8a série do 1o grau	19,01
não completou o 2o grau	8,45
completou o 2o grau	21,13
não completou a faculdade	4,23
completou a faculdade	9,15
não sei informar	13,38
outros	2,11

Para de fato saber se o adolescente pesquisado poderia responder acerca da cidade onde mora, procurou-se verificar onde ele nasceu e há quanto tempo vive na cidade. O resultado apontou que a maioria dos adolescentes pesquisados nasceu em Goiânia (76,06%),<sup>4</sup> e sempre morou na cidade (63,38%). A par desse resultado, pode-se afirmar que o perfil dos que responderam ao questionário é de um adolescente urbano, que tem a cidade como seu "habitat".

<sup>4</sup> O restante se divide entre o interior do estado (8,45%) e outros estados seja capital 18(12,68%); ou do interior(3, 52%)

Onde nasceu



Há quanto tempo vive em Goiânia



Esses foram os dados referentes ao perfil dos pesquisados, que apontam melhor quem são e onde estão os adolescentes objeto deste trabalho. O próximo ponto é mostrar como eles vêm, entendem a cidade onde moram e como nela vivem.<sup>5</sup>

#### 4.2- Análise dos dados. Goiânia: a tradição na modernidade

Nesse ritmo de mudanças em que as “transformações estruturais pelas quais passa a sociedade induzem ao desaparecimento de toda uma cultura tradicional; a própria idéia

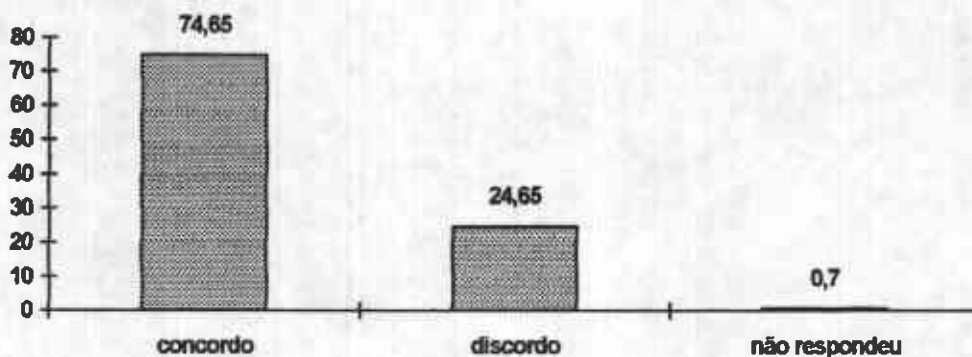
<sup>5</sup> Além dos gráficos apresentados no decorrer das análises, é possível encontrar todas as tabelas do resultado do questionário no anexo 7.

de sociabilidade coletiva entra 'em crise" (Ortiz, 1991:36), Goiânia, enquanto uma metrópole incompleta, contém elementos resistentes ainda que em crise, que remetem a outro espaço que não o urbano. " (...) uma cidade não constitui, precisamente, uma unidade fechada sobre si própria; ela existe, outrossim, num contexto das relações funcionais com toda região e, em uma última análise, com a totalidade da sociedade" (Horkheimer e Adorno. 1973: 158).

A permanência de resquícios comunitários estão inseridos no tipo de desenvolvimento social vigente, causando assim uma certa tensão na convivência, uma vez que, caso permaneçam presentes, são pouco valorizados ou até discriminados.

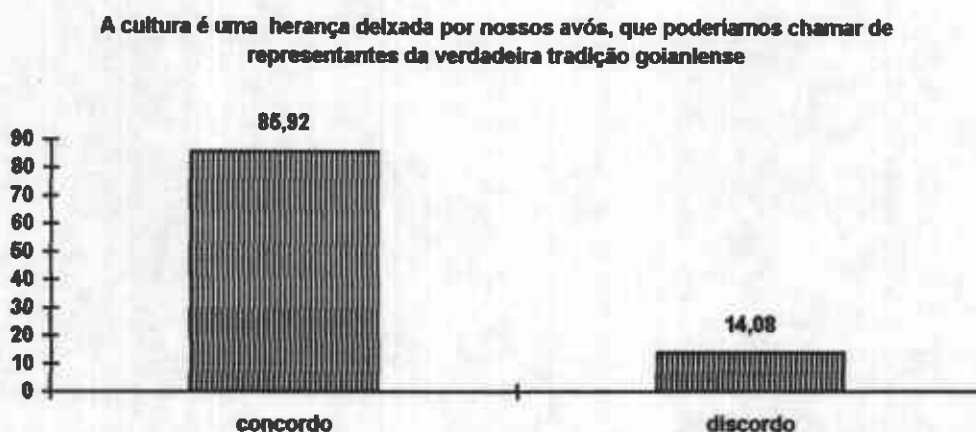
Mesmo em Goiânia, uma capital moderna, construída para romper com os arcaísmos presentes na antiga capital, ainda é possível ver presentes elementos arcaicos e até mesmo rurais. As respostas dos adolescentes apontam nessa direção, uma vez que a maioria (74,65%) afirmou que esses elementos de fato existem, enquanto o restante discorda (24,65%). O fato de concordar com a presença desses traços 'rurais', que lembrem comunidades na cidade, não faz com que os adolescentes participem ou adiram a esses aspectos comunitários, no que se refere à socialização.

Apesar de estarmos em Goiânia, é fácil reconhecer a presença de comportamentos que se aproximam muito de aspectos ligados ao rural



A cultura como herança deixada pelos pais e avós é reconhecida pela maioria dos adolescentes pesquisados (85,92%), confirmando que as pessoas mais velhas são reconhecidas como os representantes privilegiados da tradição. Os 14,08% restantes

discordam dessa afirmativa. Tal resultado aponta, na verdade, que a cultura como tradição é, sem dúvida, repassada pelos pais. Os adolescentes, ao reconhecer os seus pais como os transmissores da cultura e das tradições, de certa maneira isentam-se dessa tarefa, ficando mais comprometidos com o presente. Isso os deixa mais propensos ao desenraizamento.<sup>6</sup>



Através dos pais e avós, a memória que subsiste na família é tão importante porque também faz parte da própria memória coletiva. O essencial é não sucumbir ao esquecimento, pois o resultado disso pode ser desastroso, uma vez que o olvido deixa apenas como possibilidade o presente, que toma grandes dimensões, dificultando a reflexão acerca do que aconteceu e do que está acontecendo, empobrecendo a compreensão do que está por vir.

A memória funciona como veículo de sustentação de muitos valores. Campo de fixação da história, “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva (...) A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.” (Le Goff, 1992:

<sup>6</sup> O desenraizamento, implica o não-envolvimento com o passado. Mas, por outro lado, é preciso ver que a possibilidade do que o adolescente irá preservar como memória está intimamente ligado ao seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência a esses indivíduos. Por isso, a importância dessas mediações para compreender como se constitui a socialização na sociedade capitalista moderna.

476/477). É de toda essa riqueza, advinda da tensão entre passado e presente, que os adolescentes estão se distanciando.

Memória como lembrança dos mais velhos como herança, que não foi vivida e sim herdada dos pais ou do grupo social a qual se pertence. E sobre a importância dessa relação com a família vemos que

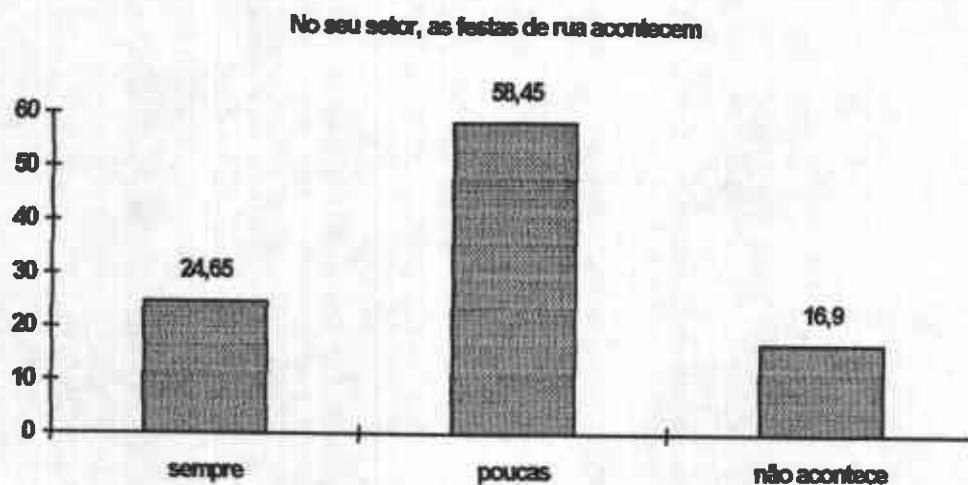
A importância do grupo familiar como referência fundamental para a reconstrução do passado advém do fato de a família ser, ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas (Barros, 1989)

A família não está isenta da racionalidade que campeia na sociedade de uma maneira geral. Mas pode ser, e é (potencialmente), o local de subjetividades outras que permitem racionalidades diferenciadas contrapostas à racionalidade hegemônica.<sup>7</sup> Mais uma vez, a família aparece como mediadora entre o passado e o presente. O que ficou do passado, ou o que foi visto e vivido, não é transitório e, na verdade, é constituinte do presente. Esse elo com o passado é que vai, continuamente, dando forma à natureza humana.

Um aspecto que pode aferir a questão da presença de elementos da comunidade são os eventos de rua. Em Goiânia, procurou-se saber se ocorre alguma festa de rua nos bairros. Na verdade pode-se ver que essa via de contato ocorre muito pouco, pois o resultado foi que 58,45% dos adolescentes que responderam ao questionário responderam que há poucas festas de rua no seu bairro. Se há esse elemento de permanência de valores culturais, em eventos mais ligados a uma sociabilidade comunitária, são em número muito pequeno ou com pouca intensidade, a tal ponto de os adolescentes não terem conhecimento deles.

<sup>7</sup> O enfraquecimento da família patriarcal (no capitalismo tardio). Com a saída de cena do pai (autoridade/proteção) e da mãe (afeto) leva o indivíduo a buscar na sociedade algo que não teve em casa, levando junto a imunidade própria da relação familiar, o que dificulta o distanciamento desse frente ao objeto, um elemento que contribui para a formação do ego frágil. Sem a identidade familiar, o indivíduo dificilmente construirá sua autonomia, e a extinção dela leva à personalidade narcísica. Identificar-se com o objeto conduz o indivíduo a idealização, pois "a idealização é uma forma de narcisismo. O objeto idealizado (busca a perfeição no outro) é parte do próprio sujeito, e ama-lo significa amar-se a si mesmo." (Rouanet, 1983 : 129).



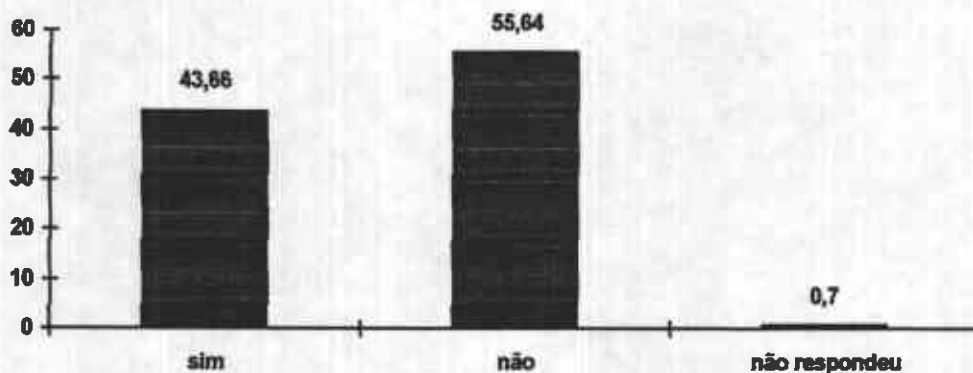


Quando considerados os entornos da cidade, é possível que, de certa maneira, eles imponham um tipo de socialização nem sempre aceita, apesar de presente, como pode ser visto com relação às manifestações que ocorrem na cidade. Ao mesmo tempo, pode ser entendido que

as manifestações da cultura popular se assentavam ainda sobre uma solidariedade coletiva, pois as instituições rurais se singularizavam através das práticas comunitárias (...) Nas cidades (...) os festejos religiosos reproduzem esse mesmo tipo de sociabilidade. (Ortiz, 1991: 32/33)

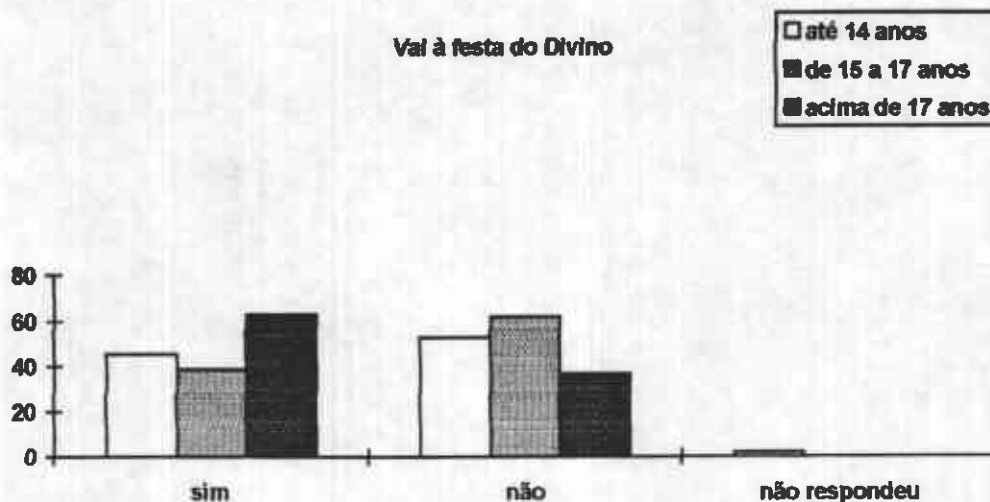
Uma festa que ocorre no entorno da cidade de Goiânia é a do Divino Espírito Santo, promovida pela Igreja Católica, uma das mais tradicionais e populares da cidade. Os adolescentes, na sua maioria simples (55,63%), responderam que não vão a essa festividade, apesar de a maioria que respondeu ao questionário ser católica (49,30%), seguida pelos evangélica (27,46%).

Vai à festa do Divino, em Trindade



Dentre os que freqüentam à festa, os mais velhos (18 a 20 anos) são a maioria (63,15%), possivelmente pelo seu lado “profano”, bastante popular; os da faixa etária intermediária são os que menos vão porque eles freqüentam a festa (38,27%) junto aos mais novos, a taxa volta a subir um pouco (45,24%), possivelmente acompanhados dos pais. O resultado aponta que, na verdade, não é esse o programa favorito dos adolescentes, mesmo sendo a festa do Divino um dos poucos eventos de tradição da cidade de Goiânia.

Vai à festa do Divino



A tendência do adolescente, hoje, fixa-se na presentificação do tempo, o que aponta para um futuro desenraizamento.

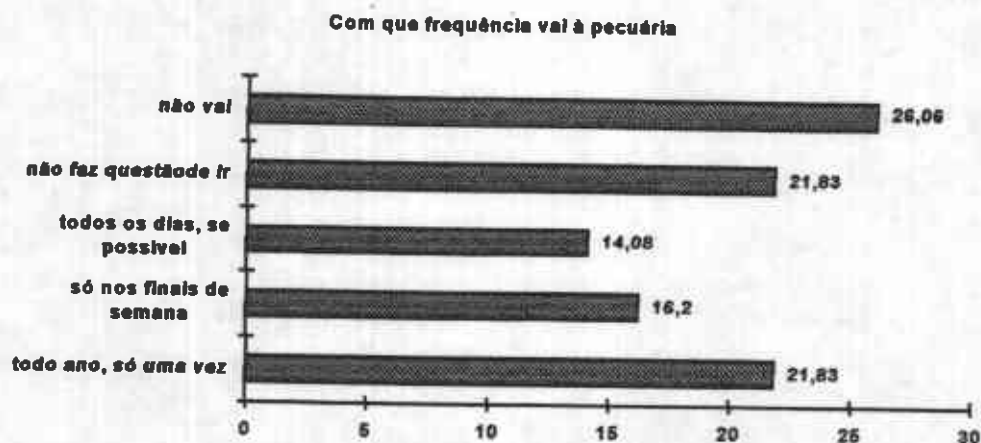
O desenraizamento é, evidentemente, a mais perigosa das doenças das sociedades humanas, porque ela se multiplica a si própria. Seres realmente desenraizados só têm dois comportamentos possíveis: ou caem numa inércia de alma quase equivalente à morte (...) ou se lançam numa atividade que tende sempre a desenraizar, os que ainda não estejam desenraizados ou que o estejam só em parte". (Bosi, 1979:351)

O desenraizamento permite que a sociedade moderna do jeito que se apresenta hoje permaneça como a única realidade possível, uma vez que o passado é 'esquecido', e o futuro incerto. Assim, resta se apegar com toda força ao presente.

A identificação dos adolescentes da classe baixa em Goiânia com o que é novo e moderno chega a tal ponto que, mesmo aspectos do passado que se manifestam via espaços modernos, inventando laços com o passado ou com alguma tradição, são vistos com pouco interesse por eles

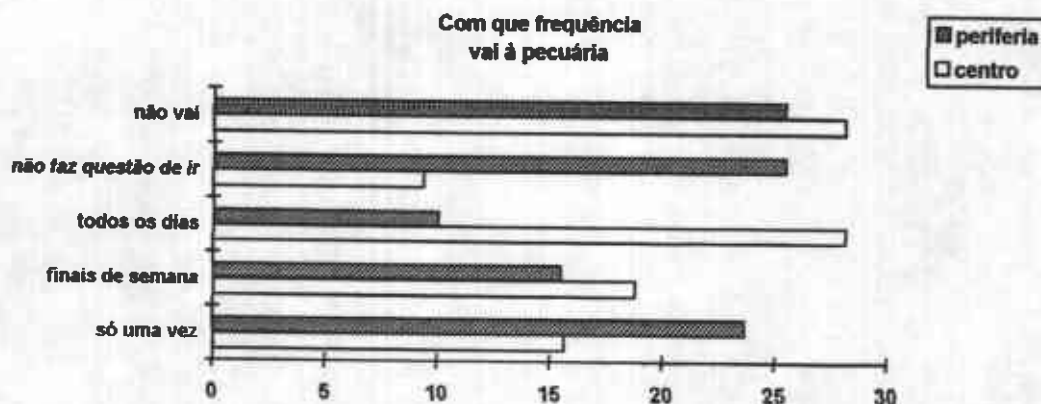
O adolescente goianiense se insere numa tradição inventada e que, contraditoriamente, é a vitrine do que há de ponta e de mais moderno na cidade em nível econômico: exposição agro-pecuária, um dos eventos mais freqüentados da cidade, que ocorre todos os anos. Local de grande negócios durante o dia e de encontro de jovens à noite.

A maioria dos adolescentes que responderam ao questionário vai a festa da pecuária (66,20%). No entanto, entre os freqüentadores, 21,83%; limitam-se a ir uma única vez a cada ano, praticamente empatando com aqueles que responderam que não freqüentam a festa. Dessa forma, é possível verificar que a exposição agropecuária não recebe uma adesão significativa por parte dos adolescentes que pertencem a esse grupo da sociedade.



Podemos notar, ainda, que os adolescentes que moram no centro estão mais propensos a ir à festa da pecuária do que os que moram na periferia. Talvez o preço do ingresso e o transporte noturno contribuam para isso. Mas não temos dados para conferir tal possibilidade.

As respostas ao questionário apontam que os adolescentes do centro se mostraram divididos: 28,13% vão a exposição agropecuária, todos os dias, se possível, o mesmo percentual não frequenta a festa. Já na periferia, os adolescentes também apresentaram duas respostas por igual; uma delas, porém os diferencia dos que estudam no centro, mostrando que eles são mais avessos a esse tipo de manifestação, pois não fazem questão de ir, e não vão à pecuária, ambas com 25,45%. Portanto, podemos concluir que a exposição agropecuária é mais frequentada por adolescentes que moram no centro e têm um nível econômico mais favorável.



O desinteresse pelo evento é recorrente tanto entre os homens como entre as mulheres pois elas não fazem muita questão de ir à festa ; já 29,51% dos pesquisados homens responderam que freqüentam-na uma vez a cada ano.

Assim, podemos perceber que é mínima a identificação entre os adolescentes pesquisados com alguma das formas de passado, seja com o passado cristalizado, seja com o que subsiste na cidade, nas periferias e nas festas religiosas. Isso se deve, possivelmente, pelo fato de eles terem nascido em Goiânia, tendo um vínculo apenas com o cenário moderno.

Quanto aos elementos de recomposição do passado, eles são ignorados com se não fizessem parte da sua constituição. Dessa maneira, os laços entre os adolescentes estão intimamente ligados aos elementos da cidade e à cultura moderna pautada na presentificação do tempo. Todos os desafios da vida urbana são vividos no seu cotidiano.

O fato de não reconhecer nesses elementos importância, ao mesmo tempo que se contrapõe a eles, abre brechas : “A divergência persistente entre a cidade e o campo, a não-formação do agrário, cujas tradições são declinantes e irrecuperáveis, é uma das figuras em que a barbárie se perpetua.” (Adorno, 1995: 67). Numa sociedade em que se cultiva a semelhança, não há lugar para a diferença nem para a particularidade, efetivando um movimento de integração e dissolução. Integração da cultura moderna e dissolução das mediações que possibilitam a relação entre indivíduo e sociedade.

Na sociedade moderna, só se propagam os benefícios do progresso e do presente como o tempo absoluto, sem necessitar recorrer ao passado, numa visão evolucionista, progressista e linear da história. Pensa-se o passado como efêmero e descartável, não apresentando nenhuma contribuição para o presente ( tempo mais evoluído).

O passado é moldado, na sociedade capitalista moderna, sem conteúdo crítico ou qualquer tensão, ficando apenas como algo vazio e distante, entregue ao que a sociedade atual promete oferecer e realizar, mas que não cumpre.

Segundo Resende (1987:65), o tempo como é tratado na sociedade moderna tem uma função, a de “impedir o estabelecimento dos nexos que constituem a realidade

concreta, pela negação do passado e hipervalorização do presente.” Na sociedade atual, até o tempo é reificado.

A reificação é própria da sociedade capitalista, na qual as relações humanas são convertidas em coisas, decorrentes do caráter alienado do trabalho, o que torna o tempo uma categoria mais quantitativa que qualitativa.

A presentificação do tempo impede a reflexão do homem acerca de sua própria origem e existência. Essa reflexão é importante à medida que levaria ao melhor entendimento do presente, e a realidade como complexa e contraditória, uma vez que o presente só se realiza com as contribuições do passado.

A memória é fundamental para a reflexão do passado. E ela é uma importante via para a desnaturalização do presente.

A memória conta realmente \_ para os indivíduos, as coletividades, as civilizações \_ só se mantiver junto a marca do passado e o projeto do futuro, se permitir fazer sem esquecer aquilo que se pretendia fazer, tornar-se sem deixar de ser, ser sem deixar de tornar-se. (Calvino, 1993:18)

Pois ela é a reorganização do passado em relação ao presente, não que o passado possa de fato ser ‘preservado’, pois ele é constantemente reconstruído, tendo como referência o próprio presente. Essa reconstrução através da memória não é só individual, mas também social e coletiva.<sup>8</sup>

Na sociedade atual, tanto o trabalho como a cultura contribuem para a integração dos indivíduos à estrutura vigente. A isso, os frankfurtianos chamam de crise da formação ou a semi-formação possível nessa sociedade.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> A memória permanece presente ativa mesmo em locais, cidades, que se preocupem sobretudo com o presente e o futuro, porque “Essa memória da sociedade é múltipla, e nenhum regime, mesmo só radicalmente revolucionários, pode destruí-la; tal memória constitui-se em formas materiais, visíveis (passagens, espaços moldados por sucessivas gerações, obras duráveis, maneiras de fazer) e em formas menos imediatamente aparentes (dispositivos mentais, modelos, disposições simbólicas e imagens que regem inconscientemente as opções e os comportamentos).” Balamdier, 1997:176.

<sup>9</sup> Foi a partir de Hegel, e depois de Marx, que fundamentou-se no pensamento que um importante elemento formador da sociedade, e conseqüentemente do indivíduo, é o trabalho. Só que, na sociedade moderna, essa formação passa pelo trabalho na sua versão alienada. Diante dessa configuração do trabalho na sociedade moderna, há uma crise de formação do indivíduo.

Tal afirmativa leva à indicação de que a formação do homem está estritamente ligada ao trabalho, que na sociedade capitalista moderna se apresenta como alienado. Dessa maneira, ele se mostra coisificado, ou seja, reificado, transformando tudo em mercadoria.

Esse tipo de tempo e de trabalho é socializado nas sociedades capitalistas urbanas de uma maneira geral, possibilitando o desarraigamento e o distanciamento dos elementos do passado, até pelos adolescentes de Goiânia.

### 4.3 - A modernidade na tradição

o processo de desenvolvimento, na medida em que transforma o deserto num espaço social e físico vicejante, recria o deserto no interior do próprio agente de desenvolvimento. Assim funciona a tragédia do desenvolvimento. (Berman.)

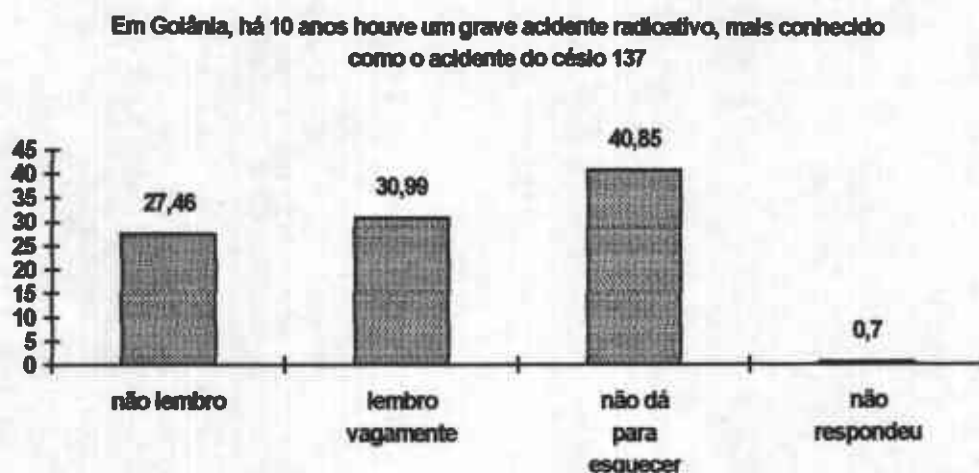
Goiânia tem um período curto de existência e já traz uma lembrança que não agrada nada ter de carregá-la na memória. Apesar de esse ter sido um caso pioneiro no Brasil, é uma vanguarda que ninguém se orgulha de ser. São os efeitos negativos que o tão decantado progresso pode causar. Esse tipo de progresso advém da racionalidade técnica, que desempenha um papel de dominação sobre a sociedade alienada de si mesma.

O progresso o qual se decanta é o tecnológico, o único que a sociedade moderna pode oferecer. E o único que as pessoas pensam que precisam para viver bem, com conforto e facilidades.

Numa sociedade em que o progresso sempre foi entendido como solução, na verdade muitas vezes ele é a própria causa das tragédias. A regressão está diretamente ligada ao progresso técnico. O caso, que projetou Goiânia nacionalmente, foi o acidente radiativo do césio 137.

Diante da gravidade do problema, procurou-se saber como esse acidente é lembrado e de que maneira ele serve de exemplo para evitar outras tragédias nesse sentido. Para tanto, os adolescentes que responderam ao questionário foram perguntados se sabiam que ocorreu o acidente radioativo e como eles lembravam do episódio 40,85%

afirmaram que “não dá para esquecer um caso como esse”; outros 30,99% responderam que lembram do caso mas de forma vaga; e o restante respondeu que não se lembra do caso (27,46%).

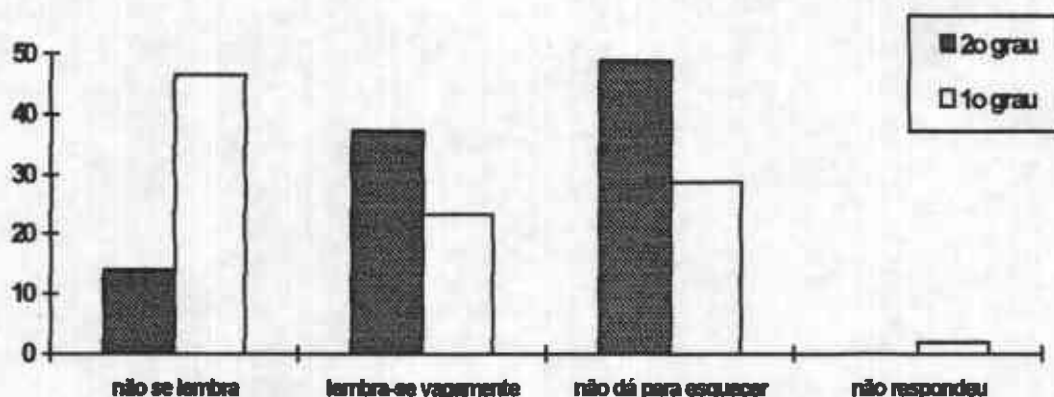


a partir desse resultado, é possível ver que a reação a esse fato histórico, nada glorioso para a cidade, é de que é melhor esquecê-lo. Com isso, ele vai escapando pouco a pouco da memória. A contradição presente no progresso técnico, é a possibilidade de ele permitir e até produzir uma regressão humana, ao mesmo tempo que propaga um avanço tecnológico.

Com relação à lembrança do acidente, na divisão dos que responderam ao questionário por idade e também por grau de instrução, boa parte dos mais novos e dos que estão cursando o ensino fundamental respondeu que não se recorda do caso (46,43%). Os mais velhos, que cursavam o ensino médio, responderam que não há como esquecer um caso como esse (47,67%). Provavelmente os mais velhos lembram-se do episódio porque o ‘viveram’ o caso na época. A escola poderia ser o local para levantar discussões sobre esse tema; ao contrário, ignora-o, ao menos no que se refere ao caso do césio. Dessa maneira ajuda na função do esquecimento.



Em Goiânia, há 10 anos houve um grave acidente radiativo, mais conhecido como o acidente do céscio 137



Pode-se ver que são poucos os que se lembram e, mesmo entre eles, o fazem de uma maneira quase natural.

Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação. (Bosi, 1987:39)

Desse modo, uma lembrança sem reflexão se transforma em uma forma de esquecimento.

Na variável centro / periferia o resultado foi o seguinte: tanto os estudante das escolas do centro (53,13%) como os da periferia (35,45%) marcaram a mesma alternativa como primeira opção: não é possível esquecer o acidente. A segunda opção, em ambos os casos, foi que não se lembram do episódio, sendo que a porcentagem maior aparece na periferia: 30 % contra 15,63%, no centro.

O efeito da perda do referencial do passado para esses adolescentes é bastante nocivo, pois é o passado que alimenta a energia primária do próprio prazer de viver e, sem ele, dificilmente chegaria a desenvolver a força interior capaz de transformar o presente e assim como o futuro. Quando se abre mão dessa fonte, há um empobrecimento de todas as relações possíveis entre os indivíduos.

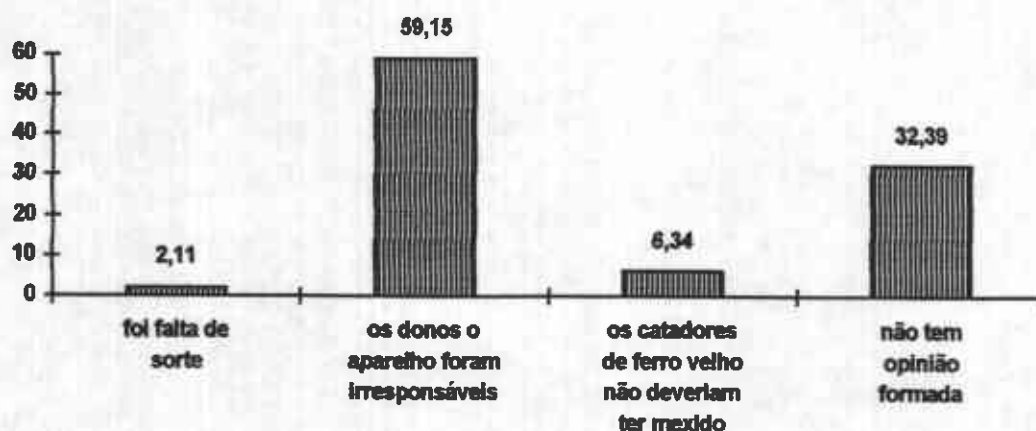
Verificou-se, através dos dados apresentados, que os adolescentes que moram na periferia se esforçam para se enquadrar na sociedade, no que ela tem de mais moderno, não se integrando com o que na cidade resta de 'arcaico.' O que autoriza essa conclusão é o fato de que mesmo os adolescentes da periferia freqüentarem preferencialmente os shopping centers, o que aponta para uma adesão ao progresso no que ele tem de 'positivo'. O que lhes parece negativo é com se não lhes dissesse respeito, porque há uma enorme dificuldade em compreender o aspecto regressivo que existe no progresso tecnológico e na sociedade capitalista.

Tanto é que a modernidade é inevitavelmente ligada ao progresso tecnológico, sempre no seu aspecto afirmativo, trazendo consigo a idéia de progresso técnico como bandeira. A maioria dos adolescentes compreende que ser moderno é entender de tecnologia (52,11%). É próprio do projeto burguês de modernidade ter como meta esse tipo de progresso e não objetivar o progresso humano. Esse resultado confirma o êxito da racionalidade dominante, que impregna toda a sociedade desde cedo.

Pode-se afirmar que o aspecto perverso da modernidade é facilmente esquecido em qualquer que seja a localidade da cidade. Uma reflexão nesse sentido requer uma tomada de posição que, muitas vezes, não confere a comodidade que a sociedade tanto decanta, até mesmo porque as condições que permitiram o acidente radiativo ainda continuam atuantes na sociedade.

Sobre a tragédia urbana, ocorrida em Goiânia, ao serem questionados acerca do que achavam a respeito dela, a maioria dos adolescentes que respondeu ao questionário afirmou que houve negligencia por parte dos responsáveis pelo aparelho, pois esses últimos tinham conhecimento de que se tratava de um equipamento radioativo. Assim, 59,15% afirmaram que os responsáveis pelo acidente foram os donos do aparelho, o que mostra um germe de cidadania, uma vez que eles compreendem onde houve a negligência. Mas por outro lado, ainda há aqueles que não têm opinião formada (uma boa parte dos pesquisados) o que demonstra desinteresse sobre o assunto, e desconhecimento da sua gravidade.

Em relação ao acidente do césio 137, você acha



Esse é um sinal pequeno, mas é um sinal, uma vez que é preciso saber identificar de onde vem o perigo.

É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, (*de barbárie*) é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca destes mecanismos. (Adorno, 1995:121)

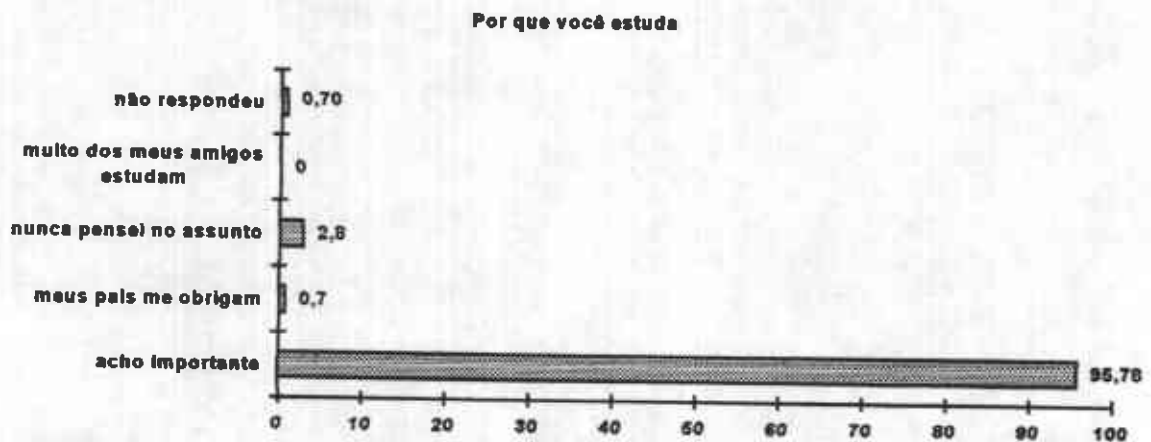
Tais mecanismos não são fáceis de ser apreendidos por nenhuma das partes envolvidas, mas é preciso ter claro que a explicação é possível e que está vinculada a uma racionalidade de mercado que aduba elementos de barbárie por toda a sociedade.

Quando foram de certa maneira, levados a pensar no assunto alguns adolescentes mostravam sua indignação com relação ao fato. Mas, em seguida, vêm aqueles que admitiram nunca ter pensado no assunto e que, portanto, não tinham opinião formada sobre ele (32,39%). Esse último percentual é bastante significativo, levando-se em consideração a gravidade do acidente. A escola é, de certa maneira, uma das responsáveis por esse resultado, uma vez que todos os adolescentes pesquisados são estudantes. Portanto, suas respostas mostram como a escola vem ignorando esse acontecimento trágico.

#### 4.4 - A escola na cultura moderna

Não se pode esquecer que todos os adolescentes pesquisados estavam matriculados numa escola. Assim, pergunta-se: porque a escola não faz a ponte, do presente em contato com o passado, de forma reflexiva? Às vezes, é de questionar se ela chega a fazer uma mediação, um movimento de reflexão, acerca do próprio presente. A escola está inserida no contexto da sociedade capitalista moderna e não está isenta da racionalidade que grassa nessa sociedade, nos recantos mais sagrados. Por tanto, pode-se dizer que a escola pode funcionar como uma forma de integração do indivíduo na sociedade, assim como na própria cultura moderna.

A expectativa do adolescente, no que se refere à escola é que ela funcione como uma possibilidade de ascensão na sociedade,<sup>10</sup> na forma em que ela se apresenta, e não como um meio que lhe permita uma auto-reflexão crítica. A maioria dos estudantes entrevistados afirmou que estuda porque isso acha importante para sua vida (95,77%).



A escola é uma via de integração e possibilidade de ascensão social .

Isso leva a acreditar que a escola funciona, na verdade, com uma finalidade pragmática, não a de construir o conhecimento e, conseqüentemente, formar um cidadão e um indivíduo autônomo, mas sim de prepará-lo para um mercado competitivo, bem

próprio de uma sociedade capitalista. É certo que a escola tenha como função ser uma importante mediadora para o estudante alcançar uma compreensão mais elaborada e crítica da realidade, no entanto, essa tem sido uma difícil meta a ser atingida, até mesmo para aqueles, dentro da escola, que ainda pensam em tal possibilidade.

Um dos principais problemas da sociedade atual está no fato de que, apesar de o discurso ser de igualdade, a realidade é desigual, sobretudo no que se refere à questão econômica. Quem sofre a penalidade de se sentir incapaz são os adolescentes da classe pobre, que na

sua busca de serem modernos, ou seja, de usufruírem da possibilidade, dada por nossa época, de conceber e realizar projetos individuais, quando chega a ser formulada, torna-se uma busca frustrada, em que aparece o peso de sua subordinação social <sup>11</sup> (Sarti, 1997:45)

Mas é preciso deixar claro que a visão de que a escola pode ser um veículo de ascensão social é um verdadeiro engodo, na medida em que cria uma expectativa no futuro que, na verdade, só causa frustração, pois há uma diferença entre o que é esperado e o que é obtido. E também não será a escola que acabará com a exclusão numa sociedade que tem como base a competição e o lucro, portanto, mostrando-se intrinsecamente excludente.<sup>12</sup>

O quadro da escola na sociedade atual não é dos mais animadores, em virtude de seu aspecto de local de integração, seguindo ao modelo hegemônico de educação, que viabiliza uma função social subordinada da capital. Mas, apesar do caráter hegemônico presente nas escolas de uma maneira geral, isso não impede que haja resistência.

<sup>10</sup> Isso também em decorrência da junção das respostas no que se refere a forma de se progredir na vida (questão47) e o que é ser moderno(questão48).

<sup>11</sup> Cynthia A. Sarti. Família e individualidade, in: *A família contemporânea em debate*. Carvalho, M.C.B. 1997. Cortez, 2ed p. 47.

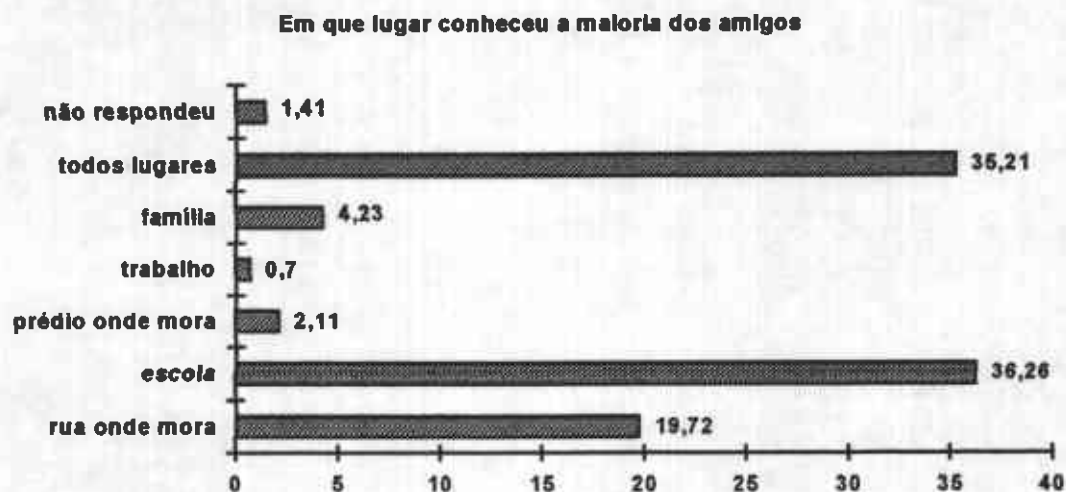
<sup>12</sup> A idéia que a escola possa servir como veículo de ascensão social não é um delírio coletivo. Segundo Hobsbawm (1997:310) "a educação no século XIX tornou-se o mais conivente e universal critério para determinar a estratificação social, embora não se possa definir com precisão como isso aconteceu." Quanto mais instruído mais respeitado. daí a oportunidade de estudar ser uma possibilidade de ascender. O que segue a uma visão de educação como um processo de transmissão de conhecimento para aqueles que não conhecem, onde o estudante era visto como uma tábua rasa ou um recipiente onde se poderia despejar os conhecimentos que eram produzidos, em outro lugar.

A escola é um espaço importante, pois pode ser local de produção e não só de reprodução, o lugar possível para adquirir habilidades que permitam compreender melhor a realidade. A escola é potencialmente um local de campo de luta em função da contradição presente na sociedade, que faz dela um espaço privilegiado para diversas possibilidades.

Por esta razão, podemos perceber que a explicação do papel social da educação, ou especialmente da relação entre o processo de produção e os processos educativos ou de formação humana, vem marcada por concepções conflitantes e, sobretudo, antagônicas. (Frigotto, 1996:29)

O embate na escola diz respeito a questões e problemas que estão inseridos num conteúdo histórico específico das novas formas de sociabilidade postas pela sociedade capitalista.

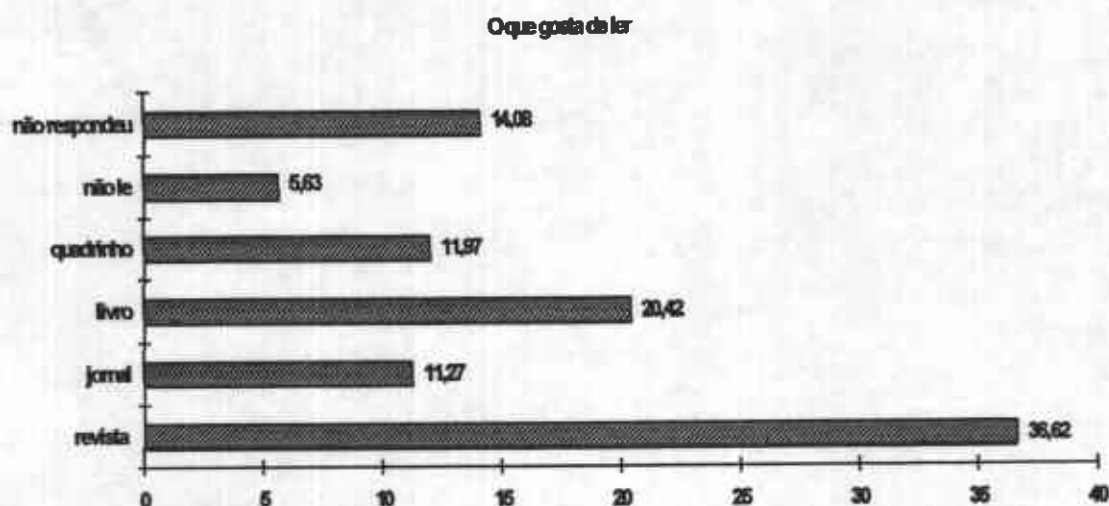
Ao verificar que os adolescentes apontam a escola como um dos locais em que costumam fazer amigos, ela é confirmada como local privilegiado no que diz respeito à socialização, sobretudo na fase da adolescência.



Da mesma maneira, esses adolescentes afirmam, na sua maioria, que não fazem nenhuma atividade fora da escola, vão pouco à igreja e não participam de nenhum grupo oficial de jovens, confirmando a escola como o lugar fora de casa que eles freqüentam

com maior regularidade. Inevitavelmente, a escola contribui para a constituição dos adolescentes, na sua forma de apreensão do real.

Sobre os hábitos de leitura, os adolescentes que responderam ao questionário afirmaram que costumavam ler o seguinte: revistas (36,62%), livros (20,42%), quadrinhos (11,97%) e jornal (11,27%). 5,64% disseram que não gostam de ler. Percentual que não respondeu a essa a esta questão 14,08%. Um índice muito alto, que pode ser significativo da desvinculação com a leitura.



Respondendo à pergunta sobre quantos livros leram nos últimos seis meses, os adolescentes disseram ter lido mais de três livros nesse período. Possivelmente o resultado apresentado é decorrente das leituras impostas pela escola; caso isso não ocorresse, talvez esse número fosse menor. Portanto, não se pode esquecer que a escola é um elemento importante na socialização urbana.

Além da escola, a família também é fundamental para a compreensão da socialização na sociedade atual.

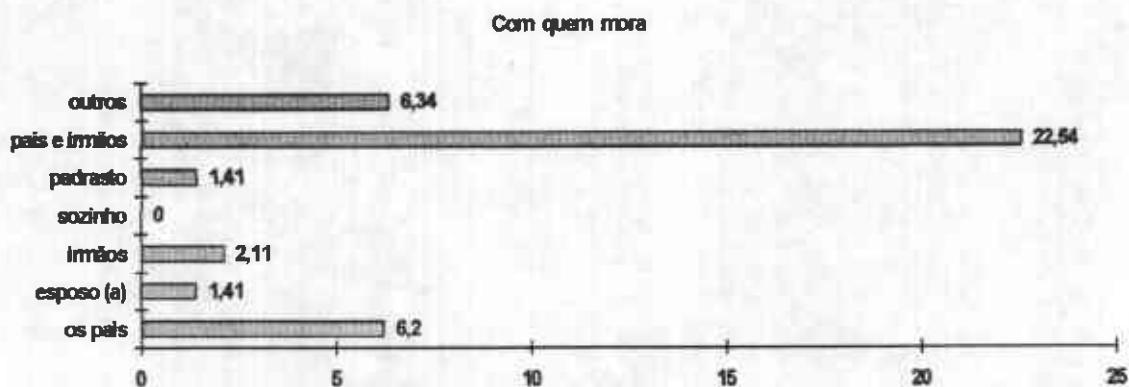
## 5 - A família enquanto mediação

A família é a primeira e a principal mediadora da cultura na formação do indivíduo, sobretudo porque ela é uma forte componente no que se refere à produção da vida social de uma maneira geral. Mas como tudo na sociedade moderna, a família também vem se modificando.

No cenário atual, a família, dia a dia, perde sua força em razão do processo de dissolução pelo qual vem passando. Essa dissolução traz conseqüências tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, pois o primeiro, ao perder a reserva afetiva que deveria ser posta pela família, vai buscá-la em outros lugares, tais como escola, trabalho, etc.

Os padrões da vida moderna que potencializam o lado individualista do homem entram em choque direto com o padrão familiar tradicional, pautado pela solidariedade, reciprocidade e hierarquia, o que leva a crer que todo o movimento de mudança ocorrida na família vem da sociedade, ou seja, é exterior a ela, seguindo uma tendência histórica que se firma como padrão.

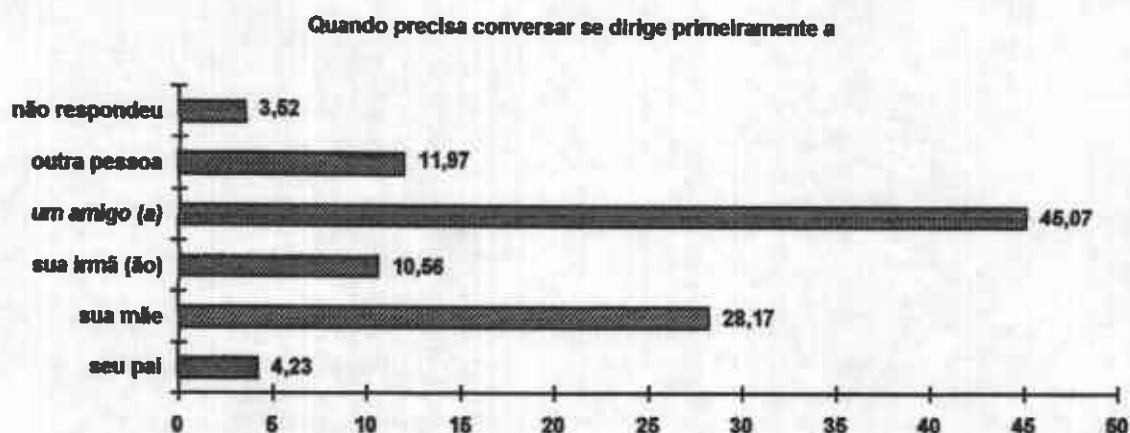
O fato de os adolescentes que responderam ao questionário morarem com os seus pais (66,20%) ou com os pais e com os irmãos (22,54%) não estabelece, hierarquicamente, uma relação de proximidade; muitas vezes, a casa é campo de muita tensão. Mas, contraditoriamente, a permanência dos adolescentes junto à família vai se prolongando, como era de se esperar, pela idade em que se encontram. Isso se confirma nos dados, uma vez que mesmo os adolescentes mais velhos e os que trabalham ainda permanecem morando com os pais.





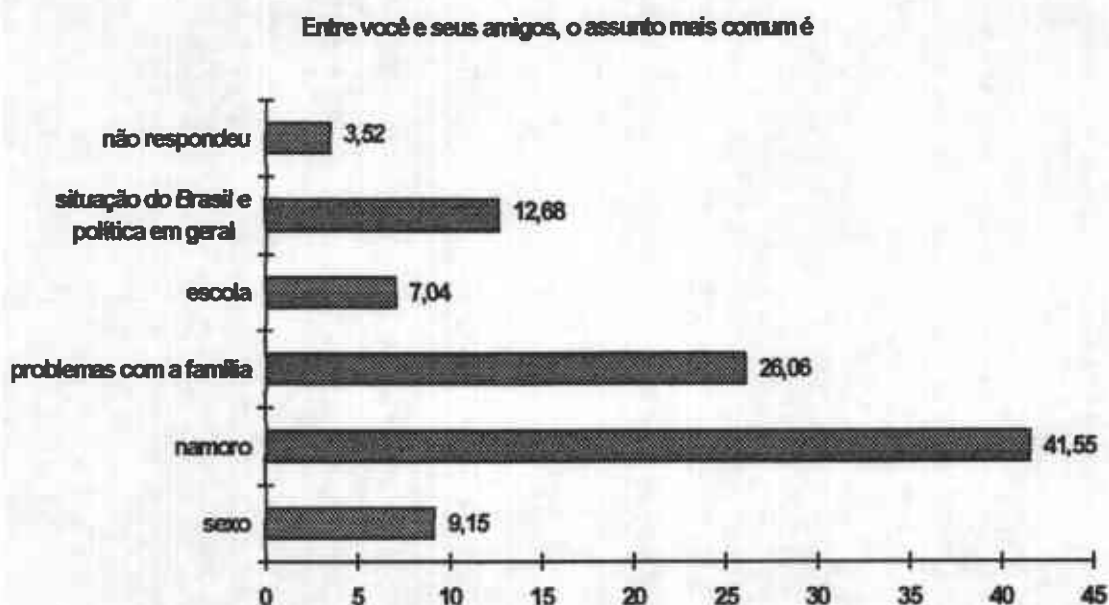
Por se distanciar da família, como é próprio da idade, no que se refere às opiniões e os valores, é que boa parte dos adolescentes procura um amigo (45,07%) quando precisam conversar, ou mesmo quando está triste.

Mas a família mostra seu fôlego, na vitalidade e vigilância da mãe, que é, depois dos amigos, a outra pessoa que os adolescentes costumam procurar para conversar (28,17%).



Esse quadro só muda quando o adolescente já está trabalhando, pois há uma maior distanciamento entre ele e a família. Até mesmo por uma questão de tempo disponível para estar junto com os familiares, uma vez que comumente passa mais tempo no local de trabalho do que em casa, criando, muitas vezes laços novos.

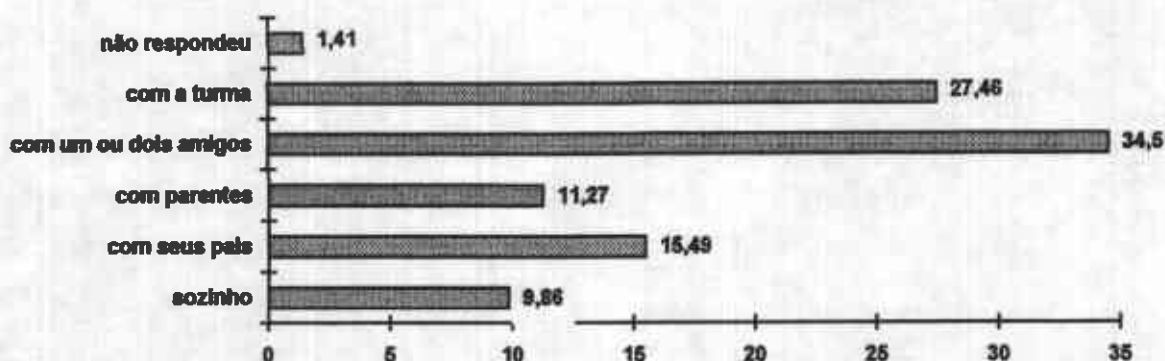
Uma explicação para a inclinação em valorizar as amizades em detrimento da família pode ser em decorrência dos novos questionamentos que surgem, e também dos novos assuntos. Pois, ao indagar sobre qual assunto os adolescentes mais conversam, pode-se verificar que são temas pessoais, sobretudo namoros (41,55%); o segundo assunto mais comum é problemas com a família (26,06%). A diferença entre o primeiro assunto mais freqüente e o segundo é bem significativa. Pode-se verificar também que é ele próprio (o adolescente) o assunto principal.



Os contatos com a família pouco extrapolam o domínio da casa, uma vez que esses adolescentes saem muito pouco com os familiares. À pergunta sobre perguntamos com quem costumam passear, os adolescentes responderam que têm o hábito de sair primeiramente com um ou dois amigos (34,51%) e, em segundo lugar, com a turma (27,46%). O grupo que aparece como alternativa aos amigos, exerce, nessa fase, sua maior influência. Em terceiro lugar, temos os que preferem sair com os pais, apenas 15,49%.<sup>13</sup>

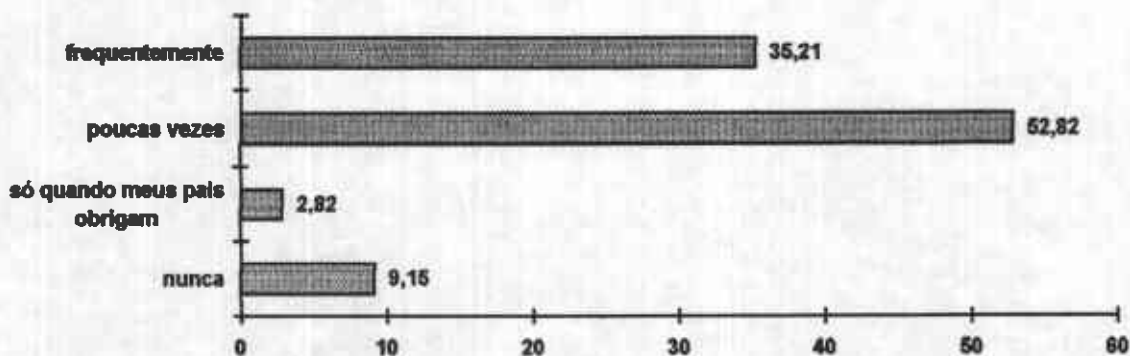
<sup>13</sup> No que toca à variável dos que trabalham ou não, ambos assinalaram que saem com um ou dois amigos; já a alternativa 4, que é uma irmã ou um irmão, apresentou uma diferença significativa: os que trabalham somam 4,29%, enquanto os que não trabalham somam 18,06%. Essa alternativa de procurar a irmã para conversar está presente mais naqueles que não trabalham; uma maneira de ver que tanto o trabalho como a idade vai afastando a família, e não só os pais, mas os demais membros. Mais uma vez, agora na variável centro/periferia, o resultado foi que a maioria sai com um ou dois amigos: centro (43,75%) e periferia (31,82%). A diferença maior está na segunda alternativa: os do centro (6,25%) responderam que saem com os pais e os da periferia, também, mas com uma porcentagem menor (18,18%).

### Você costuma sair



Na sociedade urbana e na vida dos adolescentes a família vai tomando um lugar secundário no que se refere a um esforço de socialização extracasa. Sair com a família não é um hábito; pode ser um evento, mas normalmente não se faz programas familiares: 52,82% poucas vezes passeiam com a família.

### Em geral você faz programas com a sua família



O choque e o distanciamento aparecem na medida em que a família é o local em que a socialização se dá de forma hierárquica. Os adolescentes, na sua maioria, vêem isso de forma muito clara, uma vez que poucos recorrem à família para conversar, ou, ainda, como uma alternativa para sair.

(...) o problema da nossa época é, então, o de compatibilizar a individualidade e a reciprocidade familiares. As pessoas querem ser ao mesmo tempo, serem sós e 'serem juntas'. Para isso, tem de enfrentar a questão de que ao se abrir espaço para a individualidade, necessariamente se insinua uma outra concepção das relações familiares."<sup>14</sup> (Sarti, 1997:43)

O enfraquecimento da família tem uma dimensão racional que extrapola o individual, passando a ser social e apresentando, assim, uma aderência cultural advinda da perda da referência da autoridade e da diferença, o que exprime, assim, a presença de uma cultura afirmativa.

Assim como todo adolescente, o da classe baixa também sai na busca dessa individualidade tão propagada pela sociedade de uma maneira geral. Duramente vai ver que é bastante árduo de se alcança-la, em casa e sobretudo na sociedade. Em casa, tal dificuldade se dá em razão das condições econômicas precárias, o que acarreta difíceis condições de moradia, impossibilitando, dessa forma, a tão sonhada individualidade ou intimidade, pois, nessas residências, compulsoriamente tudo é coletividade.<sup>15</sup>

A dicotomia entre projetos individuais e projetos coletivos, que visa a toda família e faz parte do cotidiano doméstico, aumenta a área de conflito dentro do ambiente familiar. Rouanet fala do caráter ambíguo da família na sociedade moderna:

A família, agente por excelência para a produção de personalidades funcionais para a ordem burguesa, é também a instância ambígua que produz personalidades fortes, modeladas à imagem do pai autoritário, e que como qualquer outro, é incompatível, a longo prazo, com uma autonomia potencialmente desagregadora da hegemonia vigente. (Rouanet, 1989:124)

Essa ambigüidade é que potencializa a família como campo importantíssimo de mediação.

<sup>14</sup> Cynthia A. Sarti. "Família e individualidade". In: *A família contemporânea em debate*. Carvalho, M.C.B. 1997. Cortez. 2ed.

<sup>15</sup> Concepção vista no texto "Família e individualidade" de Cynthia A. Sarti. In: *A família contemporânea em debate*. Carvalho, M.C.B. 1997. Cortez. 2ed.

#### 4.6 - Socialização e a cultura moderna

Uma vez que o espaço urbano tem um ritmo, que molda seus habitantes de acordo com as necessidades dessa dinâmica, vai criando novas exigências. O ritmo da vida na cidade é, sem dúvida, um dos principais elementos da formação do adolescente.

No cenário urbano da sociedade moderna, propaga-se a adesão total à cultura, ocorre como uma sofisticada forma de dominação empreendida no mundo burguês, configurando o capitalismo totalitário, que acarreta um tipo específico de produção de uma sociabilidade total ou socialização radical. Como nos diz Adorno,

Socialização radical significa alienação radical. Ulisses e Robinson têm ambos a ver com a totalidade: aquele a percorre, este a produz. Ambos só se realizam em total separação de todos os demais homens. Este só vêm ao encontro dos dois em uma feição alienada, como inimigos ou como pontos de apoio, sempre como instrumentos, como coisas. (Adorno & Horkheimer, 1996:66/67)

A adesão desses adolescentes aos chamados da sociedade moderna, no espaço da cidade, é bastante significativa, mas é preciso ficar claro que, ao mesmo tempo em que o adolescente se reconhece nos espaços da cidade, ele pode se perder. Horkheimer (1990:139/40) chama a atenção para o fato de que a “percepção da identidade do eu não é igualmente forte em todas as pessoas. Está mais claramente definida nos adultos do que nas crianças que devem aprender a dizer eu; a mais elementar afirmação de identidade”. Adolescência é o elo entre a infância e a fase adulta, é o campo mais propício à constituição desse eu, que não é um eu individual mas a individualidade do ser humano. Esse termo é referente ao distanciamento da satisfação imediata, condição fundamental na segurança da manutenção material e espiritual da sua própria existência. Tal é o desafio imposto ao adolescente sob condições adversas.

A cidade de Goiânia oferece as condições de socialização desses adolescentes. A apreensão das formas de socialização pode ser feitas sob vários aspectos: no que se refere à circulação urbana desses adolescentes, como eles ocupam seu tempo e que tipo de formação têm e, por fim, com quem interagem nesse campo.

Sabemos que a sociedade atual se caracteriza pelas mudanças e contradições, nela presentes. É esse o contexto vivido pelo adolescente que busca resposta onde não há respostas, mas apenas dúvidas e desconstrução. Desafiando o perigo, pois

A essas incertezas que afetam a formação do eu e das relações com o outro, à descostura do tecido social que manifesta um estado de anomia, às pesquisas de soluções individuais que exprimem a progressão de um novo individualismo, foi associada uma cultura dita específica, a 'cultura narcísica' dominante na sociedade contemporânea. (Balandier, 1997a:160)

O enfraquecimento de importantes mediações, tais como a família e a escola, como vem se configurando na cultura moderna, compromete seriamente as possibilidades de uma socialização que produza indivíduos autônomos. Portanto, é preciso ficar claro que a socialização na sua condição moderna

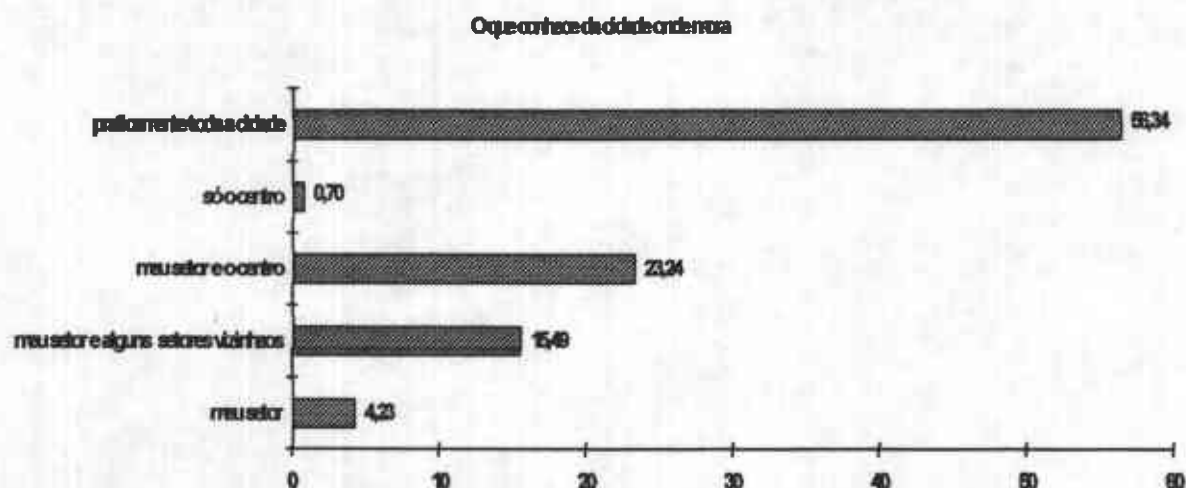
(...) rigorosamente falando, a socialização afeta o 'homem' como pretensa individualidade exclusivamente biológica, não tanto desde fora mas, sobretudo, na medida em que envolve o indivíduo em sua própria interioridade e faz dele uma mômade da totalidade social. Nesse processo, a racionalização progressiva, como padronização do homem, faz-se acompanhar de uma regressão igualmente progressiva." (Horkheimer & Adorno, 1973: 40/41)

Diante do prenúncio do perigo que o homem sofre na sociedade moderna, vamos verifica-se a seguir como o adolescente em Goiânia vive a odisséia que é o mundo moderno e se ele conhece o caminho que percorre.

A maior parte dos adolescentes pesquisados nasceu em Goiânia. Tal fato contribui para compreender o que eles conhecem da cidade, uma vez que a cidade se dá a conhecer aos que nela circulam .

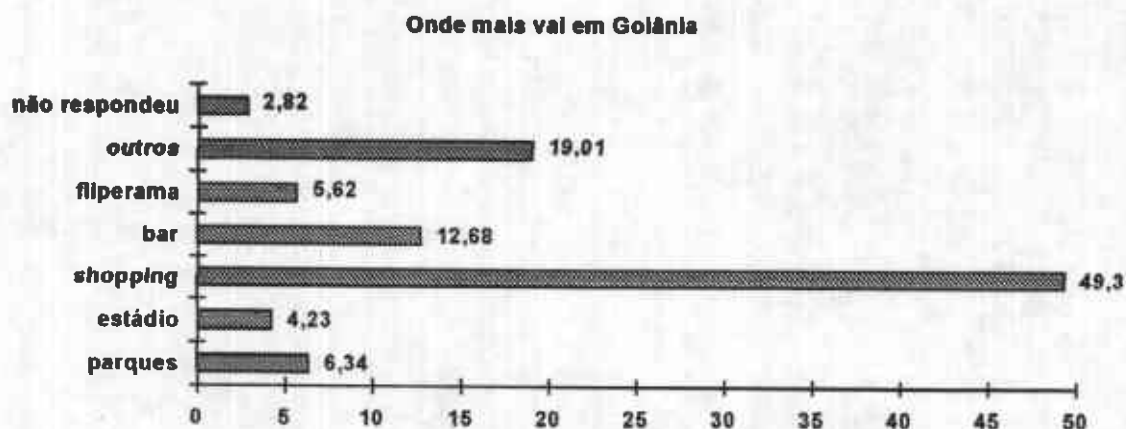
Pode-se ver que esses adolescentes têm noção da cidade onde vivem, pois a sua circularidade por ela é bastante ampla. A maioria deles conhece praticamente toda a cidade (56,34%).o que é bastante compreensível, em função devido ao tamanho de Goiânia. É certo que ela vem aceleradamente crescendo, assim como o próprio adolescente. Em segundo lugar, estão aqueles que conhecem um área mais restrita,

demonstrando ainda uma certa centralidade na funcionalidade da cidade, pois conhecem seu setor e o centro da cidade (23,24%).



A intimidade com a cidade pode ser decorrente da facilidade de locomoção, pois, nos espaços urbanos, é muito mais simples circular. E Goiânia com suas vias principais de transportes coletivos divididas em eixos, confirma essa facilidade.

O shopping center é o lugar onde mais os adolescentes vão. Esse fato se relaciona com a circularidade, pois, a ida ao shopping, pode lhe levá-lo a conhecer boa parte da cidade.



O fato de boa parte dos adolescentes preferir ir ao shopping revela também, sua afinidade com o que há de mais moderno, \_ o shopping é o ícone da modernidade e a meca do consumo. É um local onde, se perde o referencial com a realidade, a ponto de não se saber se é dia ou noite. A exegese da presentificação do tempo é ali experimentada. Também ali se delineiam formas de socialização.

Esse tipo de socialização processa no indivíduo a perda do particular, causando um declínio na própria condição humana, impedindo a autonomia para a reflexão sobre a realidade e imprimindo, dessa maneira, uma relação de dominação sem precedente, que

defronta o indivíduo com o universal, como a razão na realidade afetiva. O poder de todos os membros da sociedade, que enquanto tais não tem saída, acaba sempre, pela divisão do trabalho a eles imposta, por se agregar no sentido justamente de realização do todo, cuja racionalidade é assim mais uma vez multiplicada. (Adorno & Horkheimer, 1996:35)

O aspecto de cidade que há no shopping esbanja neutralidade e indiferença, sobretudo dos problemas exteriores a ele; por isso, faz com que o adolescente não resista a tamanha promessa de harmonia e integração.

O adolescente que trabalha tem um universo de freqüência um pouco diferenciado. No que se refere ao shopping, freqüenta-o um pouco menos (42,86%) em relação aos que não trabalham (55,56%). No entanto, vai mais a bares (17,14%) do que os que não trabalham (8,33%). Essa última diferença pode estar relacionada à idade.

O acúmulo de atividades, pelo fato de que eles não só trabalham como também estudam, faz que sobre pouco tempo. Deve-se levar também em consideração que cerca de 32,86% deles, o índice mais assinalado, vêem mais de três horas de tevê por dia. Essa rotina massificante pode conduzir à inércia de quem vai perdendo o interesse tanto pelo trabalho como pelo estudo.

Segundo Weil, (Bosi, 1979) os trabalhadores, sobretudo os que ingressam no mercado de trabalho ainda adolescentes, estão pouco a pouco passando por um processo de desenraizamento, o que faz com que eles não percebam que esse tipo de condição de vida mesmo na adolescência (que este sofrimento vem do passado), é característico de uma sociedade capitalista. A autora aponta as seqüelas da precipitada entrada no mundo



do trabalho (a média geral de ingresso no trabalho entre os adolescentes pesquisados em Goiânia é aos 12 anos). “Esse primeiro choque, recebido tão cedo, muitas vezes imprime uma marca inapagável. Ela pode tornar o amor ao trabalho definitivamente impossível”. As possibilidades postas na sociedade atual são muito severas e alienantes, tanto para os que cedo entram no mercado de trabalho quanto aos que esperam com ansiedade a sua inserção nele.

A possibilidade de se constiur enquanto homem está exatamente no trabalho:

no trabalho, o homem suprime a simples coisidade dos objetos (...) ao mesmo tempo, ele impregna esses objetos com a forma de seu ser, os transforma em ‘sua obra e realidade’. A obra objetiva é a realidade do homem; tal como ele se realiza no do trabalho, tal é o homem (...) no objeto do trabalho, o homem se torna objetivo ele mesmo. (Marcuse, 1972:30)

Através do trabalho ocorre a própria objetivação do homem; é “*no trabalho que se realiza a universalidade tipicamente humana*”. É esse constituir-se que a sociedade atual através do trabalho alienado, impede o homem de realizar.

Acompanhando a tendência às discrepâncias, os alunos das escolas da periferia (46,36%) vão menos ao shopping, e a bares, (9,09%), enquanto os que estudam no centro freqüentam mais o shopping (59,38%), assim com também os a bares (25,%). A diferença pode ser explicada em decorrência da freqüência com que os adolescentes da periferia<sup>16</sup> vão à igreja, \_ a freqüência diária, é observada por 22,53% deles, enquanto os do centro somam apenas 12,50%. Quando verificamos a tabela no índice geral, a maior freqüência à igreja entre os adolescentes é a semanal (50,70%).

Contraditoriamente ao movimento que os adolescentes têm na cidade, apresentando de ter uma circularidade considerável e que requer um bom conhecimento do município, é possível verificar que o tipo de sociabilidade que ele pratica é ainda tímida (sinal de descontinuo). No que se refere ao tipo de socialização que aflora dessa circularidade, a cidade

<sup>16</sup> É possível afirmar que esses resultado apareça também em decorrência do poder aquisitivo desses adolescentes, que os impede de freqüentar com maior assiduidade o shoppings quanto bares: muito embora, percebemos que eles, de fato, vão mesmo é para a igreja.

mostrou ser o lugar preponderante ocupado por essa socialização reticulada, substituta daquela que resultava quase (quase mecanicamente) do parentesco, da vizinhança e do status social. As possibilidades que a cidade oferece, por seu número, permitem uma seleção de relações, uma escolha de redes segundo as afinidades (...) o indivíduo encontra nessas formas originais de integração uma sustentação sócio-afetiva, embora a título precário, porque as ligações de caráter eletivo (não prescritas de tradição) são flutuantes. (Balandier, 1997a:200)

A cidade, na verdade, em virtude de seu ritmo e de sua configuração, dissemina relações nesse nível de superficialidade, muito mais quantitativas que qualitativas.

Pelo motivo de não fazerem outras atividades fora do ambiente escolar, o que restringe bastante o seu universo de relações, é na escola que os adolescentes conhecem seus amigos(36,62%), uma mediação que se faz presente no seu processo de socialização. Esse resultado pode ser explicado pelo fato de Goiânia ser uma metrópole incompleta, o que permite que tais relações ainda sobrevivam.

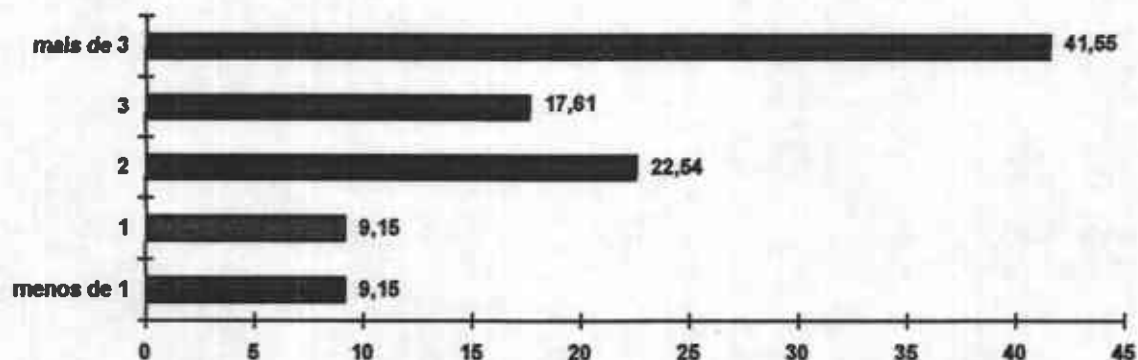
Por outro lado, há aspectos que vem demonstrar o caráter fluido das relações na cidade, quando verifica-se que, depois da escola, qualquer lugar é próprio para fazer amigos (35,21%). Efeitos da circularidade urbana, onde essas relações que se estabelecem são fluidas e demonstram um sinal de identificação com tudo e com todos.

#### 4. 7 - A indústria cultural

Minha razão bem que queria em vão pegar no leme,  
 esforços logo vencidos pela tempestade;  
 E a minha alma dançava, escaler  
 Sem mastros, naquele mar monstruosos e sem margens! (Bauderaire,  
 1993:229)

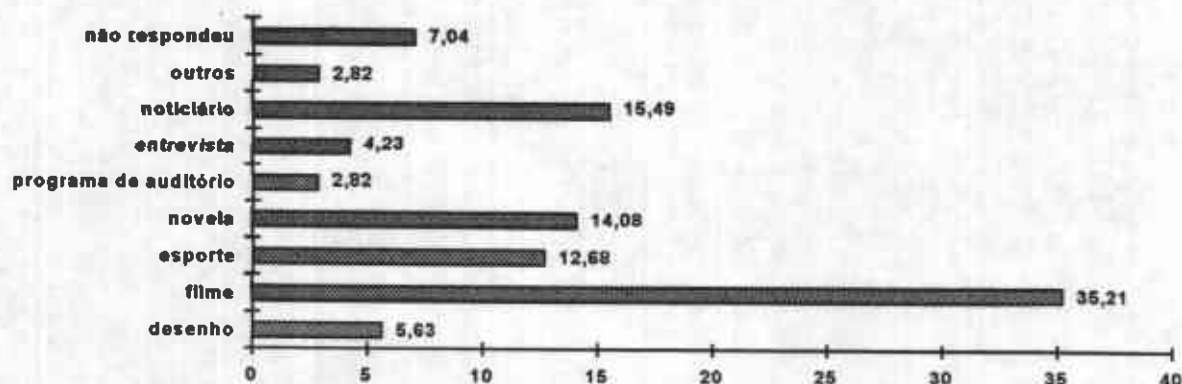
A TV faz parte do cotidiano dos adolescentes, independentemente de sexo, ocupação, localização, uma vez que 41,55% vêm mais de três horas de programação televisiva por dia.

Quantas horas de TV costuma ver por dia



Há uma identificação com esse meio de transmissão entre os adolescentes, em detrimento de outros. Portanto, a TV como meio de comunicação de massa tem como receptor assíduo o adolescente, que aderem a esse canal: seja por falta de alternativa ou por pura inércia. A preferência com relação à programação é o filme (35,21%), depois vai se distribuindo entre novelas (14,08%), noticiários (15,49%)... Sempre há algo para ser visto.

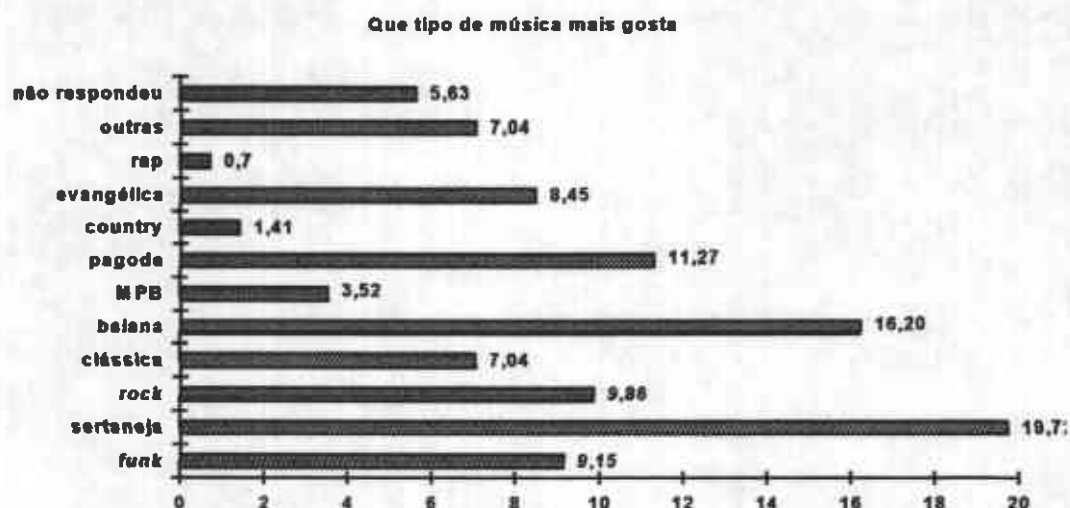
Quando vê TV, que tipo de programa prefere



Através da TV a informação é despejada sem haver troca. É apenas passiva. Moderna na forma de transmissão, despeja a estética sempre veloz e descartável, e arcaica

no conteúdo. A TV, sem sombra de dúvida, é o meio de comunicação que mais força tem como veículo de disseminação de novas práticas e valores, que, muitas vezes, com o passar do tempo, são popularizados e aceitos, formando, assim, uma 'moderna tradição'. No entanto, não podemos perder de vista que a televisão é apenas uma das mediações que compõem o processo de socialização ao qual o adolescente está inserido.

A indústria cultural não se restringe à televisão, também estende seus tentáculos nos campos da música e da literatura. E todos eles, os adolescentes, mostram-se 'anteados'. A preferência musical entre eles, são as seguintes: músicas sertaneja (19,72%) e baiana (16,20%). "(...) os produtos mecanicamente diferenciados acabam por se revelar sempre como a mesma coisa (...) servem apenas para perpetuar a ilusão da concorrência e da possibilidade de escolha". Tudo é mercadoria e segue a determinação da produção.



Seria 'autêntica' se, de fato, a música sertaneja não tivesse passado por um forte tratamento de mercado, no visual, nos instrumentos e arranjos e, sobretudo, no conteúdo. Os elementos que permanecem e a caracterizam como música sertaneja, são o timbre da voz, a harmonia entre as vozes e a forma de os cantores se apresentar em dupla. Mas o conteúdo das canções não tem nada de interiorano; muito pelo contrário, é bastante urbano, conta muito mais os caminhos e descaminhos da gente da cidade. É a apropriação

do que havia de arte transformada em mercadoria, para consumo e descarte imediato, como dita o ritmo da produção na sociedade urbana e moderna.

Tanto a primeira quanto a segunda opções, e todas as outras músicas que se ouvem via meios de comunicação, seguem o ritmo do capital. “Os talentos já pertencem à indústria muito antes de serem apresentados por ela: de outro modo não se integrariam tão fervorosamente.” (Adorno, 1985:115). Quanto mais se investe mais se consome, de preferência algo fácil e rápido, mínimas músicas para mínimos ouvintes.

O mesmo ocorre na literatura. A propaganda e o conteúdo fácil são os elementos que importam na hora da compra. Por isso é que a revista é o ‘gênero literário’ mais lido (ou seria consumido?) pelos adolescentes pesquisados (36,62%).

Na hora da escolha, nada que implique maiores elaborações mentais, e são esses elementos que vão constituindo, ou para sermos mais exatos, vão desconstituindo o indivíduo moderno. “Quem resiste só pode sobreviver integrando-se” A indústria cultural, peça fundamental da modernidade, sacramenta que tudo que era sagrado será profanado. Afinal, ela é a indústria da diversão, o grande campo da resignação. Por isso a diversão, é “o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio.”

O tecido da cultura moderna é a indústria cultural, uma cultura que é pura mercadoria e, portanto, pode ser adquirida através da compra. É esse movimento da compra que faz com que ela seja o próprio elemento de adesão, “Pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança.” Um dos mecanismos mais populares e poderosos da cultura moderna são os meios de comunicação. A sua propagação é resultado da produção em massa e do avanço tecnológico, uma vez que esse tem efeito sobre a cultura, a economia e a política, porque estabelece o controle administrativo sobre a força de trabalho.

Na sociedade moderna, a produção de mercadorias “e o consumismo alteram as percepções não apenas do eu como do mundo exterior ao eu; criam um mundo de espelhos, de imagens insubstanciais, de ilusão cada vez mais indistinguíveis da realidade” (Lasch, 1987:22). Portanto, não é só a coisificação da realidade e das relações, mas também a fetichização.

O contato com os meios de comunicação, desde a infância, altera antigas relações e produzi novos indivíduos.

A estimulação de desejos infantis por meio dos anúncios, a usurpação da autoridade parental pelos meios de comunicação de massa e pela escola e a racionalização da vida interior, acompanhados pela falsa promessa da satisfação pessoal, criaram um novo tipo de indivíduo social. (Lasch, 1983:68)

Juntando a isso o rompimento com a continuidade histórica e a permissividade que se espalha via tevê na sociedade, vai-se tecendo os pontos que levam à sociabilidade total.

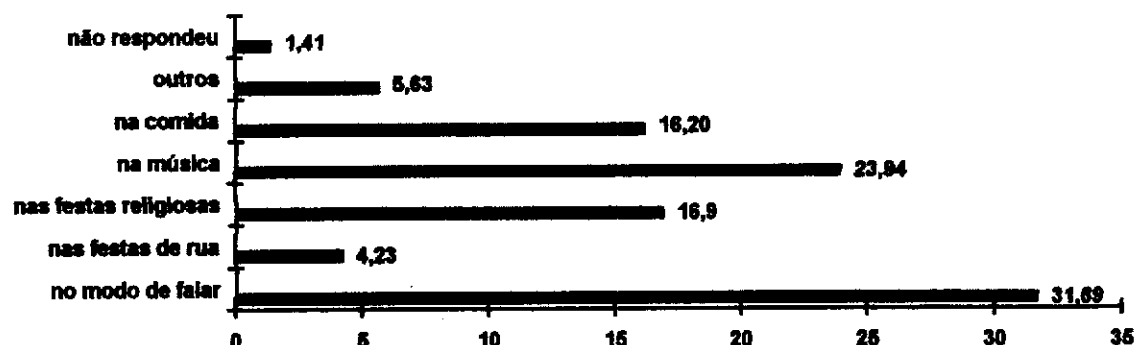
O controle sobre os meios de comunicação, assim como o controle dos meios de produção, traz implicações econômicas, políticas e, sobretudo, culturais, uma vez que atinge a esfera dos valores, da própria constituição dos indivíduos e da sua sociabilidade.

#### **4.8 - Cultura como tradição**

É preciso deixar claro que os traços essenciais de uma cultura não podem ser delineados com precisão, sendo esse um campo dinâmico que, ao ser delimitado, pode torná-lo obsoleto. Também é claro que esses traços podem, muitas vezes, realizar-se no devir.

Não obstante, buscando identificar os aspectos mais relevantes na cultura goianiense, perguntou-se aos adolescentes onde esse traço (cultural) se apresenta mais forte. A resposta que obtivemos é que ele pode ser encontrado na linguagem (31,69%), ou seja, boa parte dos que respondeu ao questionário acredita que o aspecto mais forte está no modo de falar de seu povo.

Onde você acredita que esteja o traço mais forte de Goiânia



O fato de o adolescente acreditar que é o modo de falar o traço mais forte da cultura pode ser em decorrência de ele possuir uma linguagem diferente das pessoas as quais identifica como tendo uma linguagem específica, com elementos culturais próprios.

Com a ajuda de imposições sociais, o adolescente é constantemente levado ao fato capital de que a palavra é meio mais útil, mais simples, qual seja o modo de se comunicar com as pessoas: 'a linguagem é o fato cultural mais por excelência'. É por isso que Sartre pode defender que a linguagem não seria mais que do que a especificação do problema moral da existência do outro. (Furter, 1974:90)

Portanto, faz sentido se compreendermos que "as convenções verbais produzidas em sociedade constituem o quadro ao mesmo tempo mais elementar e mais estável da memória". Seja pela identificação, seja pela diferença, a linguagem é socializadora da memória, "ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual." (Bosi, 1987:18)

Em segundo lugar, é possível situar, através dos adolescentes, que em Goiânia, a música aparece como o segundo elemento mais forte da cultura (23,94 %); seqüencialmente as outras alternativas são: festas religiosas (16,90%), comida (16,20 %), festas de rua (4,23%) e, por fim, outras respostas (5,63%).

Em relação à idade, tanto os mais velhos quanto os mais jovens acreditam que o traço mais forte de Goiânia esteja no modo de falar de seu povo (52,63% e 30,95%, respectivamente); já os que se encontram na faixa etária intermediária acreditam que seja a música: 28,40% (muito próximos, também nessa faixa encontram-se aqueles para quem o

sinal mais característico esteja no modo de falar: 27,16%). A diferença dos dados quanto à idade pode ser explicada porque os mais jovens estão ainda numa fase em que não percebem a diversidade das falas.

A adesão total à cultura dar-se, numa relação de dominação que

defronta o indivíduo com o universal, como a razão na realidade afetiva. O poder de todos os membros da sociedade, que enquanto tais não tem saída, acaba sempre, pelo divisão do trabalho a eles imposta, por se agregar no sentido justamente de realização do todo, cuja racionalidade é assim mais uma vez multiplicada. (Adorno, 1985:35)

Mas é preciso usar de astúcia e ficar sempre atento ao elo com o passado, para que ele não sirva como uma forma de reter o homem no saudosismo e, sim, como reconhecimento para levá-lo adiante. Dessa forma, faz-se necessário “libertar o instante do presente do poder do passado, desterrando-o para trás do limite absoluto do irrecuperável e colocando-o à disposição do agora como saber praticável”. (Adorno, 1985:44)

É nisso justamente que consiste sua racionalidade consumada, que consiste com a loucura. A extrema desproporção entre a coletividade e os indivíduos anula a tensão, mas a perfeita harmonia entre a onipotência e a impotência é ela própria a contradição não-mediatizada, a oposição absoluta à reconciliação. (Adorno, 1985:191)

Mais uma promessa não cumprida pela modernidade que promete ascensão pessoal ao homem livre para vender sua força de trabalho. E lhe impõe amarras tão sofisticadas que são muito mais difíceis de ser vistas e arrancadas.

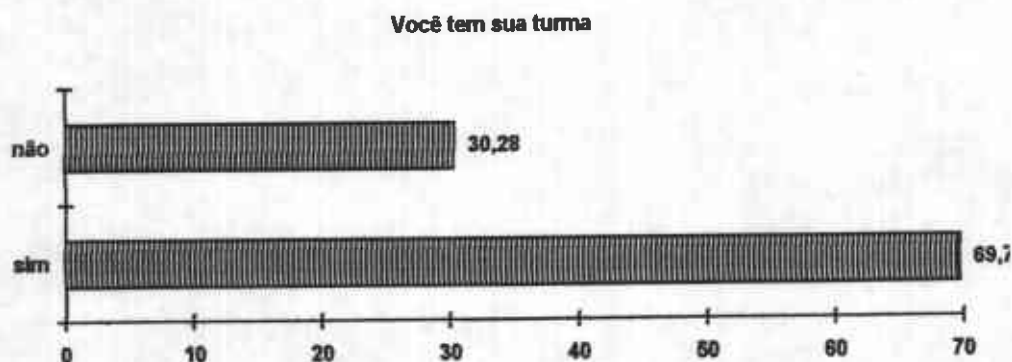
#### 4.9 - O adolescente e a cultura moderna

Sabe-se que a adolescência é uma fase decisiva na qual o indivíduo vai constituindo a sua identidade, etapa importante não só em nível individual, mas, também,



no processo de formação social. Isso pode ser percebido pelo fato de a indústria cultural trabalhar com elementos de identificação na formação da indústria de massa.

A maior parte dos adolescentes tem turma e em Goiânia, não é diferente. 69,72% dos adolescentes responderam fazem parte de uma turma.



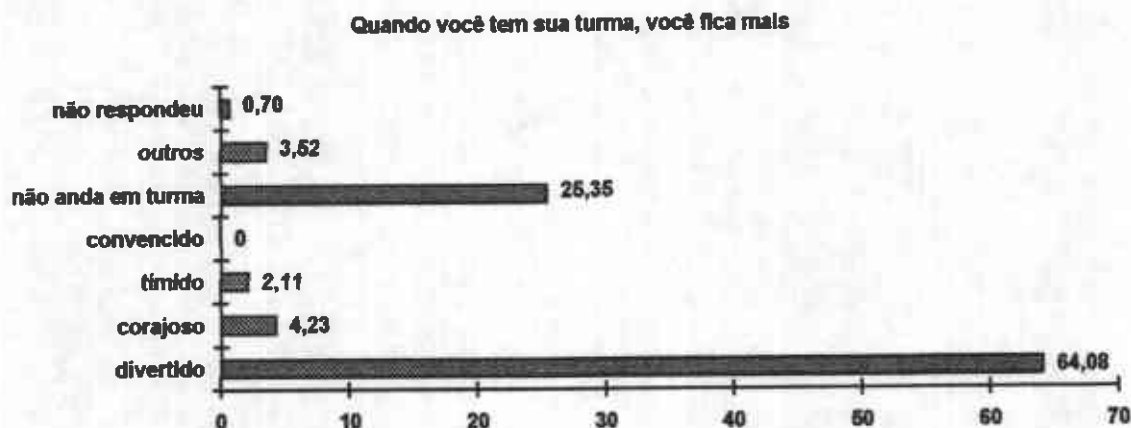
A disponibilidade dos adolescentes em se reconhecer em algo, essa procura é um campo fértil para a indústria cultural, que utiliza os meios de comunicação para transmitir valores e novas formas de vida, que remetem à passagem do indivíduo à massa. Esse movimento \_ ser massa: “não seria determinada pelo número de indivíduos em que se produz nem pela sua proximidade no espaço, mas outrossim, por modificações que ocorreriam nos próprios sujeitos” \_ demonstra que muito dos adolescentes liberam componentes que não ousariam mostrar individualmente (Adorno & Horheimer, 1973:79/80).

O indivíduo, ao ter uma turma e se manifestar em grupo, sente prazer na identificação com aquelas pessoas, assim como valoriza esse espírito de união que permite que eles se tornem felizes. Especialmente, quando é reconhecido como igual.

A massa é um produto social \_ não uma constante natural; um amálgama obtido como aproveitamento racional dos fatores psicológicos irracionais e não uma comunidade originalmente próxima ao indivíduo; aos indivíduos uma ilusão de proximidade e de união. Ora, essa ilusão pressupõe, justamente, a atomização, e a alienação e a impotência individual. <sup>17</sup> (Adorno & Horheimer, 1973:87)

<sup>17</sup> Theodor Adorno e Max Horheimer, *Temas básicos de sociologia*. São Paulo. Cultrix. p.87.

A socialização total, a identificação com a turma, deixa o adolescente feliz e, no caso dos adolescentes pesquisados, potencializa seu lado mais alegre, uma vez que 64,08% responderam que ficam mais divertidos quando estão com a turma.

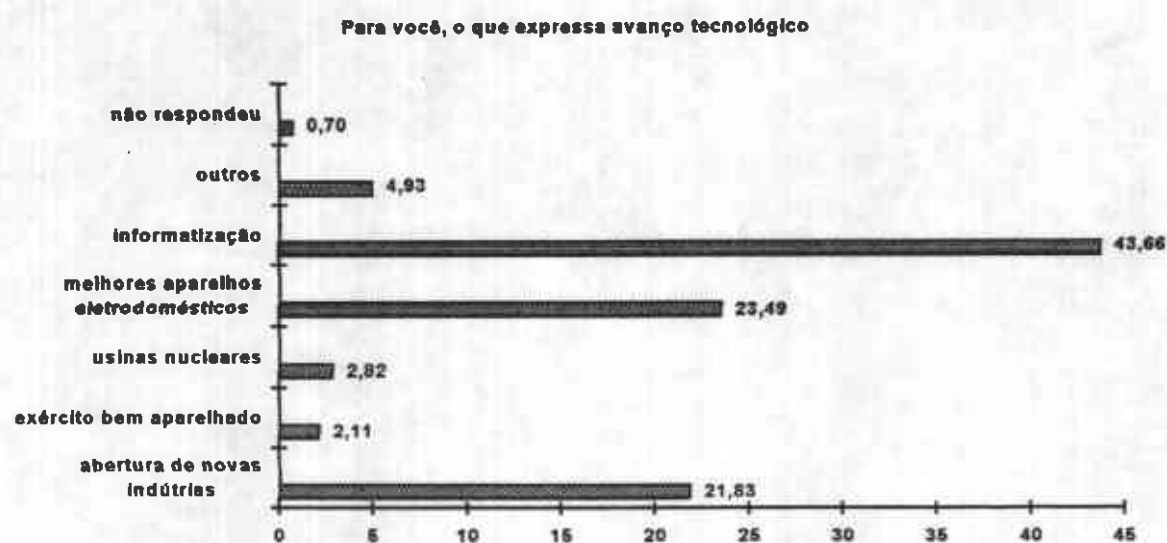
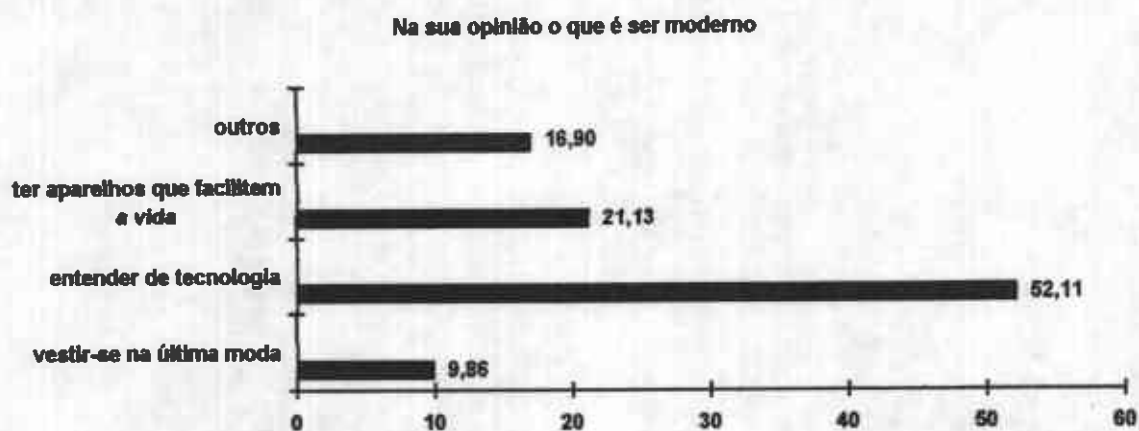


Uma possível perda, mesmo parcial ou temporária, da particularidade do indivíduo quando está em grupo é compensada pela idéia de bem-estar e de harmonia. É esse tipo de vínculo que fortalece as relações nas turmas. Na adolescência, a busca pela identificação implica uma maior rotatividade entre todas aquelas possíveis turmas. Essa insegurança é bem vinda numa sociedade que propaga a produção acelerada e que sempre tem algo novo para oferecer, proclamando o avanço como o alvo a ser sempre perseguido.

O avanço propagado pela sociedade moderna é possível de ser alcançado com o progresso tecnológico. A crença no progresso não surgiu de uma hora para outra. “condições de produção precisaram mais de meio século para refletir em todos os setores da cultura. Só hoje podemos indicar de que forma isso se deu.” (Bejamin. 1985:165). Hoje a idéia de progresso como solução está disseminada por toda a sociedade, apesar dos problemas enfrentados por ela como um todo. Só há olhos para um progresso positivo.

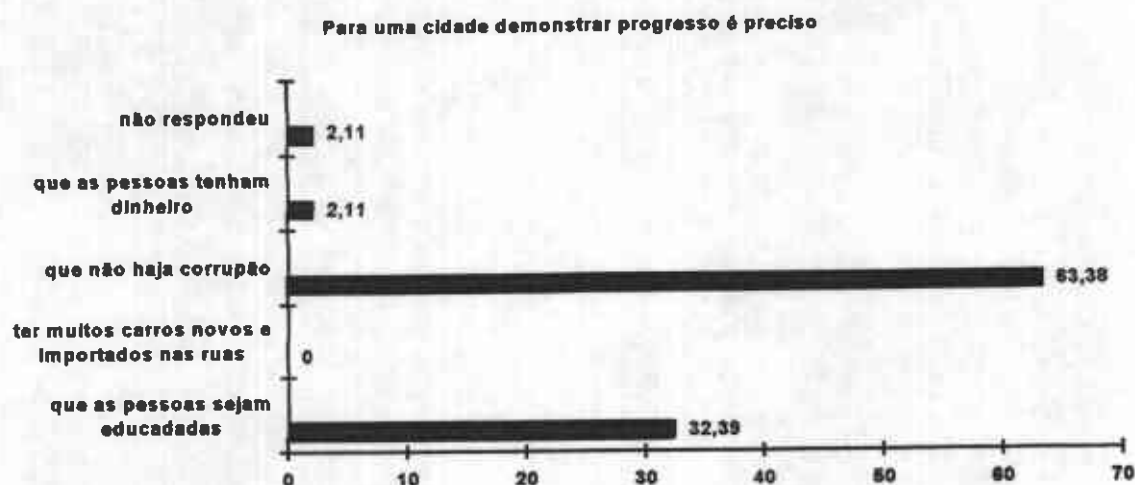
Os adolescentes, de uma maneira geral, relacionam a modernidade com o avanço tecnológico (63,38%). O avanço tecnológico sempre é visto como o que há de ponta na

sociedade, como informatização, por exemplo (43,66%), ou ainda a aquisição de eletrodomésticos e suas facilidades (23,94%), guardando as devidas diferenças entre a primeira alternativa e a segunda. Esse tipo de resposta apresenta o caráter excludente da sociedade, uma vez que apenas 7,75% têm conhecimentos de informática, ou seja, muito poucos têm acesso à modernidade, uma vez que o progresso tecnológico sem o progresso humano pouco pode fazer, ou ainda pouco pode ser feito para mudar esse quadro que atualmente se apresenta mais quantitativo que qualitativo.



O desejo da maioria dos adolescentes é que as mudanças sejam qualitativas. Quando vislumbra uma cidade na qual ele deseja morar e que apresente progresso, e esse

último implica menos corrupção (63,38%), uma cidade que possibilite dignidade e na qual as pessoas sejam educadas (32,39%).



A cidade e o progresso são sempre pensados em sintonia, sempre o local onde é possível crescer e vencer na vida. A idéia que se tem da cidade remete sempre a avanço, sobretudo em Goiânia, que foi projetada para abrigar e possibilitar o desenvolvimento. Os traços que poderiam haver de arcaico, e que estariam espalhados na cidade, para os adolescentes muitas vezes dizem respeito a aspectos que parecem em dissonância com a própria cidade, que também é pensada de forma positiva. Pode-se ver nas respostas que elas sempre apontam para algo exterior ou periférico da cidade e nunca derivado ou constituinte da forma como a cidade foi planejada e como é sua funcionalidade. O fato de as pessoas nem mesmo terem refletido sobre o assunto ou não saberem onde podem encontrar esses traços já demonstra a dificuldade de pensar na possibilidade, de pensá-la como problema, que advém do progresso tão propagado e, ao mesmo tempo, produz uma lógica tão perversa.

A modernidade traz consigo condições de vida e de comportamento que se espalham pelos locais mais improváveis, e Goiânia, no seu abraço à modernidade, abraçou também seus desafios. A pesquisa mostrou que a cidade é campo de possibilidades e lutas, envolvendo o que nela se encontra, fazendo brotar, assim uma sociabilidade própria.

Goiânia, com seus aspectos modernos e arcaicos, ajuda a constituir uma compreensão de cidade e socialização.

Através dos dados apresentados, pode-se ver que Goiânia, com sua funcionalidade de 'metrópole incompleta', nos seus bairros, na sua circularidade, produz e reproduz relações sociais próprias que podem ser encontradas nos elementos e particularidades que emergem tanto da sua história, como da sua configuração atual de espaço urbano. O que verificou-se é apenas um dos aspectos que podem ser abordados no traçado contraditório da modernidade. Muito há ainda para ser visto.

## Considerações Finais

Numa época que imprime um ritmo de transformações e mudanças quase sempre acelerado, acarretando movimentos históricos, simultâneos de ruptura e continuidade, uma convivendo com a outra, pode-se compreender que tais transformações ocorrem, sobretudo, no espaço da cidade, privilegiado pela produção e pela reprodução. Dessa maneira verificou-se que Goiânia não foge à regra, apresentando sinais dessa diversidade, o que implica, dentre outras coisas, desigualdade e contradição.

A cidade como centro que se afirma, por apresentar o que existe de novo e também como símbolo da modernidade, no entanto, não impediu que também carregasse elementos conservadores. Ela traz consigo uma forma de viver, de compreender o mundo, com idéias e comportamentos próprios. Goiânia, como se pôde verificar, também imprime sua marca, que se apresenta não de forma cristalizada, mas na sua dinâmica de conflitos entre o arcaico e moderno, entre o que está em movimento e o que permanece estático.

As mudanças aceleradas, pertinentes à modernidade, atingem diretamente quem está tentando entender o mundo, que se apresenta à compreensão através de um tempo fugidio, constituindo formas de sociabilidade fugazes como as únicas possíveis. Para um contexto mutável, nada como um elemento de reconhecimento também mutável. Fica compreendido, portanto, que, através do adolescente, é possível mapear questões importantes para o entendimento da dinâmica empreendida pela cidade.

Assim Goiânia, como qualquer outra cidade, forma-se através do homem que nela habita (que a produz), com o trabalho materializado feito por ele e pela sociedade, dando à cidade seu caráter humano, social e histórico. O adolescente, por sua vez, na ânsia de descobertas e com a agudeza de seu olhar, de quem está aprendendo, leva a conhecer Goiânia, sendo possível compreendê-la através da sua perspectiva, via socialização dada através de sua experiência na procura de referências.

Procurou-se, durante todo o trabalho, verificar e entender a cidade de Goiânia como uma *metrópole incompleta*, seja pelo quantitativo populacional, seja pelo qualitativo, no que se refere à condição econômica e social. Mas os dados mostraram que

a presença de arcaísmos ou de elementos tradicionais que atravessam essa cidade interfere muito pouco na forma de sociabilização vivida pelo adolescente, uma vez que há pouca adesão a elementos que remetam a essa condição tradicional.

O que se constatou foi um processo de desenraizamento, firmado pela presentificação do tempo, que não permite pensar outra realidade possível que não a atual.

O desconhecimento do passado e a incerteza do futuro desenham formas de socialização resultado de uma adesão à cultura moderna, que cultua a semelhança, distanciando a diferença e uma possível relação de troca, o que contribuiria para uma reflexão do próprio presente.

No entanto, não se pode perder de vista que importantes eixos mediadores presentes na formação tanto do homem como da cultura funcionam, mesmo que deficientemente, como reservas possíveis de reflexão, apesar de sabê-las não isentas à racionalidade instrumental que campeia na sociedade como um todo. São mediações como a família, a escola, a arte, que aparecem como local viável para constituir uma socialização que permita formas de autonomia.

A cidade e a modernidade caminham juntas, pois a cidade permite a concretização dos elementos pertinentes à modernidade. E Goiânia, como toda cidade, carrega consigo as benesses do progresso, assim como seus desafios. Do espaço rural preparado para germinar o progresso, como foi o caso da cidade de Goiânia, brotam conflitos e diferenças que se alimentam e se digladiam nos espaços no tempo presentes na cidade. Sua dinâmica, assim como sua complexidade dentro dos padrões modernos, requer muitos estudos em torno de seus diversos aspectos. O presente trabalho buscou apenas um deles, mas não se pode perder de vista que muito mais é preciso para o entendimento da cidade.

## Bibliografia

- ADORNO, Theodor. *Minima moralia*. 2ª edição. São Paulo, Ática, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Prismas*. São Paulo, Ática, 1998
- ADORNO, Theodor. e HORKEHEIMER, Max. *Temas básicos da sociologia*. São Paulo, Cultrix, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Dialética do esclarecimento*. 5ª edição Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996.
- AMARAL, Mônica. *O Espectro de narciso na modernidade*. São Paulo, Estação Liberdade, 1997.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª. edição Rio de Janeiro, Ltc, 1981.
- BALANDIER, Georges. *O contorno: poder e modernidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997a.
- \_\_\_\_\_. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997b.
- BARROS, Miriam M. Lins. Memória e família. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, 1989, vol 2, n.3.
- BAULERAIRE, Charles. *As flores do mal*. 2ª. ed. Lisboa, Assírio e Alvim, 1993.
- BECK, U.; GIDDENS, A. & LASCH, S. *Modernização reflexiva*. São Paulo, Unesp, 1997.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. *Obras escolhidas I*, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. *Obras escolhidas III*, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BERGER, Peter. L. e LUCKMANN, Thomas. A sociedade como realidade subjetiva. In : *A construção social da realidade*. 17ª. ed. Petrópolis, Vozes, 1999.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. 13ª edição. São Paulo, Cia. das Letras, 1996.



- BERNARDES, Genilda D. & CAMPOS, Francisco Itami. Goiânia: sociabilidade na periferia. In: *Ciências humanas em revista*. Goiânia, UFG, 1991, vol. 2, n. 1-2.
- BORGES, Venerando de Freitas. Meio século de Goiânia. In: *Revista do conselho estadual de cultura*. Goiânia, Secretaria da Cultura, 1983/1985, no.3.
- BORNHEIM, G. O conceito de tradição . In: *Tradição e contradição*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Zahar/funarte, 1997.
- BOSI, Alfredo . "Cultura como tradição", In: *Tradição e contradição*. Rio de Janeiro, Zahar/funarte, 1997, 2ª. edição.
- BOSI, Ecléa. *Simone Weil - A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1979.
- \_\_\_ *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2ª. ed. São Paulo. Cia das letras, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo, Cia. das Letras, 1991.
- \_\_\_ *Por que ler os clássicos*. São Paulo, Cia. das Letras, 1993.
- CANCELLI, Elizabeth. *Estratégia para o flagelo*. Campinas, 1984. Dissertação de mestrado, Unicamp.
- CANCLINE, Nestor. G. *Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da Globalização*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1995.
- \_\_\_ *Culturas Híbridas*. São Paulo, Edusp, 1997.
- CANEZIN, Mª. Teresa. & LOUREIRO, Walderês Nunes. *A escola normal em Goiás*. Goiânia, UFG, 1994.
- CAMPS, Victoria. *Paradoxos do individualismo*. Lisboa, Antropos, 1993.
- CARDOSO, Ruth. & SAMPAIO, Helena. *Bibliografia sobre a juventude*. São Paulo, Edusp, 1995.
- CARLOS, Anan Fani Alessandri (org.) *Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano*. São Paulo, Edusp, 1994.
- \_\_\_ *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo, Edusp, 1994.
- \_\_\_ *A cidade*. São Paulo, Contexto, 1994.
- CARVALHO, Mª. Carmo Brant. (org.) *A família contemporânea em debate*. 2ª. ed. São Paulo, Cortez, 1997.

- CASTRO, I. Elias. et alli (org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1995.
- CENCI, Angelo. (org.) *Ética, racionalidade e modernidade*. Passo Fundo, Ediupf, 1996.
- CHAUL, Nars. *A construção de Goiânia e a transferência da capital*. Goiânia, UFG, 1988.
- \_\_\_\_\_. Goiás e a identidade da decadência. In: *Ciências Humanas em Revista*. Goiânia, UFG, 1995, n.11.
- \_\_\_\_\_. *Os caminhos de Goiás* (Da construção da decadência aos limites da modernidade). Goiânia, UFG, 1997.
- CHESNEAUX, J. *Devemos fazer tábula rasa do passado?* São Paulo, Ática, 1995.
- CORDEIRO, Narcisa Abreu. *Goiânia* (Evolução do plano urbanístico). Goiânia, 1985.
- COSTA, Castro. *Goiânia metrópole do Oeste*. Goiânia, Prefeitura Municipal - Assessoria Especial de Cultura, 1985.
- DAVIS, K. (org.) *Cidades: a urbanização da humanidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- DOMINGUES, J. Maurício. Modernidade, tradição e reflexibilidade no Brasil contemporâneo. In: *Revista Tempo Social*. São Paulo, USP, 1998, vol 10, n. 2.
- ELIAS, Norbet. *A sociedade dos indivíduos*. Lisboa, Don Quixote, 1993.
- ÉLIS, Bernardo. O paradoxal destino do Centro Oeste. In: *Revista do Conselho Estadual de Cultura*. Goiânia, Secretaria da Cultura., 1983/1985, n.3.
- FEATHERSTONE, M. *Cultura global. Nacionalismo, Globalização e modernidade*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. (org.) *Cultura global*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- FIGUEIRA, Sévulo. A. O 'moderno' e o 'arcaico' na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: *Nos bastidores da psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- FREITAG, Bárbara. Duas cidades entre a história e a razão. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1994, n.116.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar da civilização*. Rio de Janeiro, Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro, Imago, 1997.

- FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e crise do capitalismo real*. 2ª.ed, São Paulo, Cortez, 1996.
- FURTER, Pierre. *Juventude e tempo presente*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- GALLATIN, Judith. *Adolescência e individualidade*. São Paulo, Habra, 1978
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
- GIANNOTTI, J. A. Formas de sociabilidade capitalista. In: *Trabalho e reflexão*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da modernidade*. São Paulo, Unesp, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A transformação da intimidade*. São Paulo, Unesp. 1993.
- GOLDMANN, Lucien. *Dialética e cultura*. 3ª. ed Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- GONÇALVES, Maria Flora. Uma das muitas facetas da paradoxal urbanização brasileira. In: Santos, Milton et alli. (org.) *Globalização e espaço latino-americano*. São Paulo, Hucitec, 1994.
- \_\_\_\_\_. (org.) *O novo Brasil urbano*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1995.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa, Dom Quixote, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP & A, 1997.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 1992.
- HESS, Robert D. Influências da classe social e étnicas na socialização. In: *Psicologia da criança*. São Paulo, Edusp, 1973.
- HOBBSBAWN, Eric. e RANGER, Terence. *A Invenção das tradições*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Sobre História*. São Paulo, Cia das letras, 1998.
- HORKHEIMER, Max. *Teoria crítica*. São Paulo, Edusp, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Eclipse da Razão*. Rio de Janeiro, Labor do Brasil, 1976.
- IANNI, Otávio. *A idéia de Brasil moderno*. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- INHELDER, Bärbel & PIAGET, Jean. *Da lógica da criança à lógica do adolescente*. São Paulo, Pioneira, 1976.

- LABORIT, Henri. *O homem e a cidade*. Lisboa, Europa América, 1971.
- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro, Imago, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Mínimo eu*. 4ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo, Edusp, 1998.
- \_\_\_\_\_. *História e Memória*. 2ª edição. Campinas, Unicamp, 1992.
- LINHARES, Maria Yedda. (org.) *História geral do Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro, Campus, 1990.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2 edição. Campinas, Papyrus, 1989.
- LIMA Filho, Manoel Ferreira. *Pioneiros da marcha para o Oeste*. Brasília, 1998. Tese de doutorado Unb.
- LOWY, Michael. & VARIKAS Elini. A crítica do progresso em Adorno. In: *Lua nova*. São Paulo, Cedesc, 1992. n. 27
- MAAR, Wolfgang Leo. Lukács, Adorno e o problema da formação. In: *Lua nova*. São Paulo, Cedesc, 1992. n. 27
- MAFFESOLI, Michel. e ROUANET, Sérgio Paulo. *Moderno e pós-moderno*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.
- MARCUSE, H. *Cultura e sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997, v. I e II
- \_\_\_\_\_. *Idéias sobre uma teoria da sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- MARTINO, Cláudio Martins São. As cidades milionárias do Terceiro Mundo. A noção de macrocefalia. In: Santos, Milton (org.) et alli *Problemas geográficos de um mundo novo*. São Paulo, Hucitec, 1985.
- MARX, Karl. Manuscritos econômicos-filosóficos ( terceiro ). In: *Os pensadores*. Rio de Janeiro, Abril, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Manuscritos econômicos-filosóficos (primeiro)*. Lisboa, Edições 70, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A ideologia Alemã*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- MATOS, Olgária. C. F. *Os arcanos do inteiramente outro*. 2ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- MELLO, Marcia Metran. *Moderno e modernismo em Goiânia*. São Paulo, 1996. Dissertação de mestrado, USP.

- MIRANDA, Marília G. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: Codo, Wanderley (org.) et alli. *Psicologia Social*. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- MONTEIRO, Ofélia S. do Nascimento. *Como nasceu Goiânia*. Goiânia,
- MONTERO, P. Cultura e democracia no processo da globalização. In: *Novos estudos do Cebrap*. São Paulo, Março, 1996.
- MUNDFORD, Lewis. *A cidade na história*. 4ª edição. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A moderna tradição brasileira*. 5ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. "Cultura, modernidade e identidades". In: Milton Santos, et alli. (org.), *Globalização e espaço latino-americano*, São Paulo, Hucitec, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Mundialização e cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1998.
- PALACIN, Luiz. & MORAES, M<sup>a</sup> A. de Santanna. *História de Goiás*, 5ª edição. Goiânia, Ucg. 1989,
- PASSERINI, Luisa. La juventud, metáfora del cambio social ( dos debates sobre los jóvenes en la Itália fascista y en los Estados Unidos durante los años cincuenta). In *História de los jóvenes*. Madrí, Tauros, 1996.
- PIMENTEL, Sidney. V. *O chão é o limite*. Goiânia, UFG, 1997.
- REIS, José Carlos. *Nouvelle Histoire e tempo histórico*. São Paulo, Ática, 1994.
- RESENDE, Anita C. Azevedo. *O tempo do tempo*. São Paulo, 1987. , Dissertação (mestrado) - Pontificia universidade católica / São Paulo.
- \_\_\_\_\_. *Fetichismo e subjetividade*. São Paulo, 1992. Tese (doutorado), Pontificia universidade católica / São Paulo.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro, 3ª edição, Tempo Brasileiro, 1989,.
- \_\_\_\_\_. *Mal-estar na modernidade*. São Paulo, Cia. das Letras, 1993.
- SÁ, Cristina. *Olhar urbano olhar humano*. São Paulo, Ibrasa/ Universitária Champagnat, 1991.

- SABINO Jr., Oscar(org). *Goiânia documentada*. Goiânia, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Goiânia global*. Goiânia, 1980.
- SANTOS, Milton. *Ensaio sobre a urbanização na América latina*. São Paulo, Hucitec, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Espaço e método*. São Paulo, Nobel, 1985.
- \_\_\_\_\_. *O trabalho do geógrafo no 3º. Mundo*. 2ª. edição. São Paulo, Hucitec, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A urbanização brasileira*. 2ª. edição. São Paulo, Hucitec, 1994.
- \_\_\_\_\_. (org) *Território: globalização e fragmentação*. Hucitec, São Paulo, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A natureza do espaço*. 2ª. edição. São Paulo, Hucitec, 1997.
- SCHWAB, Gustav. *As mais belas histórias da antiguidade clássica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995, Vol. 1.
- SILVA, Ana Lúcia. *A revolução de 30 em Goiás*. São Paulo, Tese (doutorado), Universidade de São Paulo, 1982.
- SILVA, Luiz Sérgio Duarte. *A construção de Brasília*. Goiânia, UFG, 1997.
- SOJA, Edward, W. *Geografia pós-moderna*. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.
- SOUZA, Candice Vidal. *A pátria geográfica*. Goiânia, UFG, 1997.
- SOUZA, Welton Ferreira. *O êxodo rural e o desafio urbano*. Goiânia, Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Goiás, 1995.
- STRAUSS, Claude Lewis. *Tristes trópicos*. Lisboa, edições 70, 1986.
- TELES, José Mendonça. "ser goiano". In: *Revista Goianidade*, Goiânia, AGI, 1992.
- VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- VICENTINI, Albertina. *O regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos*. Goiânia, UFG, 1997.

**ANEXO 1**

## Anexo 1

Lista de setores da cidade de Goiânia nas quais se encontram escolas municipais e estaduais.  
O número que segue é da quantidade de escolas por bairro, o primeiro é das escolas municipais e o segundo número corresponde as escolas estaduais.

	tumo				estadual	tumo				2o g.	
	municipal	1o g. m	v	n		1o g. m	v	n			
<b>CENTRAL</b>											
Aeroporto	0	0	0	0	0	2	2	1	0	2	1
Bela vista	2	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0
Bueno	3	0	0	0	0	3	2	2	1	1	1
Campinas	0	0	0	0	0	8	5	4	2	4	3
Coimbra	3	0	0	0	0	3	1	1	0	1	0
Jardim América	5	0	0	0	0	7	3	3	3	1	1
Jardim Goiás	1	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0
Nova Vila	0	0	0	0	0	2	1	1	0	0	1
Nova Suíça	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0
Setor Oeste	1	0	0	0	0	1	1	1	1	0	1
setor Sul	1	1	0	0	1	4	1	0	1	1	1
Universitário	1	0	0	0	0	8	3	3	2	3	4
Vila Nova	2	0	0	0	0	8	3	3	2	1	2
Vila santa Isabel	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Vila Viana	1	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0
Central	0	0	0	0	0	6	3	2	0	1	3
	22	3	1	1	3	57	26	22	12	15	18
<b>LESTE</b>											
Aruanã I e II	3	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0
Bairro Feliz	1	1	0	1	1	0					
Colonia Santa Marta	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0
Conj. Caiçara	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Coronel Cosme	0					1					
Jardim Califórnia	0	0	0	0	0	1	1	1	0	1	0
Jardim D. Fernando I	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0
Jardim D. Fernando II	0					1					
Jardim Novo Mundo	3	2	0	2	2	4	1	1	1	1	1
Palmito	0	0	0	0	0	1					
Parque Amendoeiras	1	1	0	0	1	0					
Recanto Minas Gerais	1					0					
Santo Hilário	1	1	0	0	1	0					
Vila Agua Branca	1	1	0	0	1	0					
Vila Concordia	1	1	1	0	1	0					
Vila Pedroso	0	1	0	1	0	2					
Vila Maria Luíza	1	1	0	0	1	2	1	1	0	0	1
Vila Moraes	1	1	1	0	1	1					
	15	12	3	5	10	16	4	3	1	3	2



**OESTE**

Aeroviário	1					4	3	2	1	1	1	1
Bairro Goya	2	1	0	1	2	0						
Bairro Rodoviário	1					1						
Celina Parque	1	1	1	0	0	0						
Centro Oeste	0					1	1	1	0	1	1	1
Cidade Jardim	3					2						
Conj. Alphaville	1	1	1	0	1	0						
Conj. Vera Cruz I	0					3	1	1	0	0	1	0
Conj. Vera Cruz II	0					2	2	2	0	1	2	1
Conj. Vera Cruz V	1					0						
Jardim Aritana	1	1	1	0	0	0						
Jardim Primavera	1					1	1	1	0	0	0	0
N.Sra de Fátima	0					1						
Oeste	0					2						
Parque Ind. João Brás	1	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Parque Oeste Industrial	1	1	0	0	1	0						
Parque Santa Rita	1					0						
Rodoviário	0					1	1	1	0	0	1	0
Solange Parque	2	1	0	0	1	0						
Vila Aurora	1					0						
Vila Canaã	1	1	0	0	1	1						
Vila Santa Tereza	1					0						
	20	8	4	1	6	20	9	8	1	3	6	3

**NOROESTE**

Chac. Rec. São Joaquim	1					0						
Cond. Estrela Dalva	1					0						
Bairro da Vitória	2					1						
Jardim Curitiba I	1					2						
Jardim Curitiba II	0					1	1	1	0	0	0	0
Jardim Curitiba III	0					2	1	1	0	0	0	0
Jardim liberdade	1	1	0	1	1	0						
Novo Planalto	1					0						
Parque Buriti	1					1	1	0	0	1	1	0
Resid. Prive Nort	1					0						
Sit. Rec. Morada do Sol	1					0						
Vila Finsocial	2					3	2	2	0	1	2	0
Vila Multirão	0					3	2	2	0	2	1	1
	12	1	0	1	1	13	7	6	0	4	4	1

**SUL**

Bairro Alto da Glória	1	1	0	0	1	0				0		
Conj. Fabiana	1	1	1	0	0	0				0		
Conj. Riviera	0	0	0	0	0	2	2	2	0	1	2	1
Jardim da luz	1	1	1	0	0	1	1	1	0	0	0	0
Parque acalanto	1					0						

Parque Amazonia	3	2	2	1	2	2	1	1	0	1	1
Parque Ateneu	3	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1
Parque Flamboyante	1					0					
Parque das Laranjeiras	1	1	1	0	1	2	2	2	2	2	2
Pedro Ludovico	3					5	2	1	1	1	2
Vila Jardim vitória	1					0					
Vila Redenção	2	1	1	0	1	1	1	0	1	1	1
	18	8	6	2	6	14	10	8	5	9	9

#### SUDOESTE

Bairro Alto Paraíso	1					0					
Conj. Baliza	1	1	0	0	1	0					
Conj. Cachoeira Dourada	1	1	1	0	1	0					
Faicatville	1					0					
Jardim ana Lúcia	1					0					
Jardim Atlântico	1					0					
Jardim Caravelas	1					0					
jardim Europa	3	1	1	0	0	2	1	1	0	1	0
Jardim Planalto	0					1					
Jardim Vila Boa	1					1					
Parque Anhanguera	1	1	0	0	1	0					
Parque Anhanguera II	1					0					
Resid. Monte carlos	1					0					
Resid. Itaipu	1					0					
Sudoeste	1	1	0	0	1	3	1	0	1	0	1
Vila Alvorada	1					0					
Vila Mauá	1					0					
Vila Novo Horizonte	0					0					
Vila Rosa	1					1	1	1	1	1	0
Vila União	2	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0
	21	6	3	0	5	8	3	2	2	2	1

#### NORTE

Chác. Bom Retito	1					0					
Conj. Itatiáia	1					1	1	1	0	0	1
Criméia Leste	1					1	1	1	0	0	0
Jardim Guanabara	1	1	1	0	1	1	1	1	0	1	1
Jardim Guanabara II e III	2	1	1	0	1	0					
Norte Ferroviário	0					1					
Santa Genoveva	4	1	1	1	1	0					
Setor Mansões do Campus	1					0					
Setor São Judas Tadeu	1	1	1	0	1	0					
Vila Negrão de Lima	1					0					
Vila Pompéia	1					0					
	14	4	4	1	4	4	3	3	0	1	2

#### MENDANHA

Bairro Capuava	2	1	1	0	1	2					
----------------	---	---	---	---	---	---	--	--	--	--	--

Cândida da Moraes	1	1	0	1	1	0						
Jardim nova esperança	2					1	1	1	0	1	1	1
Ipiranga	1					0						
Perim	1	1	1	0	0	0						
Santos Dumont	2	1	1	0	0	0						
Vila Clemente	1					0						
Vila João Vaz	1	1	1	0	1	0						
Vila Maria Dilce	1	1	0	0	1	0						
Vila São Paulo	1					0						
Vila São José	2					0						
Vila Regina	1	1	1	0	1	0						
	16	7	5	1	5	3	1	1	0	1	1	1

#### VALE DO ME

Balneário Meia-ponte	1	1	1	0	1	0						
Conj. Marques Abreu	0	0	0	0	0	1	1	0	1	1	1	1
Criméia Oeste	1					2	2	1	0	1	1	1
Jardim Balneário	1					2	1	1	0	1	0	0
Jardim Diamantina	1					0						
Fama	0					1	1	0	0	1		
Funcionários	1	1	1	0	1	0						
Marechal Rondon	1					0						
São Francisco	0					1						
Urias magalhaes	1	1	0	0	1	2						
Vila Abajá	0					2						
Vila Irani	1					1						
Vila Isaura	1	1	0	0	1	0						
Vila Monticelli	0					1	1	1	0	0	0	0
Vila Paraíso	1	1	1	0	0	0						
Vila Santa Helena	0					1	1	1	1	1	1	1
	10	5	3	0	4	14	7	4	2	5	3	3

#### Sem Localização

Andréia Cristina	0					1						
Floresta	0					1						
Jardim Aroeiras	0					1						
Jardim Petrópolis	0					1	1	1	0	1	1	1
Jardim presidente	0					1	1	1	0	1	0	0
Lageado	0					1	1	0	1	1	0	0
Parque Santa Cruz	0					1	1	1	0	0	0	0
Vila Osvaldo Rosa ( mesmo que vila rosa ?)	0					1						
	0	0	0	0	0	8	4	3	1	3	1	1

TOTAL	148	54	29	12	44	157	74	60	24	46	47	32
-------	-----	----	----	----	----	-----	----	----	----	----	----	----

**ANEXO 2**

## Anexo 2

### Setores / Bairros

Lista de setores por regiões nas quais se encontram escolas municipais e estaduais. O número que segue é da quantidade de escolas por bairro, o primeiro é das escolas municipais e o segundo número corresponde as escolas estaduais.

#### CENTRAL

Aeroporto 0 ; 2  
Bela vista -2 ; 1  
Bueno -3 ; -3  
Campinas 0 ; 8  
Coimbra -3 ; -3  
Jardim América -5 ; 7  
Jardim Goiás -1 ; 3  
Nova Vila 0 ; 2  
Setor Oeste -1 ; 1  
setor Sul -1 ; 4  
Universitário -1 ; 8  
Vila Nova -2 ; 8  
Vila santa Isabel -1; 0  
Vila Viana -1; 1  
"Central"- 0; 6

#### LESTE

Aruanã I e II -3 ; 0  
Colônia Santa Marta 0 ; 2  
Conj. Caiçara -1 ; 0  
Jardim D. Fernando I -0 ; 1  
Jardim D. Fernando II - 0 ; 1  
Jardim Novo Mundo -3 ; 4  
Palmito - 0 ; 1  
Parque Amendoeiras -1 ; 0  
Recanto Minas Gerais -1; 0  
Santo Hilário-1 ; 0  
Vila Agua Branca -1 ; 0  
Vila Concordia -1; 0  
Vila Pedroso -0 ; 2  
Vila Maria Luíza -1 ; 2  
Vila Morais -1, 1

#### OESTE

Aeroviário -1 ; 4

Bairro Goya -2 ; 0  
Bairro Rodoviário -1, 1  
Celina Parque -1 ; 0  
Centro Oeste - 0 ; 1  
Cidade Jardim -3 ; 2  
Conj. Alphaville -1 ; 0  
Conj. Vera Cruz I -0 ; 3  
Conj. Vera Cruz II - 0 ; 2  
Conj. Vera Cruz V-1 ; 0  
Jardim Aritana -1 ; 0  
Jardim Primavera -1 ; 1  
Oeste 0 ; 2  
Parque ind. João Brás -1 ; 1  
Parque Oeste Industrial -1 ; 0  
Parque santa Rita -1 ;0  
Rodoviário -0 ; 1  
Solange Parque -2 ; 0  
Vila aurora -1 ; 0  
Vila Canaã -1 ; 1  
Vila Santa Tereza -1 ; 0

#### NOROESTE

Chac. Rec. São Joaquim -1 ; 0  
Cond. Estrela Dalva -1 ; 0  
Bairro da Vitória -2 ; 1  
Jardim Curitiba ; I - 1 ;2  
Jardim Curitiba II - 0 ;1  
Jardim Curitiba III - 0 ; 2  
Jardim liberdade -1 ; 0  
Novo Planalto -1 ; 0  
Parque Buriti -1 ; 1  
Resid. Prive Nort -1 ;0  
Sit. Rec. Morada do Sol -1 ;0  
Vila Finsocial -2 ; 3  
Vila Multirão - 0 ; 3

#### SUL

Bairro Alto da Glória -1 ; 0  
Conj. Fabiana -1 ;0  
Conj. Riviera - 0 ; 2  
Jardim da luz 1 ;1  
Parque acalanto -1 ;0  
Parque Amazonia -3 ; 2  
Parque Ateneu -3 ; 1  
Parque Flamboyante -1 ; 0

Parque das Laranjeiras -1 ; 2  
Pedro Ludovico- 3 ; 5  
Vila Jardim vitória -1 ;  
Vila Redenção -2 ; 1

#### SUDOESTE

Bairro Alto Paraiso -1 ;0  
Conj. Baliza -1 ;0  
Conj. Cachoeira Dourada -1 ;0  
Faicalville -1 ;0  
Jardim ana Lúcia 1 ; 0  
Jardim Atlântico -1 ; 0  
Jardim Caravelas -1 ; 0  
jardim Europa -3 ; 2  
Jardim Planalto - 0 ;1  
Jardim Vila Boa -1 ; 1  
Parque Ananguera -1 ; 0  
Parque Ananguera II -1 ;0  
Resid. Monte carlos -1 ; 0  
Resid. Itaipu -1 ; 0  
Sudoeste -1 ; 3  
Vila Alvorada -1 ; 0  
Vila Mauá -1 ; 0  
Vila Novo Horizonte - 0 ; 1  
Vila Rosa -1 ; 0  
Vila União -2 ;0

#### NORTE

Chác. Bom Retito -1 ;0  
Conj. Itatiáia -1 ; 1  
Criméia Leste -1 ; 1  
Jardim Guanabara -1 ; 1  
Jardim Guanabara II e III -2 ; 0  
Norte Ferroviário - 0 ; 1  
Santa Genoveva - 4 ; 0  
Setor Mansões do Campus -1 ; 0  
Setor São Judas Tadeu -1 ; 0  
Vila Negrão de Lima -1 ; 0  
Vila Pompéia -1 ; 0

#### MENDANHA

Bairro Capuava -2 ; 2  
Cândida da Moraes -1 ; 0  
Jardim nova esperança -2 ; 1  
Ipiranga -1 ; 0

Perim -1 ; 0  
Santos Dumont -2 ; 0  
Vila Clemente -1 ; 0  
Vila João Vaz -1 ; 0  
Vila Maria Dilce-1 ; 0  
Vila São Paulo -1 ; 0  
Vila São José -2 ; 0  
Vila Regina -1 ; 0

#### VALE DO ME

Balneário Meia-ponte -1 ; 0  
Criméia Oeste -1 ; 2  
Jardim Balneário -1 ; 2  
Jardim Diamantina -1 ; 0  
Fama 0 ; 1  
Funcionários -1 ; 0  
Marechal Rondon -1 ; 0  
Urias magalhaes -1 ; 2  
Vila Irani -1 ; 1  
Vila Isaura -1 ; 0  
Vila Paraíso -1 ; 0  
Vila Santa Helena - 0 ; 1

Falta localizar a região :

Andréia Cristina - 0 ; 1 ( ? )  
Floresta 0 ; 1 ?  
Jardim Aroeiras 0 ; 1  
Jardim Califórnia 0 ; 1  
Jardim Petrópolis - 0 ; 1  
Jardim presidente - 0 ; 1  
Lageado 0 ; 1  
Nossa senhora de Fátima - 0 ; 1  
Parque Santa Cruz 0 ; 1 ?  
São Francisco -0 ; 1  
Vila Abajá - 0 ; 2 ( perto da nova vila?)  
Vila Coronel Cosme 0 ; 1  
Vila Monticelli - 0 ; 1 (perto de campinas ?)  
Vila Osvaldo Rosa 0 ; 1 ( mesmo que vila rosa ?)



**ANEXO 3**

Anexo 3

Relação das escolas da rede estadual que possuem segundo grau na cidade de Goiânia. Que são jurisdiciadas à DEME (delegacia metropolitana de educação).

BAIRRO CENTRAL	ESCOLA	1º. Grau (turno)	2º. Grau (turno)
Aeroporto	C. E. Colemar Natal e Silva -1		
Bueno	E. Bandeirantes -2 C. E. Pol. Modelo de Goiânia -3		
Campinas	C. Inst. Ed. Camp. Pres. Castelo B. -4 D. E. Assis Chateaubriand -5 C. E. Prof. Pedro Gomes -6		
Centro	C. Claretiano Coração de Maria -7 Lyceu de Goiânia -8 C. E. Prof. José Carlos de Almeida -9 D. E. José Honorato -10 C. E. Rui Barbosa -11		
Jardim América	C. E. Deput. José Assis -12 D. E. Prof. Venerando F. Borges -13 C. E. do Jardim América -14		
Jardim Goiás	C. E. Hugo de Carvalho Ramos -15 C. E. São Cristóvão -16		
Nova Vila	C. E. Olga Mansur -17 C. E. Santa Bernadete -18		
Oeste	C. E. Rui Brasil -19 Col. Trib. Pol. Pio XII -20		
Setor Sul -	Bernado Sayão -21		
Universitário -	C. E. Pré vestibular -22- C. E. Murilo Braga -23 Dom Abel -24 E. Pres. Costa e Silva -25		
Vila Nova - C. E.	I E G -26 Ministro Nasser -27		

Jardim Novo Mundo	C. E. Sertor Palmito -28		
Vila M <sup>a</sup> Luiza -	C. E. Vandy C. Carneiro -29		
Vila Morais -	C. Wilma Gonçalves - 30		
Vila Pedroso -	E. E. Juvenal J. Pedroso -31		
Aeroviário	E. Olavo Bilac -32		
Centro Oeste	C. E. Damiana da Cunha -33		
Cidade jardim	C. E. Cultura e Cooperativismo - 34 C. E. Antônio R. G. da Frota -35		
Conjunto Vera Cruz I	C. E. Domingos Batista de Abreu. -36 C. E. Senador Teotônio Vilela.- -37		
Conjunto Vera Cruz II	C. E. Edmundo Rocha -38 C. E. Solon Amaral -39		
Nossa Senhora de Fátima	C. E. Carlos Alberto de Deus - 40		
Parque Ind. João Braz-	C. E. Tancredo Neves -41		
Rodoviário -	C. E. José Lobo -42		
Finsocial	C. Ary Ribeiro Valadão Filho -43 D. E. Setor Finsocial -44 Sebastião A. souza -45		
Jardim Curitiba I	CAIC Arirton Senna -46		
Parque dos Buritis	C. E. Parque dos Buritis -47		
Vila Mutirão	C. E. Edimundo Rocha -48		
Conjunto Riviera	C. E. Irmã Gabriela -49 C. E. Chico Mendes -50		
Parque Amazônia	C. E. Parque Amazônia -51 C. Antônio Oliveira Silva -52		
Parque Ateneu	C. Major Oscar A - 53		
parque das laranjeiras	CAIC Luiz Alberto Vilela -54 C. E. Naly Deusdará -55		
Pedro Ludovico -	C. E. Pedro Xavier Teixeira -56 C. E. Visconde de Mauá -57		

Vila Redenção	C. E. Cora Coralina -58		
Jardim Europa	C. E. Jardim Europa -59		
Jardim Vila Boa	C. E. Jardim Vila Boa -60		
Novo horizonte	C. E. Novo Horizonte -61		
Sudoeste	- Prof. Goiany Prates -62 C. E. Setor Sudoeste -63		
Conj. Itatiaia	C. E. Waldemar Mundim - 64		
Jardim Guanabara	E. E. Jd. Guanabara -65		
Capuava	C. E. Prof. Joaquim C. Ferreira - 66		
Jardim Nova Esperança	E. E. Robinho Martins de Azevedo -67		
Criméia Oeste	C. E. Criméia Oeste - 68		
Jardim Balneário Meia Ponte	C. E. Jd. Bal. Meia Ponte -69		
Fama	Col. Gonçalves Ledo -70		
São Francisco	C. E. Edmundo Pinheiro de Abreu -71		
Urias Magalhães	C. E. Aécio Oliveira andrade -72		
Vila Irani	C. E. Marechal Rondon -73		
Vila Santa Helena	- C. E. Castro Alves -74		
Conjunto Marques de Abreu	C. E. Benedito Lucimar H. Silva -75		
Jardim Petrópolis	C. Alberto Sabin -76		

Porcentagem das escolas públicas da rede estadual que possuem 2º. grau, na cidade de Goiânia. Para pesquisa sobre os adolescentes e a socialização entre eles.

Total de escolas - 76

15 esc. = 19,74 %

12 esc. = 15,79 %

Central  $15 \times 0,35,5 = 5,32$  (5)

Central  $12 = 4,26$  (4)

Leste  $15 \times 0,0526 = 0,79$  (1)

Leste  $12 = 0,63$  (1)

Oeste  $15 \times 0,145 = 2,18$  (2)

Oeste  $12 = 1,74$  (2)

Noroeste  $15 \times 0,0912 = 1,38$  (1)

Noroeste  $12 = 1,11$  (1)

Sul  $15 \times 0,132 = 1,98$  (2)

Sul  $12 = 1,58$  (2)

Sudoeste  $15 \times 0,0658 = 0,99$  (1)

Sudoeste  $12 = 0,79$  (1)

Norte  $15 \times 0,0263 = 0,39$  (1 ?)

Norte  $12 = 0,32$  (1 ?)

Mendonha  $15 \times 0,0263 = 0,39$  (")

Mendonha  $12 = 0,32$  (")

Vale do Me  $15 \times 0,0921 = 1,38$  (1)

Vale de Me  $12 = 1,11$

Sem região  $15 \times 0,0132 = 0,20$

S. Região  $12 = 0,16$

**ANEXO 4**

#### Anexo 4.

Lista das escolas escolhidas, para pesquisa sobre adolescentes na cidade de Goiânia. Depois de uma amostragem por *estratificação por região* as escolas foram escolhidas *aleatoriamente*. Em seguida, a porcentagem das escolas públicas da rede estadual que possuem 2º. grau, na cidade de Goiânia.

<b>Região Central</b>	<b>1º</b>	<b>2º. (alunos)</b>
C.E. Pres. Costa e Silva (25) Setor universitário.	816	2413
I. E. G. (26) Setor Vila Nova.	1001	1321
Lyceu da Goiânia (8) Setor central.	806	2249
C. E. Rui Barbosa (11) Setor Central	414	1422
C. E. Hugo de carvalho Ramos (14) Jardim Goiás.	1261	1601

Central  $15 \times 0,35,5 = 5,32$  (5)

#### **Região Leste**

C. E. Setor Palmito (28) Jardim novo mundo.	699	723
---	-----	-----

Leste  $15 \times 0,0526 = 0,79$  (1)

#### **Região Oeste**

C. E. Solon Amaral (39) j. Vera cruz II	1230	645
D. E. Cultura e Cooperativismo (34)	897	578

Oeste  $15 \times 0,145 = 2,18$  (2)

#### **Região Noroeste**

C. E. Ary Ribeiro Valadão Filho. (42) Finsocial	758	221
---	-----	-----

Noroeste  $15 \times 0,0912 = 1,38$  (1)

#### **Região sul**

C.E Pedro Xavier Teixeira (56) Pedro ludovico.	1078	1394
C A i C Luiz Alberto Vilela (54 ) Pq. Das laranjeiras.	720	909

Sul  $15 \times 0,132 = 1,98$  (2)

#### **Região Sudoeste**

C. E. Prof. Jardim América (62) jardim américa .		1148
718		

Sudoeste  $15 \times 0,0658 = 0,99$  (1)

**Região Norte**

C. E. jardim guanabara (65) J. Guanabara. 736 613

Norte  $15 \times 0,0263 = 0,39 (1)$

**Região do mendanha**

C. E. Prof. Joaquim C. ferreira (66) capuava. 1201 909

Mendanha  $15 \times 0,0263 = 0,39 (1)$

**Região do vale do Me**

C.E Criméia Oeste (68). Criméia Oeste. 762 540

Vale do Me  $15 \times 0,0921 = 1,38 (1)$

(conj. Marque de Abreu)  $15 \times 0,0132 = 0,20$

**Total de escolas - 76**

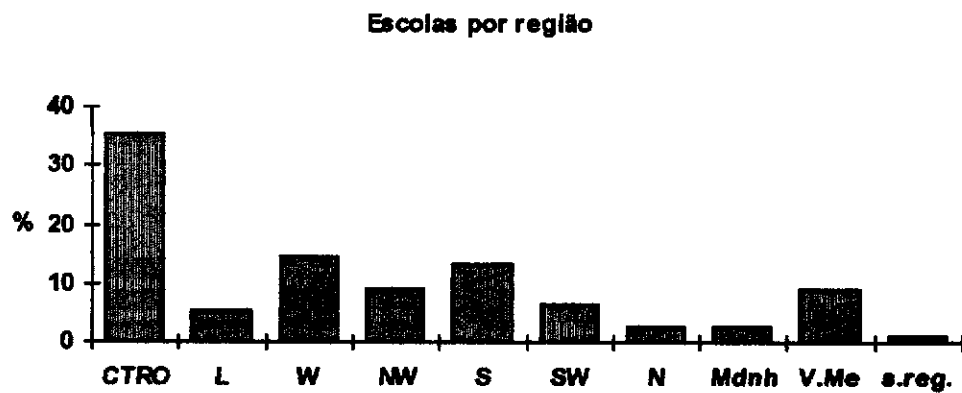
15 esc. = 19,74.



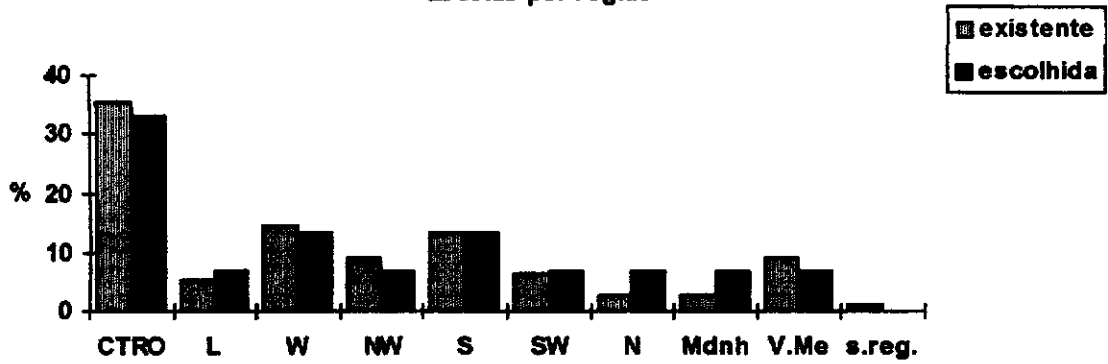
**ANEXO 5**

## Anexo 5

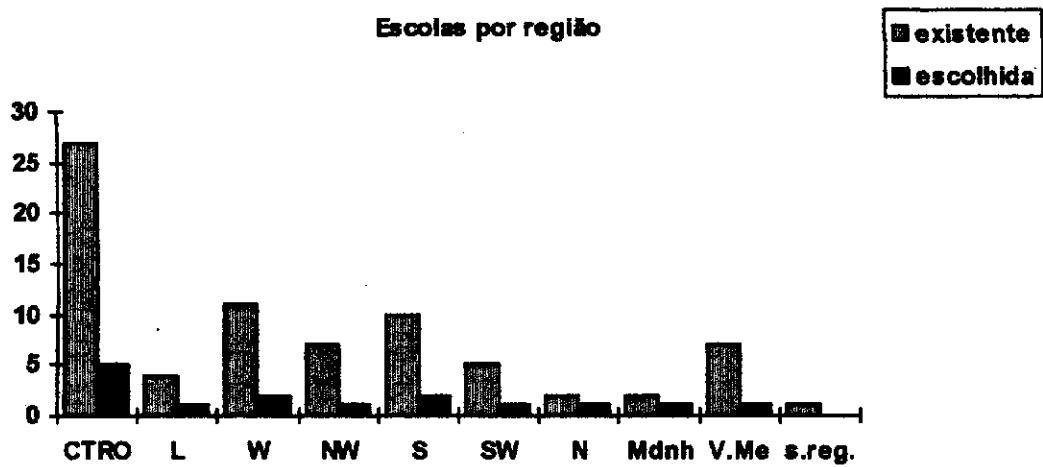
Gráficos das escolas escolhidas por região.



Escolas por região



Escolas por região



**ANEXO 6**

Anexo 6

**ATENÇÃO**

**-Leia atentamente cada uma das questões e todas as respostas, antes de responder.**

**-Por favor, responda todas as questões.**

Nome.....

Escola.....

Série..... Turno.....

**1 - Quantos anos você completou no seu último aniversário ?**

.....anos.

**2 - Qual é o seu sexo?**

1 - ( ) Masculino      2 - ( ) Feminino

**3- Com que idade você iniciou sua vida escolar ?**

.....anos.

**4- Com quem você mora ?( assinale, se for o caso, mais de uma alternativa)**

- 1 - ( ) Com meus pais.
- 2 - ( ) Com meu esposo ou esposa.
- 3 - ( ) Com minha irmã ou irmão . Quantos.....
- 4 - ( ) Sozinho.
- 5 - ( ) Padrasto / Madrasta.
- 6 - ( ) Outros. Qual.....

**5 - Quem é a pessoa principal no sustento da sua família ?**

- 1 - ( ) Meu pai.
- 2 - ( ) Minha Mãe.
- 3 - ( ) Meus Pais.
- 4 - ( ) Eu.
- 5 - ( ) Eu e Meu esposo.
- 6 - ( ) Eu e meus irmãos.
- 7 - ( ) Meu irmão e minha irmã.
- 8 - ( ) Outra pessoa fora da minha família. Quem.....
- 9 - ( ) Não sei informar.

**6- Qual foi o último grau da escola que essa pessoa que sustenta a família cursou ?**

- 1-( ) Não sabe nem ler nem escrever.
- 2-( ) Cursou até a 4ª série do primário.
- 3-( ) Cursou até a 8ª série do ginásio.
- 4-( ) Não completou o 2º grau.
- 5-( ) Completou o 2º grau.
- 6-( ) Não completou a faculdade.
- 7-( ) Completou a faculdade.
- 8-( ) Não sei informar.

**7- Na casa de sua família tem :**

- 1-TV a cores. Quantos?.....
- 2-Banheiros dentro de casa. Quantos?.....
- 3-Chuveiro elétrico. Quantos?.....
- 4-Empregadas(dos) mensalistas. Quantos?.....
- 5-Rádio. Quantos?.....
- 6-Aparelho de som. Quantos?.....
- 7-Carro. Quantos?.....

**8-Você trabalha atualmente ?**

- 1-( ) Sim    2-( ) Não    3-( ) Nunca trabalhei

**9- Com que idade você começou a trabalhar para ganhar dinheiro?**

- 1-.....anos. 2-( ) nunca trabalhei

**10-Onde você nasceu ?**

- 1-( ) Goiânia.
- 2-( ) No interior de Goiás. Qual cidade.....
- 3-( ) Em outro estado : A-( ) capital B-( ) interior

**11- Há quanto tempo você vive na cidade de Goiânia ?**

- 1-( ) Há menos de um ano.
- 2-( ) Há menos de cinco anos.
- 3-( ) Há mais de dez anos.
- 4-( ) Sempre morei em Goiânia.

**12- Você faz alguma outra atividade de estudo fora da escola ? *marque a(s) que você faz.***

- 1-( ) Aula particular de reforço.
- 2-( ) Inglês.
- 3-( ) Informática.
- 4-( ) Datilografia.
- 5-( ) Esportes.
- 6-( ) Ginástica.
- 7-( ) Nenhuma.
- 8-( ) Outros. Quais.....

**13- Em que lugar, principalmente, você conheceu a maioria dos seus amigos?**

- 1-( ) Na rua onde você mora.
- 2-( ) Na escola.
- 3- 3-( ) No prédio onde você mora.
- 4- 4-( ) No trabalho.
- 5- 5-( ) Na família.
- 6- 6-( ) Em todos os lugares .

**14- De qual igreja ou organização religiosa você participa hoje?**

- 1-( ) Católica
- 2-( ) Evangélica.
- 3-( ) Espirita..
- 4-( ) Outra. Qual.....
- 5-( ) Não participo de nenhuma igreja.

**15- Com que frequência você vai as cerimônias religiosas?**

- 1-( ) Diariamente. 2-( ) Semanalmente. 3-( ) Mensalmente. 4-( ) Não vou.

**16- você participar de algum grupo de jovens?**

- 1-( ) Sim. Qual..... 2 - ( ) Não

**17- O que você conhece da cidade em que você mora.?**

- 1-( ) Só o meu setor.
- 2-( ) Só o meu setor e alguns setores vizinhos.
- 3-( ) Meu setor e o centro da cidade.
- 4-( ) Só o centro.
- 5-( ) Praticamente toda cidade.

**18- Aonde você mais vai em Goiânia?**

- 1- ( ) Parques
- 2- ( ) Estádio
- 3- ( ) Shopping
- 4- ( ) Bares.
- 5- ( ) Fliperama. "fliper"
- 6- ( ) Outros. Quais.....

**19- Na sua rua ,os vizinhos:**

- 1- ( ) Todos se conhecem.
- 2- ( ) Se conhecem mas não se falam.
- 3- ( ) Se conhecem e se relacionam muito.
- 4- ( ) Não se conhecem.

**20- No seu setor, as festas de rua :**

- 1- ( ) Acontecem sempre.
- 2- ( ) Acontecem poucas.
- 3- ( ) Não acontece nenhuma festa no meu bairro.

**21- -Você vai a festa da pecuária em Goiânia ?**

- 1- ( ) Sim
- 2- ( ) Não

**22 - Com que frequência você vai a pecuária?**

- 1- ( ) Todo ano só uma vez.
- 2- ( ) Só nos finais de semana.
- 3- ( ) Todo dia se possível.
- 4- ( ) Se der para ir tudo bem, não faço questão.
- 5- ( ) Não vou a pecuária.

**23- Você vai a festa do Divino em Trindade:**

- 1- ( ) Sim.
- 2- ( ) Não

**24- Que tipo de música você mais gosta ? (Enumere de 1 até 3 de acordo com a sua preferência)**

- 1- ( ) Funk
- 2- ( ) Sertaneja
- 3- ( ) Rock
- 4- ( ) Clássica
- 5- ( ) Baiana
- 6- ( ) MPB
- 7- ( ) Pagode



- 8- ( ) Country
- 9- ( ) outras. Quais.....

**25- Você costuma ir ao cinema?**

- 1- ( ) Sim
- 2- ( ) Não

**26- Com que frequência você vai ao cinema?**

- 1- ( ) 1 vez por semana.
- 2- ( ) Mais de 1 vez por semana.
- 3- ( ) 1 vez por mês.
- 4- ( ) De 15 em 15 dias.
- 5- ( ) Só nas férias.
- 6- ( ) Não vou ao cinema.

**27- O que você gosta de ler ? : (Enumere de 1 até 3 de acordo com a sua preferência)**

- 1- ( ) Revistas. Quais.....
- 2- ( ) Jornal. Quais.....
- 3- ( ) Livros. Quais.....
- 4- ( ) Quadrinhos. Quais.....
- 5- ( ) Não leio.

**28- Quantos livros você leu nos últimos 6 meses?**

- 1- ( ) 1 livro.
- 2- ( ) 2 livros.
- 3- ( ) 3 livros.
- 4- ( ) Mais de 3 livros
- 5- ( ) Não leio livros.

**29- Quantas horas você costuma ver TV por dia ?**

- 1- ( ) Menos de uma hora
- 2- ( ) 1 hora.
- 3- ( ) 2 horas
- 4- ( ) 3 horas
- 5- ( ) Mais de 3 horas.

**30- Quando você vê TV, que tipo de programa você prefere assistir.**

- 1- ( ) Desenho.
- 2- ( ) Filmes.
- 3- ( ) Esportes.
- 4- ( ) Novelas.
- 5- ( ) Programas de auditório.
- 6- ( ) Entrevistas.
- 7- ( ) Noticiário.
- 8- ( ) Outros. Qual.....

**31-Entre você e seus amigos, o assunto mais comum é:**

- 1-( ) sexo.
- 2-( ) Namoro.
- 3-( ) Problemas com a família
- 3-( ) Escola
- 4-( ) Situação do Brasil e política em geral.
- 5-( ) Outros. Qual.....

**32-Quando precisa conversar, está triste, com problemas ou mesmo feliz, se dirige primeiramente a:**

- 1-( ) Seu pai.
- 2-( ) Sua mãe.
- 3-( ) Um/uma irmão/irmã.
- 4-( ) Um/a amigo/a .
- 5-( ) Outra pessoa. Quem.....

**33-Você costuma sair:**

- 1-( ) Sozinho.
- 2-( ) Com seus pais.
- 3-( ) Com algum parente.
- 4-( ) Com um ou dois amigos.
- 5-( ) Com a turma.

**34-Em geral, você faz programas com sua família (pais e irmãos)?**

- 1-( ) Nunca.
- 2-( ) Só quando meus pais me obrigam.
- 3-( ) Pouca vezes.
- 4-( ) Frequentemente saímos juntos.

**35- Você tem sua "turma" ?**

- 1-( ) Sim.
- 2-( ) Não.

**36- Quando você anda de "turma", você fica mais:**

- 1-( ) Divertido.
- 2-( ) Corajoso.
- 3-( ) Tímido.
- 4-( ) Convencido.
- 5-( ) Não ando em turma.

6- ( ) Outros. O que.....

**37- Quando você se sente melhor?**

- 1- ( ) Sozinho.
- 2- ( ) Com a família.
- 3- ( ) Com os amigos.
- 4- ( ) Com a turma.
- 5- ( ) Outros. Quais.....

**38- Por que você estuda?**

- 1- ( ) Acho importante para minha vida.
- 2- ( ) Meus pais me obrigam.
- 3- ( ) Muitos dos meus amigos estudam.
- 4- ( ) Nunca pensei no assunto.

**39- Quanto a educação dada por seus pais, você a considera como:**

- 1- ( ) Muito tradicional, antiquada mesmo.
- 2- ( ) Tradicional em algumas coisas, moderna em outras.
- 3- ( ) Muito moderna, liberal, deixam-me livre para fazer as coisas.
- 4- ( ) Contraditória e confusa, deixando-me inseguro em muitas coisas.

**40- Uma pessoa é mais independente quando pode:**

- 1- ( ) Sair e chegar a hora que quer.
- 2- ( ) Pagar as contas.
- 3- ( ) Comprar o que quiser.
- 4- ( ) Fazer tudo que quiser.
- 5- ( ) Outro. O que.....

**41- Apesar de estarmos Goiânia, a capital do estado, é fácil reconhecer a presença de comportamentos que se aproximam muito de aspectos ligados ao rural.**

- 1- ( ) Concordo
- 2- ( ) Discordo

**42- Onde você acredita que esteja o traço mais forte de Goiânia:**

- 1- ( ) No modo de falar de seu povo.
- 2- ( ) Nas festas de rua.
- 3- ( ) Nas festas religiosas
- 4- ( ) Na música.
- 5- ( ) Na comida.
- 6- ( ) Outros. Quais.....

**43 -Aqui em Goiânia a 10 anos atrás houve um grave acidente com radioatividade, mais conhecido como o acidente do Césio 137. Sobre esse assunto você:**

- 1- ( ) Não me lembro do caso.

- 2-( ) Lembro, mas vagamente.
- 3-( ) Não dá para esquecer um fato como esse.

**44 - Com relação ao acidente do Césio 137, você acha que:**

- 1-( ) Foi uma questão de falta de sorte.
- 2-( ) Os donos do aparelho foram irresponsáveis ao deixá-lo em local não apropriado.
- 3-( ) Os catadores de ferro velho é que não deveriam ter mexido no aparelho.
- 4-( ) Não tenho opinião formada sobre o assunto.

**45- Você costuma acompanhar o que acontece na política?**

- 1-( ) Sim
- 2-( ) Não

**46-Para uma cidade demonstrar progresso, é preciso:**

- 1-( ) Que as pessoas sejam educadas.
- 2-( ) Ter muitos carros novos e importados nas ruas.
- 3-( ) Que não haja corrupção.
- 4-( ) Que as pessoas tenham dinheiro.

**47- Qual a forma de se saber que uma pessoa progrediu na vida?**

- 1-( ) Quando ela se formou.
- 2-( ) Quando ela se casou.
- 3-( ) Quando ela arranhou um emprego.
- 4-( ) Quando ela comprou um carro.
- 5-( ) Outros. Quais.....

**48- Na sua opinião o que é ser moderno?**

- 1-( ) Vestir-se na última moda.
- 2-( ) Entender de tecnologia.
- 3-( ) Ter aparelhos (modernos) que facilitam a sua vida
- 4-( ) Outros. Quais.....

**49- Para você o que expressa avanço tecnológico**

- 1-( ) Abertura de novas indústrias.
- 2-( ) Exército bem aparelhado com armas mais modernas.
- 3-( ) Construção de usinas nucleares.
- 4-( ) Melhor qualidade de vida obtido através de aparelhos eletrodomésticos.
- 5-( ) Informatização.
- 6-( ) Outros. Quais.....

**50 - Quando você vê alguém vestido de Cauboy, você :**

- 1-( ) Acha lindo.
- 2-( ) Acha feio.
- 3-( ) Pensa em usar uma roupa igual.
- 4-( ) Pensa: como alguém pode se vestir assim?



**ANEXO 7**

Anexo 7

Tabelas com o resultado do questionário.

Escola	%
colu	4,23
ieg	5,63
liceu	4,23
rui barbosa	4,23
hugo de carvalho ramos	4,23
setor palmito	9,15
solon amarel	7,04
cultura e corporativismo	7,04
ari valadão	7,75
pedro xavier teixeira	8,45
luiz alberto vilela	5,63
jardim américa	7,04
jardim guanabara	8,45
joaquim carvalho teixeira	8,45
crimeia oeste	8,45

bairro	%
universitário	4,23
vila nova	5,63
central	8,45
jd goias	4,23
jd novo mundo	9,15
vera cruz 2	7,04
cid jardim	7,04
finsocial	7,75
pedro ludovico	8,45
pq das laranjeiras	5,63
jardim américa	7,04
jd guanabara	8,45
capuava	8,45
crimeia oeste	8,45

regiao	%
central	22,45
leste	9,15
oeste	14,08
noroeste	7,75
sul	14,08
sudoeste	7,04
norte	8,45
mendanha	7,45
mé	7,45

sexo	%
masculino	42,96
feminino	57,04

idade (anos)	%
10	0,70
11	4,23
12	3,52
13	8,45
14	12,68
15	21,13
16	23,24
17	12,68
18	8,45
19	2,82
20	2,11

série	%
6a	9,86
7a	14,08
8a	15,49
1o	23,24
2o	21,13
3o	16,20

Com que idade iniciou sua vida escolar	%
2	1,41
3	7,75
4	13,38
5	30,99
6	31,69
7	11,27
8	2,11
9	0
10	1,41

Com quem mora	%
pais	88,76
esposo(a)	1,41
irmão (ã)	2,11
sozinho	0
padrasto (madrasta)	1,41
outros	6,34



<b>principal sustento da família</b>	<b>%</b>
pai	38,73
mãe	19,01
pais	33,1
eu	0,7
eu e meu esposo (a)	1,41
eu e meus irmãos	0,7
meus irmãos	2,11
outra pessoa fora da família	2,82
não sei	1,4

<b>escolaridade da pessoa que sustenta a família</b>	<b>%</b>
não sabe ler nem escrever	2,82
4a série do 1o grau	19,01
8a série do 1o grau	19,01
não completou o 2o grau	8,45
completou o 2o grau	21,13
não completou a faculdade	4,23
completou a faculdade	9,15
não sei informar	13,38
outros	2,11

<b>voce trabalha atualmente</b>	<b>%</b>
sim	26,06
não	73,24
não respondeu	0,7

<b>com que idade começou a trabalhar</b>	<b>%</b>
nunca trabalhei	50,7
7	0,7
8	0,7
9	0
10	2,82
11	2,11
12	7,04
13	9,86
14	11,27
15	7,04
16	4,23
17	3,52

onde nasceu	%
Goiânia	76,05
Interior de Goiás	8,45
Outro estado	15,5

Há quanto tempo vive em Goiânia	%
menos de 1 ano	2,82
menos de 5 anos	14,79
mais de 10 anos	19,01
sempre	63,38

Faz alguma atividade fora da escola	%
aula de reforço	1,41
inglês	2,82
informática	7,75
datilografia	2,82
esporte	24,65
ginástica	1,41
nenhuma	37,32
outros	21,82

Em que lugar você conheceu a maioria de seus amigos	%
Na rua onde mora	19,72
Na escola	36,62
No prédio onde mora	2,11
No trabalho	0,7
Na família	4,23
Em todos os lugares	35,21
Não respondeu	1,41

De qual igreja ou organização religiosa voce participa	%
Católica	49,3
Evangélica	27,46
Espírita	4,23
Outra	7,04
Não participo de nenhuma	11,97

Com que frequência você vai às cerimônias religiosas	%
Diariamente	20,42
Semanalmente	50,7
Mensalmente	11,27
Não vou	17,61

<b>Você participa de algum grupo de jovens</b>	<b>%</b>
Sim	33,8
Não	66,2

<b>O que você conhece da cidade onde mora</b>	<b>%</b>
Só o meu setor	4,23
O meu setor e alguns setores vizinhos	15,49
O meu setor e o centro	23,24
Só o centro	0,7
Praticamente toda a cidade	56,34

<b>Onde você mais vai em Goiânia</b>	<b>%</b>
Parques	6,34
Estádio	4,23
Shopping	49,3
Bar	12,68
Filiperama	5,62
Outros	19,01
Não respondeu	2,82

<b>Na sua rua os vizinhos:</b>	<b>%</b>
Todos se conhecem	48,6
Se conhecem mas não se falam	28,87
Se conhecem e se relacionam muito	15,49
Não se conhecem	7,04

<b>No seu setor as festas de rua:</b>	<b>%</b>
Acontecem sempre	24,65
Acontecem poucas	58,45
Não acontece nenhuma festa	16,9

<b>Você vai à festa da pecuária em Goiânia</b>	<b>%</b>
Sim	66,2
Não	33,8

<b>Com que frequência você vai à pecuária</b>	<b>%</b>
Todo ano só uma vez	21,83
Só nos finais de semana	16,2
Todo dia se possível	14,08
Se der para ir tudo bem, não faço questão	21,83
Não vou	26,06

<b>Você vai à festa do Divino em Trindade</b>	<b>%</b>
Sim	43,66
Não	55,64
Não respondeu	0,7

<b>Que tipo de música você mais gosta</b>	<b>%</b>
Funk	9,15
Sertaneja	19,72
Rock	9,86
Cássica	7,04
Baiana	16,2
MPB	3,52
Pagode	11,27
Country	1,41
Outras	7,04
Evangélica	8,45
Rap	0,7
não respondeu	5,63

<b>você costuma ir ao cinema?</b>	<b>%</b>
sim	59,16
não	40,14
não respondeu	0,7

<b>Com que frequência vai ao cinema</b>	<b>%</b>
1 vez por semana	8,45
mais de 1 vez por semana	1,41
1 vez por mês	20,42
de 15 em 15 dias	10,56
só nas férias	30,99
não vou	28,17

<b>O que você gosta de ler</b>	<b>%</b>
revista	36,62
jornal	11,27
livro	20,42
quadrinho	11,97
não leio	5,63
não respondeu	14,08

Quantos livros leu nos últimos 6 meses	%
1	19,01
2	21,83
3	16,9
mais de 3	32,39
não leu	9,86

Quantas horas de TV costuma ver por dia	%
menos de 1	9,15
1	9,15
2	22,54
3	17,61
mais de 3	41,55

Quando ve TV, que tipo de programa prefere assistir	%
desenho	5,63
filme	35,21
esporte	12,68
novela	14,08
programa de auditório	2,82
entrevista	4,23
noticiário	15,49
outros	2,82
não respondeu	7,04

Entre você e seus amigos, o assunto mais comum é	%
sexo	9,15
namoro	41,55
problemas com a família	26,06
escola	7,04
situação do Brasil e política em geral	12,68
não respondeu	3,52

Quando precisa conversar, se dirige primeiro à	%
seu pai	4,23
sua mãe	28,17
um irmão (ã)	10,56
um amigo (a)	45,07
outra pessoa	11,97

<b>Você costuma sair</b>	<b>%</b>
sozinho	9,86
com seus pais	15,49
com algum parente	11,27
com um ou dois amigos	34,51
com a turma	27,46
não respondeu	1,41

<b>Em geral, você faz programas com a sua família</b>	<b>%</b>
nunca	9,15
só quando meus pais obrigam	2,82
poucas vezes	52,82
frequentemente	35,21

<b>Você tem sua turma</b>	<b>%</b>
sim	69,72
não	30,28

<b>Quando você anda de turma, você fica mais</b>	<b>%</b>
divertido	64,08
corajoso	4,23
tímido	2,11
convencido	0
não anda em turma	25,35
outros	3,52
não respondeu	0,7

<b>Quando você se sente melhor</b>	<b>%</b>
sozinho	16,9
com a família	33,1
com os amigos	34,51
com a turma	8,45
outros	5,63
não respondeu	1,41

<b>Por que você estuda</b>	<b>%</b>
acho importante para minha vida	95,78
meus pais me obrigam	0,7
muitos dos meus amigos estudam	0
nunca pensei no assunto	2,82
não respondeu	0,7

Quanto à educação dada por seus pais, você a considera como	%
muito tradicional	9,15
tradicional em algumas coisas, modernas em outras	57,75
muito moderna, liberal	22,54
contraditória e confusa, deixando-me inseguro em muitas coisas	10,56

Uma pessoa é mais independente quando pode	%
sair e chegar a hora que quer	13,38
pagar as contas	31,69
comprar o que quiser	4,23
fazer tudo o que quiser	33,8
outro	16,2
não respondeu	0,7

Apesar de estarmos em Goiânia, a capital do estado, é fácil	%
concordo	74,65
discordo	24,65
não respondeu	0,7

Onde você acredita que esteja o traço mais forte de Goiânia	%
No modo de falar de seu povo	31,69
nas festas de rua	4,23
nas festas religiosas	16,9
na música	23,94
na comida	16,2
outros	5,63
não respondeu	1,41

Aqui em Goiânia, 10 anos atrás houve um grave acidente com	%
não me lembro do caso	27,46
lembro, mas vagamente	30,99
não dá para esquecer um caso como esse	40,85
não respondeu	0,7

<b>Com relação ao Césio 137, você acha que</b>	<b>%</b>
foi uma questão de falta de sorte	2,11
os donos do aparelho foram irresponsáveis	59,15
os catadores de ferro velho é que não deveriam ter mexido no aparelho	6,34
não tenho opinião formada sobre o assunto	32,39

<b>Você costuma acompanhar o que acontece na política</b>	<b>%</b>
sim	63,68
não	36,62

<b>Para uma cidade demonstrar progresso é preciso</b>	<b>%</b>
que as pessoas sejam educadas	32,39
ter muitos carros novos e importados nas ruas	0
que não haja corrupção	63,38
que as pessoas tenham dinheiro	2,11
não respondeu	2,11

<b>Qual a forma de se saber que uma pessoa progrediu na vida</b>	<b>%</b>
quando ela se formou	68,31
quando ela se casou	1,41
quando ela arranhou um emprego	18,31
quando ela comprou um carro	2,82
outros	7,75
não respondeu	1,41

<b>Na sua opinião, o que é ser moderno</b>	<b>%</b>
vestir-se na última moda	9,86
entender de tecnologia	52,11
ter aparelhos que facilitem a sua vida	21,13
outros	16,9



<b>Para você, o que expressa avanço tecnológico</b>	<b>%</b>
abertura de novas indústrias	21,83
exército bem aparelhado, com armas modernas	2,11
construção de usinas nucleares	2,82
melhor qualidade de vida, obtida através de aparelhos eletrodomésticos	23,94
informatização	43,66
outros	4,93
não respondeu	0,7

<b>Quando ve alguém vestido de cowboy, você</b>	<b>%</b>
acha lindo	38,03
acha feio	19,01
pensa em usar uma roupa igual	11,97
pensa: como alguém pode se vestir assim?	29,58
não respondeu	1,41

<b>A cultura é uma herança deixada por nossos pais e avós, que poderíamos</b>	<b>%</b>
concordo	85,92
discordo	14,08